



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ORAÇÕES COMPLEXAS EM AKWEN-XERENTE (JÊ)

Kêt Simas Frazão

Brasília, DF

2020

Kêt Simas Frazão

ORAÇÕES COMPLEXAS EM AKWEN-XERENTE (JÊ)

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Brasília, DF

2020

Kêth Simas Frazão

ORAÇÕES COMPLEXAS EM AKWEN-XERENTE (JÊ)

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Comissão examinadora:

Professora Doutora Daniele Marcelle Grannier (UnB) – Presidente

Professora Doutora Edineide Silva (UFAL) – Membro externo

Professor Doutor Sinval Martins de Sousa Filho (UFG) – Membro externo

Professora Doutora Walkíria Neiva Praça (UnB) – Membro interno

Professora Doutora Denise Elena Garcia da Silva (UnB) – Suplente

Brasília, DF

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Frazão, Kát Simas
FF848o Orações complexas em Akwẽ-Xerente (Jê) / Kát Simas
Frazão; orientador Daniele Marcelle Grannier. -- Brasília,
2020.
167 p.

Tese (Doutorado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Morfossintaxe. 2. Orações complexas. 3. Marcação de
caso. 4. Akwẽ-Xerente. 5. Língua indígena. I. Grannier,
Daniele Marcelle, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fonte de vida e de tudo que é bom e perfeito (S. Tiago 1,17).

Aos meus pais, pelo amor incondicional, por terem me ensinado a olhar os desafios da vida com confiança e esperança.

Aos meus familiares, pelo apoio e incentivo na realização deste projeto.

À orientadora deste trabalho, Professora Daniele Marcelle Grannier, pela dedicação, apoio, respeito e conhecimento compartilhados, pelo incentivo constante ao aperfeiçoamento dos estudos e da minha atitude investigadora. Obrigada por investir seu tempo e sua energia em me orientar durante estes anos em que temos trabalhado juntas para conhecer melhor a língua Akwê-Xerente.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL, pelos conhecimentos compartilhados e por serem uma referência de dedicação e excelência no trabalho que realizam.

Ao pessoal da Secretaria do PPGL, pelo atendimento sempre solícito e pronto às minhas dúvidas e demandas.

Aos colaboradores, Aparecida de Brito Xerente, Sinval Waikazate, Antonio Samuru, Wakedi Brito Xerente e Eneida Brupahi, e às respectivas famílias, pela ajuda desde os primeiros contatos com seu povo, pela paciência em ensinar a sua língua e em esclarecer as minhas dúvidas. Obrigada pelo incentivo a mim demonstrado em cada progresso.

Ao povo Akwê, por haver preservado sua riqueza cultural e linguística e por compartilhá-la de forma tão natural.

Aos amigos e colegas de curso Janete, Kaoru, Murilo, Noriko e Keity, pelo companheirismo, pelas trocas que acontecem sempre que estamos juntos e pelo apoio mútuo que experimentamos desde que nos conhecemos.

Aos amigos da Liga pela presença, compreensão e amor incondicionais e por tudo que significam para mim.

Aos amigos Fernanda e Michel pelo super apoio e pela ajuda com hard and soft things.

Aos amigos e colegas de trabalho, pelo estímulo à conclusão desta fase de estudos. Ao Octávio, pelo apoio e por compreender as minhas ausências. À turma do Simpósio, pelas boas risadas e pelo tempo de relaxamento necessário para seguir focada no essencial.

Aos amigos de sempre e de longa caminhada, por significarem um lugar seguro a retornar. Obrigada pelos muitos e renovadores diálogos, pelas ideias inusitadas e por, de maneiras diferentes, estarem sempre perto.

“Now that more is known about ways in which languages vary, it is time to sharpen our tools so that we may move on to understanding the forces that shape the grammatical structures we find.”
(MITHUM E CHAFE, 1999, p. 569)

RESUMO

O presente trabalho objetiva o estudo das orações complexas na língua Akwê-Xerente, idioma pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê e à família linguística Jê, integrando, especificamente, o ramo Jê-Central. A investigação está fundamentada no quadro teórico tipológico-funcional, em especial, Givón (2001), Dixon (1994, 2010), Dixon e Aikhenvald (2000), Payne (1997, 2006). A pesquisa enfoca aspectos semânticos e sintáticos identificados no contexto de integração oracional, orientada pela premissa teórica apresentada em Givón (2001) de que a percepção de integração semântico-cognitiva dos eventos pode se espelhar na integração gramatical desses mesmos eventos, em diferentes graus. Com essa perspectiva, serão analisadas orações com verbos seriais, relativas, de complemento, adverbiais e coordenadas. O desenvolvimento da análise desses tipos, evidenciou diversas propriedades relacionadas ao protótipo gramatical que coloca em evidência peculiaridades da gramática do Xerente relacionadas à organização e à identificação dos tipos de orações na língua. Em especial, será demonstrado como a língua realiza a distinção entre a oração básica e as demais, notadamente, pelo uso de recursos de codificação gramatical explícita, por exemplo, a marcação de caso das relações gramaticais, cuja organização agrega subsídios para a identificação de um sistema cindido, motivado pelo tipo de oração, intransitiva ou transitiva, em contexto de subordinação.

Palavras-chave: Morfossintaxe. Orações complexas. Marcação de caso. Akwê-Xerente. Língua indígena.

ABSTRACT

The present work aims to study the complex sentences in the Akwẽ-Xerente language, a language belonging to the Macro-Jê stock and to the Jê family, specifically integrating the Jê-Central branch. The investigation is based on the theoretical typological-functional framework, particularly Givón (2001), Dixon (1994, 2010), Dixon and Aikhenvald (2000), Payne (1997, 2006). The research focuses on semantic and syntactic aspects identified in the context of clause combinations, guided by the theoretical premise exposed in Givón (2001) that the perception of semantic-cognitive integration of events can be mirrored in the grammatical integration of these same events, in different degrees. With this perspective, serial verb constructions, relative clauses, complement clauses, adverbial clauses and coordinate clauses will be analyzed. The development of the analysis of these constructions, identified several properties related to the grammatical prototype that highlight the peculiarities of Xerente's grammar related to the organization and identification of the types of sentences in the language. In particular, it will be demonstrated how the language distinguishes between basic clause and others, notably through the use of overt coding devices, for example, the marking of grammatical relations, whose organization adds subsidies for the identification of a split system, motivated by the type of sentence, intransitive or transitive, in a context of subordination.

Keywords: Morphosyntax. Complex sentences. Case marking. Akwẽ-Xerente. Indigenous language.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Correlação fonema - grafema na língua Xerente	57
Quadro 2 – Pronomes pessoais livres Xerente	61
Quadro 3 – Afixos pessoais em orações declarativas - Mattos (2005, 2012).....	62
Quadro 4 – Marcadores e Prefixos Pessoais - Sousa Filho (2007).....	65
Quadro 5 – Pronomes Pessoais - Cotrim (2016)	66
Quadro 6 – Comparação prefixos pessoais Sousa Filho e Cotrim.....	67
Quadro 7 – Comparação prefixos pessoais em diversos autores	67
Quadro 8 – Pronomes e marcadores pessoais em oração independente	71
Quadro 9 – Prefixos pessoais em oração independente	72
Quadro 10 – Prefixos Pessoais	75
Quadro 11 – Expressão de Tempo, Aspecto, Modo e Pessoa da língua Xerente	79
Quadro 12 – Expressão de pessoa, aspecto e modo em Xerente	82
Quadro 13 – Verbos transitivos supletivos	88
Quadro 14 – Verbos intransitivos supletivos.....	88
Quadro 15 – Formas finitas e não finitas de verbos Xerente.....	89
Quadro 16 – Cisão no alinhamento das relações gramaticais em Xerente	128

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>Figura 1 – Representação da antiga aldeia Akwê</u>	21
<u>Figura 2 – Mapa do Tocantins: localização das reservas Xerente e Funil</u>	22
<u>Figura 3 – Formas da pintura corporal Xerente</u>	24
<u>Figura 4 – Escala de complementação</u>	46
<u>Figura 5 – Hierarquia de Transitividade</u>	49
<u>Figura 6 – Esquema estrutural da realização das marcas pessoais em Xerente</u>	77
<u>Figura 7 – Esquema da oração complemento com VI na subordinada</u>	129
<u>Figura 8 – Esquema da oração complemento com VT na subordinada</u>	129
<u>Figura 9 – Esquema da oração relativa com VI na subordinada</u>	129
<u>Figura 10 – Esquema da oração relativa com VT na subordinada</u>	129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL = ablativo.

ABS = absolutivo.

ACUS = acusativo.

ADV = advérbio.

AGNT = agente.

ALA = alativo.

ASS = associativo.

AUM = aumentativo.

CL = consoante de ligação.

COM = comitativo.

COMPL = complemento.

COND = condicional.

CONJ = conjunção.

CONT = continuativo.

COP = cópula.

CVS = construção de verbos seriais.

DAT = dativo.

DEM = demonstrativo.

DIM = diminutivo.

DIR = direcional.

DISTR = distributivo.

DU = dual.

ENF = enfático.

ERG = ergativo.

EST = estativo.

EVD = evidencial.

FIN = finalidade.

FOC = foco.

FUT = futuro.

HAB = habitual.

IMP = imperfeito.

INCL = pessoa inclusiva.

INCOA = incoativo.

INES = inessivo.

INSTR = instrumental.

INT = interrogativo.

INT.F = interrogativo (fala feminina).

INTENS = intensificador.

IRR = irrealis.

LOC = locativo.

NEG = negação.

NF = forma não-finita.

NMZ = nominalização.

NOM = nominativo.

NSG = não-singular.

OC = oração complemento.

OJ = oração justaposta.

OP = oração principal.

OR = oração relativa.

PAC = paciente.

PART = partitivo.

PASS = pretérito.

PERF = perfectivo.

PIH = partícula de indeterminação humana.

PL = plural.

POSP = posposição.

POSS = possessivo.

PRED = predicativo.

PRIV = privativo.

PROG = progressivo.

PRON = pronome.

PROP = propósito.

R = relacional.

REC = recíproco.

REFL = reflexivo.

REL = relativo.

RLS = realis.

SG = singular.

SUB = subordinador.

TOP = tópico.

TRANSL = translativo.

VI = verbo intransitivo

VL = vogal de ligação.

VT = verbo transitivo

SUMÁRIO

ABSTRACT	8
LISTA DE QUADROS	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
SUMÁRIO	15
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Objetivos da pesquisa.....	19
1.2 Contribuição do presente estudo.....	19
1.3 A língua e o povo Akwê-Xerente.....	21
1.4 Situação sociolinguística.....	24
1.5 Estudos linguísticos anteriores.....	26
2 METODOLOGIA	28
2.1 Trabalho de Campo.....	29
2.2 Colaboradores.....	32
2.3 Corpus.....	33
2.4 Organização do trabalho.....	35
3 QUADRO TEÓRICO	36
3.1 Os verbos.....	36
3.1.1 A categorização verbal segundo Givón (2001).....	37
3.1.2 Orações com complementos oracionais.....	40
3.1.2.1 Verbos de manipulação.....	40
3.1.2.2 Verbos de modalidade.....	41
3.1.2.3 Verbos de percepção, cognição e enunciação (PCU).....	43
3.1.2.4 A codificação sintática da complementação.....	44
3.1.3 Outras complexidades.....	46
3.1.3.1 Orações com verbos seriais.....	46
3.1.3.2 Incorporação de marcadores de caso.....	47

3.2	Sistemas de marcação de caso	48
3.2.1	Ergatividade sintática e ergatividade morfológica	51
4	INFORMAÇÕES SOBRE A LÍNGUA AKWÊ-XERENTE: sistematização e reanálise	54
4.1	Os sons da língua Xerente e o sistema ortográfico.....	55
4.2	As marcas pessoais da língua Akwê-Xerente.....	60
4.2.1	Os pronomes pessoais.....	60
4.2.2	Os prefixos pessoais	61
4.2.2.1	Registrados por Mattos.....	61
4.2.2.2	Registrados por Sousa Filho	63
4.2.2.3	Registrados por Cotrim	65
4.2.3	Sistematização e reanálise	71
4.2.3.1	Conclusão	76
4.3	A expressão de pessoa, aspecto e modo da língua Akwê-Xerente.....	78
4.3.1	Exemplos no Modo Realis.....	82
4.3.2	Exemplos no Modo Irrealis	83
4.4	Os verbos da língua Xerente.....	86
4.5	A oração básica em Xerente	91
5	ORAÇÕES EM AKWÊ-XERENTE.....	93
5.1	Os tipos de orações descritos por Mattos	93
	O autor subcategoriza esse tipo de oração em	93
5.2	Os tipos de orações descritos por Sousa Filho	94
5.3	Os tipos de orações descritos por Cotrim	95
6	ORAÇÕES COMPLEXAS EM AKWÊ-XERENTE	101
6.1	As orações mais integradas.....	101
6.1.1	Orações com Verbos Seriais.....	102
6.1.2	Orações Relativas	103
6.1.2.1	Relativização do sujeito.....	103
6.1.2.2	De objeto direto	104

6.1.2.3	De objeto indireto	105
6.1.2.4	De oblíquo	105
6.1.3	Orações de Complementação Oracional.....	106
6.1.3.1	Orações complemento de verbos de manipulação	107
6.1.3.2	Orações complemento de verbos de modalidade	110
6.1.3.3	Orações complemento de verbos de percepção/cognição/enunciação (PCU)	114
6.1.3.4	A configuração sintática da complementação em Xerente	118
6.1.4	Orações Adverbiais.....	121
6.2	As orações menos integradas.....	125
6.2.1	Coordenação	125
6.2.1.1	Encadeamento oracional.....	126
6.3	Principais aspectos das orações complexas em Xerente	128
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
	REFERÊNCIAS	132
	APÊNDICE 1 – Texto: Bru krãiwatbrøze - O surgimento da roça.....	138
	APÊNDICE 2 – Texto: Wake waskuze - A história do Wake.....	141
	APÊNDICE 3 – Texto: Mã - Ema	147
	APÊNDICE 4 – Texto: A alimentação dos Akwẽ.....	149
	APÊNDICE 5 – Texto: O trabalho dos Akwẽ.....	154
	APÊNDICE 6 – Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE	159
	APÊNDICE 7 – Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa.....	161
	ANEXO 1 – Mapa do Tocantis – Localização Terras Indígenas Xerente.....	163
	ANEXO 2 – Comunicação de aprovação de projeto de pesquisa	164

1 INTRODUÇÃO

O estudo da língua Xerente vem despertando o interesse de pesquisadores em diversas áreas do conhecimento linguístico, como fonologia, morfologia, sintaxe, contato linguístico, aquisição de linguagem, entre outros. Vários desses estudos, inclusive este trabalho, foram desenvolvidos no contexto do projeto de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Silvia Braggio, atualmente denominado Educação e Línguas Indígenas da UFG, que abriu um espaço propício ao estudo da língua Akwẽ¹-Xerente, no qual diversos pesquisadores têm podido desenvolver suas investigações, num ambiente marcado pela conciliação e pela busca de convergências.

Em parceria com esse projeto, foram realizadas, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB), pesquisas abordando aspectos fonético-fonológicos do Xerente, sob a orientação da Profa. Dra. Daniele Grannier, que resultaram na dissertação de mestrado intitulada *Descrição Fonético-Fonológica da Língua Akwen-Xerente*, defendida em 2008, por Shelton Souza, o estudo sobre a *Estrutura silábica e nasalização em Akwẽ-Xerente*, publicado em 2009, por Daniele Grannier, e a dissertação de mestrado, intitulada *A Sílaba no Akwẽ-Xerente (Jê)*, defendida em 2013, pela autora desta pesquisa. É notório como o referido projeto abriu um espaço para a inserção de

Na área da morfossintaxe, duas teses de doutorado contribuíram com a sistematização de diversos aspectos da língua, lançando bases para o conhecimento mais aprofundado da língua e para o seguimento de novas pesquisas, inclusive esta que empreendemos.

O trabalho de Sousa Filho (2007) propôs a delimitação das classes de palavras, descreveu e analisou aspectos morfossintáticos da língua, por exemplo, a estrutura dos diferentes tipos de sintagmas, os tipos de predicado, as vozes gramaticais, as formas verbais, a organização e o funcionamento das sentenças simples, a expressão de tempo, aspecto modo e pessoa e o sistema de casos da língua Xerente. O estudo de Cotrim (2016), também com enfoque

¹ O termo akwẽ é autodenominação do povo e da língua conhecidos na literatura como Xerente. Akwẽ designa povo, gente, índio e pessoa nessa língua. A palavra é grafada com ã na escrita da língua, entretanto, por razões de compatibilidade com o software utilizado na publicação digital da tese, foi adaptada para a forma akwen no título deste trabalho. Ao longo do texto, utilizamos os dois termos para nos referirmos ao povo e à língua.

na morfossintaxe, abordou “tópicos ainda não contemplados em estudos anteriores” e aprofundou o conhecimento da gramática da língua Xerente. Analisa, entre outros, as classes de palavras da língua, a categorização nominal, as metáforas Xerente, os tipos de predicados e de orações e as expressões de tempo, aspecto, modo e modalidade da língua.

Rodrigues (2009), ao tratar da importância dos estudos histórico-comparativos do tronco Macro-Jê para o conhecimento da pré-história de uma parte do Brasil, destaca uma etapa importante para que tais pesquisas sejam desenvolvidas adequadamente e que se refere à disponibilização de “uma ampla base descritiva”, que alcance as fonologias, gramáticas e dicionários dessas línguas.

1.1 Objetivos da pesquisa

Nesse contexto, a pesquisa aqui proposta pretende dar continuidade aos estudos da língua Akwê-Xerente e contribuir para aprofundar a descrição de suas estruturas, especialmente na área da morfossintaxe.

O objetivo principal do trabalho é descrever aspectos gramaticais que orientam a organização e o funcionamento das orações e a relação entre elas em contextos interdependentes e de subordinação.

No percurso de realização deste propósito, serão revisitados certos pontos da gramática da língua, cuja análise foi iniciada por outros autores, tais como o sistema pronominal da língua, a expressão de tempo, aspecto, modo e pessoa e os tipos de verbos da língua.

1.2 Contribuição do presente estudo

Tem sido dito e reforçado que o estudo das línguas sul-americanas é uma tarefa urgente e que apresenta uma série de fatores antagônicos ao seu sucesso.

Aikenvald e Dixon (1999) afirmam que ainda são necessários estudos consistentes e publicações de diversos tipos (gramáticas, dicionários e volume de textos) sobre as línguas amazônicas. Esse esforço ajudaria a preservar, para a posteridade, a rica herança linguística e cultural da área, o que também levaria a um enriquecimento substancial da teoria linguística.

Com isso em mente, entendemos que o resultado deste estudo pode ser útil à teoria linguística, de duas formas: uma, por oferecer a verificação, em uma língua específica, de processos linguísticos identificados nas línguas em geral; a outra, por colocar em evidência peculiaridades linguísticas que caracterizam a língua em análise. Esta pesquisa visa também contribuir para o conhecimento acumulado das línguas indígenas do Brasil.

Esperamos ainda que os resultados do estudo venham a somar com as ações que objetivam o reconhecimento e a preservação do Akwẽ-Xerente como língua materna importante no contexto cultural e social do povo Akwẽ e também como objeto de estudo científico relevante, “comunicando aos seus falantes e à comunidade circundante que a língua é viável e digna de respeito” (PAYNE, 1997, p. 2). Por fim, esperamos que os fatos registrados neste trabalho sejam também uma fonte de informação sobre a língua que sirva de base para o ensino do Akwẽ-Xerente como língua materna. Essa é também a expectativa dos falantes da língua Xerente que colaboraram durante a realização desta pesquisa, especialmente dos professores nativos, os quais com frequência mencionam planos para a elaboração de novos materiais didáticos, que possam adequar ao discurso utilizado no ensino da língua materna, os conhecimentos que foram identificados, por eles e por nós, e registrados durante a realização deste trabalho.

1.3 A língua e o povo Akwê-Xerente

Figura 1 – Representação da antiga aldeia Akwê



Ilustração: Albertino Sêikô Xerente. Fevereiro/2016.
Fonte: Ercival Xerente (2016).

Na Figura 1, acima, temos uma “representação da aldeia Akwê antiga, em semicírculo e com abertura para o nascente. Ao centro, o Warã masculino e feminino” (ERCIVAL XERENTE, 2016, p. 15).

No quadro das línguas indígenas faladas no território brasileiro, Rodrigues (1986, p. 47-48) indica que o Xerente pertence à família Jê e faz parte do tronco linguístico Macro-Jê. Dentro da família Jê, as línguas agrupam-se em três ramificações: Timbira, Kayapó e Akwê. Neste último grupo, arrolam-se as línguas dos índios Xacriabá, Xavante e Xerente.

Desde a década de 70, o povo Akwê-Xerente está estabelecido no estado do Tocantins, no município de Tocantínia, em uma região localizada a aproximadamente setenta quilômetros

ao norte da capital, Palmas. Nessa área, as aldeias Xerente distribuem-se entre duas reservas²: a Terra Indígena Xerente, com 167.542 hectares, demarcada em 1972, e a Terra Indígena do Funil, com 16.000 hectares, demarcada em 1988. (GUIMARÃES, 1996 apud SOUSA FILHO, 2007, p. 41).

Figura 2 – Mapa do Tocantins: localização das reservas Xerente e Funil



Fonte: <http://www.palmas.org/indians/tocmapindios.gif>³

Na Figura 2, temos o mapa do estado do Tocantins, no qual se visualiza a localização das terras indígenas Xerente e Funil, próximas à cidade de Miracema.

Segundo dados do Censo 2010, realizado pelo IBGE⁴, a população Xerente declarada naquele ano girava em torno de 2.400 pessoas.

Passados seis anos desse levantamento, os números apresentados por Cotrim (2016), 3.200 pessoas, noticiam o crescimento da população Xerente, sem considerar nesse total aqueles que se mudaram para outras aldeias (Gavião, Karajá, Guarani etc.) ou para cidades como Tocantínia, Miracema, Palmas e Goiânia.

² Vide Anexo 1 – Mapa do Estado do Tocantins: localização das reservas indígenas Xerente e Funil.

³ Disponível em: <<http://www.palmas.org/indians/tocmapindios.gif>>. Acesso em: 8 abr. 2013, 18:07.

⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Quanto à distribuição dos Akwê dentro das duas terras indígenas mencionadas acima, notamos que o número de aldeias tem crescido. Apenas para ilustrar, vejamos, nos dados de De Paula (2000) são 33 aldeias, nos de Sousa Filho (2007) são 43 aldeias e em Cotrim (2016) totalizam 69 os grupos encontrados.

Sinval Xerente (2017, não publicado), em trabalho sobre a localização histórica das aldeias Xerente, relata a existência de 77 aldeias, reunidas em cinco regiões: Brupre, Brejo Comprido, Funil, Porteira e Rio do Sono. Nesse trabalho também são registrados 3.739 indivíduos na etnia Akwê.

Sobre a organização sócio-política tradicional do povo Akwê, desde os primeiros estudos, Nimuendajú (1942), Maybury-Lewis (1979), e também em outros mais recentes, por exemplo, Schroeder (2006, 2010) e Ercivaldo Xerente (2016), tem sido registrada a divisão desse povo em seis clãs, *Kritɔ Tdekwa*, *Kbazi Tdekwa*, *Kuzə Tdekwa*, *Krɔzakɛ Tdekwa*, *Wahire Tdekwa* e *Krêprehi Tdekwa*, os quais são associados às duas metades exogâmicas, relacionadas à lua, Wahire (*Kritɔ*, *Kbazi*, *Kuzə*), e ao sol, Dohi (*Krɔzakɛ*, *Wahire* e *Krêprehi*). Cada um dos clãs possui identificação própria, que pode ser percebida, entre outros, em suas festas memoriais, nos nomes próprios e na pintura corporal, em forma de círculos para os clãs da metade Dohi e em forma de listras ou traços para os clãs da metade Wahire.

Na figura 3, abaixo, uma ilustração dos grafismos identificadores dos clãs Xerente na pintura corporal e das respectivas parcerias, de acordo com Ercivaldo Xerente (2016).

Figura 3 – Formas da pintura corporal Xerente

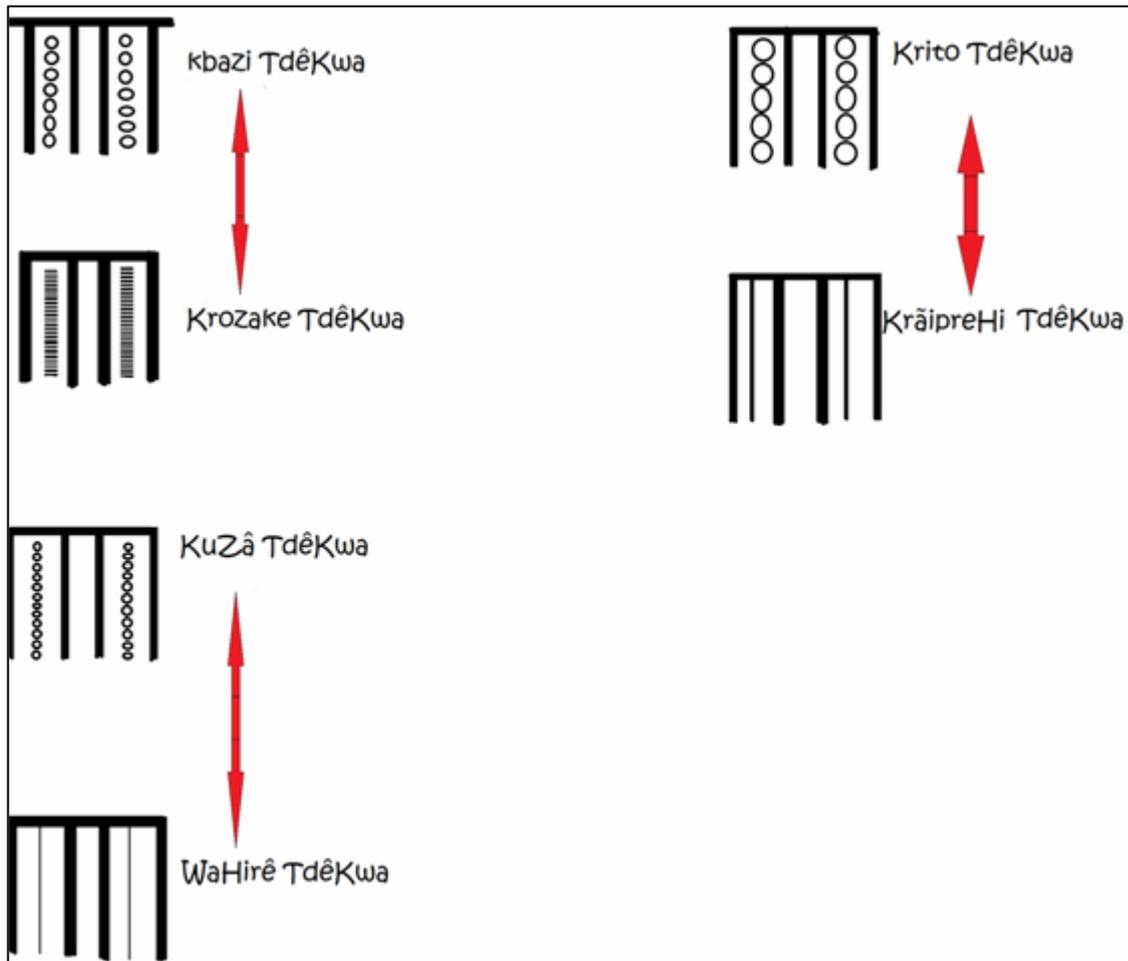


Ilustração: Rivaldo Srãpte. Outubro/2016.
 Fonte: Ercivaldo Xerente (2016).

Uma visão mais detalhada da organização tradicional do povo Akwê-Xerente, seus clãs, costumes e práticas, relações de parentesco, estruturação e relações sociais e políticas, entre outros, pode ser encontrada nos trabalhos de Nimuendajú (1942), Maybury-Lewis (1979), Farias (1990), Lopes da Silva & Farias (1992), De Paula (2000), Oliveira-Reis (2000), Giraldim e Silva (2002), Schroeder (2006, 2010), Wākainê (2012), entre outros.

1.4 Situação sociolinguística

A situação linguística atual da comunidade de fala Xerente também tem sido objeto de estudos que, em geral, constatam a pressão da língua nacional sobre a língua materna local, um processo de bilinguismo, em que as línguas Xerente e Português estão presentes na fala de praticamente todos os indígenas, nas duas áreas reservadas aos Xerente.

Sobre as esferas de utilização das duas línguas, o professor Antonio Samuru Xerente (2015, não publicado) relata que a língua materna Akwê é “utilizada na vida cotidiana entre os indígenas nas aldeias e no ensino das crianças, enquanto o uso da língua portuguesa ocorre somente na relação com os não indígenas”. Essa afirmação é recorrente entre os Akwê e tem sido registrada por eles em seus trabalhos acadêmicos, nas áreas de educação e antropologia.

Vários estudos dentro da abordagem sociolinguística, entre eles, Braggio (1997, 2005, 2009, 2012), Sousa Filho (2000, 2009), Mesquita (2009, 2015, 2018), analisam mais detalhadamente a situação de bilinguismo e a crescente influência da língua portuguesa na fala dos Akwê.

Segundo Siqueira (2010), a observação do processo de aquisição de ambas as línguas pelas crianças pertencentes a uma sociedade bilingue, é essencial para se estimar os níveis de vitalidade da língua nativa. Ela também menciona, numa referência a Braggio (1997) e a Mesquita (2009), que as crianças em fase de aquisição de língua na comunidade Xerente, “vêm usando, com mais frequência, empréstimos e *codeswitching* em suas falas, como se fossem palavras da língua nativa” (SIQUEIRA, 2010, p. 42).

Entre os fatores que contribuem para inserção e manutenção do português como língua a ser aprendida desde tenra idade entre os Akwê estão a proximidade de cidades como Tocantínia e Miracema, e a crescente necessidade de saída da terra indígena, por questões de saúde, escolarização, aquisição de suprimentos ou medicamentos etc. Nessas circunstâncias, muitas famílias nativas se veem em conflito sobre qual língua priorizar e, nesse quadro de diglossia, a língua da sociedade circundante se impõe sobre a materna.

Mesquita (2018) entende os resultados de sua pesquisa como “delineadores de uma realidade bilíngue característica de um processo com acelerada mudança em curso e cujas funções sociais desempenhadas pelas línguas estão em constante reelaboração” (MESQUITA, 2018, p. 66).

No referido estudo, que analisa aspectos de convergência e atrito do contato existente entre o Xerente e o Português, o autor chama atenção para outros fatores, de ordem sócio-política, que assumem um papel preponderante na conjugação das duas línguas. De tal forma, “a assimetria de poder nas relações socioculturais e econômicas tem reflexo na assimetria entre as línguas na fala bilíngue do povo Akwê” (MESQUITA, 2018, p. 85).

Nesse contexto, fica evidente a necessidade de se ampliar e aprofundar as pesquisas em torno da língua ameaçada. Entendemos, também, à luz das considerações de Siqueira (2010), que a análise cuidadosa dos resultados de tais estudos tem um papel importante no propósito de preservação e valorização da língua em situação de conflito assimétrico.

1.5 Estudos linguísticos anteriores

Sem a intenção de exaurir o rol de trabalhos sobre a língua Akwê-Xerente, registramos nesta seção aqueles que temos utilizado como referência e fonte de informação sobre diversos aspectos da língua.

Assim, há estudos que se concentram na área da fonologia, Mattos (1973), Braggio (2005b), Sousa (2008), Grannier (2009), Frazão (2013), Frazão e Grannier (2018). Na área do léxico, temos o vocabulário de autoria de Krieger & Krieger (1994), denominado Dicionário Xerente-Português; Português-Xerente, bem como registros mais antigos, como listas de palavras e vocabulários em Sócrates (1892), Viana (1927), Nimuendajú (1942) e Maybuy-Lewis (1965).

Contemplando estudos de morfossintaxe, encontram-se os trabalhos de Mattos (2005, 2008, não publicados⁵), Sousa Filho (2007, 2010, 2011, 2018), Siqueira (2009, 2010) e Cotrim (2016). Na área da sociolinguística, existem diversos estudos de Braggio, dos quais registramos (1997, 2005, 2009), bem como, Silva (2014, 2018), Mesquita (2009, 2015, 2018), entre outros. Ainda, estudos sobre aquisição e ensino da língua materna são contemplados nos trabalhos de Sousa Filho (2000, 2009).

Diversos trabalhos realizados, em nível de graduação e pós-graduação, por alunos pertencentes ao povo Akwê têm contribuído para a ampliação do conhecimento da etnia e sua língua. Aqui mencionamos apenas alguns desses estudos, que foram fontes de informação sobre

⁵ Os trabalhos não publicados de Mattos foram utilizados com permissão do autor, com o qual tivemos contato em encontro com os colaboradores desta pesquisa.

a língua e o povo, ou cujos autores colaboraram diretamente em nossa pesquisa: Antonio Samuru (2012, 2016), Aparecida Xerente (2015), Eneida Xerente (2018), Sinval Waikazate Xerente (2011), Tpekru Xerente (2011), Ercivaldo Xerente (2016).

2 METODOLOGIA

O desenvolvimento de trabalhos de investigação científica geralmente envolve duas etapas distintas: uma fase de caráter exploratório que, de acordo com Lakatos (2003), visa à obtenção de informações necessárias ao planejamento do trabalho a ser realizado; e outra referente à pesquisa de campo propriamente dita, a fim de obter conhecimento de novos fenômenos em torno do problema levantado e/ou a relação entre eles.

Esta pesquisa esteve pautada fundamentalmente nesses dois processos mencionados acima, com a peculiaridade de algumas vezes terem sido simultâneos. Essas etapas foram necessárias para obter uma compreensão geral das pesquisas que vêm sendo realizadas na língua Xerente e, também, para adquirir o conhecimento teórico necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

Assim, de maneira geral, alternamos nosso estudo entre dois empreendimentos. Um, a pesquisa bibliográfica, com foco nos pressupostos tipológico-funcionais e, também, na literatura existente sobre a língua Xerente e sobre outras línguas, cujos fatos poderiam se correlacionar com os desta pesquisa. O outro, a realização do trabalho de campo, levado a efeito em diversos períodos entre 2014 a 2019 e cujos desdobramentos resultam no cumprimento dos objetivos deste trabalho.

Com esse plano geral inicial, tínhamos o propósito de, partindo do conhecimento registrado sobre a organização e o funcionamento das orações simples do Xerente e, com fundamento nos parâmetros verificados na tipologia linguística, depreender a estrutura formal das orações complexas, bem como descrever e analisar as relações que estabelecem em contextos subordinados e coordenados da língua.

De acordo com a classificação identificada em Gil (2012), a pesquisa aqui apresentada possui cunho descritivo e até certo ponto explicativo, pois além de descrever as características dos fenômenos observados, pretende identificar os fatores motivadores de sua ocorrência, na busca por esclarecer sua origem e explicar as relações possivelmente existentes entre tais variáveis.

Além disso, com base nos princípios apresentados em Brasileiro (2013), a consecução dos objetivos centrais do trabalho envolve um estudo de campo (segunda etapa mencionada acima), com coletas de dados, realizadas no local em que vivem os sujeitos colaboradores da

pesquisa, e não em laboratório. Consequentemente, as informações coletadas serão de dois tipos: dados primários e secundários.

Os primários são os obtidos diretamente pela pesquisadora, em campo, por meio do registro: de diálogos, entre e com os colaboradores, de narrativas e de determinados eventos de fala⁶, com vistas à obtenção de elementos que reflitam, da forma mais aproximada possível, as situações reais de fala dos colaboradores.

No conjunto de dados secundários estão aqueles selecionados dos trabalhos examinados durante a fase exploratória, no levantamento bibliográfico que serviu de base para a elaboração do projeto de pesquisa e do quadro teórico.

Quanto à forma de abordagem, tratamento e análise dos dados coletados em campo, o trabalho assume caráter qualitativo, uma vez que objetiva, conforme Brasileiro, a “interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados no decorrer da pesquisa, não se detendo a técnicas estatísticas” (BRASILEIRO, 2013, p. 49). A autora acrescenta que os dados, nesta abordagem, podem ser de dois tipos: verbais, coletados durante entrevistas e por meio de narrativas, e visuais, colhidos durante observações. Neste trabalho de investigação linguística, os dados coletados na pesquisa de campo são primordialmente do primeiro tipo.

2.1 Trabalho de Campo

Preliminarmente ao trabalho de campo propriamente dito, o projeto referente a esta pesquisa foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP-IH) da Universidade de Brasília (UnB), tendo sido aprovado por essa comissão, vide Anexo 2.

⁶ De acordo com Hymes (1986 apud Mesquita, 2015, p. 66), *evento de fala* refere-se a um “momento em que dois ou mais falantes se comunicam, em ocasiões de atividades ou aspectos de atividades sociais que são diretamente governadas por regras ou normas para o uso da fala, definidas na comunidade de fala”.

Quanto ao trabalho de campo, buscamos adotar uma postura etnográfica, que considera a importância do contexto social em que se dá a interação na comunidade de fala, bem como recomenda, por parte do pesquisador/observador, um comportamento livre de juízos de valores e comparações com a própria cultura.

Nesse sentido, Mesquita (2015, p. 58-60) menciona a importância de certas qualidades, a saber, sensibilidade, respeito, humildade, simplicidade, tolerância e amor, entre outras coisas, para a compreensão da matéria de que é feito o seu trabalho. Depreende-se daí, que essas mesmas qualidades, se presentes no comportamento do observador, poderão ser de grande valia no estabelecimento dos primeiros e dos duradouros contatos dentro da nova cultura e ainda na compreensão dos fatos e da realidade observada.

Além disso, consideramos outros aspectos do trabalho de campo, tradicionalmente praticado por pesquisadores que trabalham com documentação e análise de línguas nativas.

Segundo Dixon (2010), o trabalho de campo é “a parte mais importante e animadora” dos estudos linguísticos. Acrescenta que bons pesquisadores de campo devem ser linguistas com bom domínio geral da linguística, considerando-se que “todas as partes da descrição de uma língua são igualmente importantes e que cada parte se interrelaciona às demais.” (DIXON, 2010, p. 310).

Dixon (2010) ainda recomenda a adoção de uma postura amistosa frente aos colaboradores nativos. Os anos de trabalho de campo por ele empreendidos na Austrália, em Fiji e no Brasil, deram-lhe base para afirmar que o trabalho de campo não deve ser encarado como um contrato de negócios firmado entre o pesquisador e os participantes, em que, alcançado o objetivo, extingue-se a relação. Um linguista responsável, explica, manterá, pelo resto de sua vida, um relacionamento com a comunidade linguística com a qual tem trabalhado, estando disponível em caso de necessitarem de conselho ou assistência.

Ainda no contexto das relações que se estabelecem durante o trabalho de campo, o autor menciona a questão da aceitação do pesquisador pela comunidade e dentro dela. O alcance de um grau de aceitação na comunidade, suficiente para desenvolver seus trabalhos, deve ser visto pelo pesquisador, como de fato é, apenas “um grau de aceitação”. Para ele, é um erro tentar ao máximo se tornar “um da comunidade”, uma vez que as muitas diferenças sempre serão percebidas como diferenças. Entretanto, ao final, “você será respeitado pelo que você é, não pelo que você está tentando ser” (DIXON, 2010, p. 317).

Com essas orientações em mente, é oportuno observar, após anos de conhecimento mútuo e de vários períodos de trabalho conjunto e convivência, que os laços com os membros da comunidade vão se formando e fortalecendo gradualmente, ao longo do tempo. Isso se reflete no respeito que demonstram pelo nosso trabalho, na maior confiança que compartilhamos na lida diária da pesquisa e, também, nos projetos que alguns participantes pretendem desenvolver para usufruir dos resultados da nossa pesquisa em sua língua.

Retomando em certa medida as observações de Mesquita (2015), acima, é importante considerar alguns aspectos da pesquisa que estão além de questões teóricas e metodológicas. Todo esforço e tempo investidos em planejamento e realização de um trabalho de médio prazo podem ser de alguma forma frustrados por circunstâncias de ordem cultural, que envolvem o pesquisador e os participantes da pesquisa.

No nosso caso, foi de grande valia para a formatação desta pesquisa, a experiência vivida anteriormente, durante algumas idas a campo para coleta de dados necessários à pesquisa de mestrado, realizada entre 2011 e 2012, também na língua Xerente.

Podemos afirmar que muito do sucesso na compreensão de informações-chave para o estudo empreendido dependeu da preparação inicial para a entrada no campo e da interação com os participantes da pesquisa. A duração desse processo não é possível precisar exatamente.

Com preparação inicial, nos referimos à forma de aproximação e de estabelecimento dos primeiros contatos com pessoas até então desconhecidas, as quais estão inseridas em contexto cultural e social bem distinto daquele ao qual o pesquisador está ambientado.

A relação de confiança que é premissa para o ambiente de colaboração que se instaura entre os falantes da língua em estudo e o pesquisador consolida-se pouco a pouco. É necessário investir tempo e perseverança, na busca pela compreensão de um novo mundo e de formas diferentes de se conceber ideias e princípios já assentadas mentalmente, pelo simples fato de se pertencer a outra cultura.

O pesquisador que se disponha a assumir um objeto de estudo que está localizado além dos limites da sua própria cultura necessitará de certo preparo psicológico e de flexibilidade para lidar com a frustração que muitas vezes se acerca, por não se poder avançar no ritmo ou da maneira planejada. Essas habilidades também o auxiliarão a perceber novos modos de organização da existência humana e de realização de atividades que podem ser vistas como transculturais.

Acreditamos, em consonância com Wierbizcka (1988), que o estudo da morfossintaxe deve considerar, entre outros aspectos, a forma como a língua codifica, em sua estrutura, uma visão particular de mundo, que é própria do povo que a fala. Emerge dessa perspectiva, a necessidade de se estudar a língua em seu contexto de uso e de observá-la em situações comunicativas integradas à cultura do povo. E desta, outra necessidade, a de se desenvolver as habilidades anteriormente mencionadas.

Ao final, a experiência se enriquece. Se o trabalho envolve pessoas e se a perspectiva de acercamento colocar em foco o outro, é muito provável que não somente a ciência seja acrescentada, mas também as pessoas envolvidas terminem sendo enriquecidas e se percebam outras em função da experiência mútua em que se inseriram.

2.2 Colaboradores

Os colaboradores que participaram nesta pesquisa são falantes da língua Akwẽ-Xerente como L1 e o Português como L2, de ambos os sexos e com idade entre trinta e quarenta e nove anos, faixa etária classificada por Braggio (2005b) como geração (\pm jovens)⁷.

A maioria dos nossos colaboradores são professores em escolas localizadas dentro de suas comunidades ou na adjacência, como na cidade de Tocantínia, atuando em disciplinas relacionadas ao conhecimento cultural do povo Akwẽ, sua língua e suas relações com o ambiente, bem como no apoio pedagógico a estudantes Akwẽ em escolas localizadas fora de suas aldeias.

Um aspecto que chama a atenção sobre estes professores é o crescente anseio que vem sendo despertado entre eles, por capacitação na área da docência e outras correlatas. Cursos oferecidos por universidades como as federais do Tocantins, do Mato Grosso e de Goiás têm

⁷ Segundo Braggio (2005b), as faixas etárias a seguir estão de acordo com a organização social Xerente: 1) de 12 a 20 anos (+jovens); 2) de 21 a 49 anos (\pm jovens); e 3) 50 anos ou mais (velhos ou +velhos).

atraído alunos Akwê para estudos nas ciências relacionadas à terra, saúde, educação, antropologia, tecnologia, para citar as que temos conhecimento.

Quanto à inserção na comunidade Akwê, estes colaboradores pertencem a distintas aldeias, sendo os que me assessoraram recorrentemente na pesquisa residentes nas aldeias Funil, Brejo Comprido e Porteira.

A contribuição destes colaboradores foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Eles atuaram em diversos momentos do nosso trabalho de campo e colaboraram de formas distintas para o nosso estudo, por exemplo, na produção de textos orais (narrativos, descritivos, instrucionais, míticos, canções), na revisão de registros escritos que fizemos com utilização da escrita da língua Xerente, bem como na elicitação de dados específicos, selecionados nos contextos discursivos em que trabalhamos nos diversos encontros que tivemos.

2.3 Corpus

O corpus da pesquisa é composto por dados que foram sendo reunidos ao longo da pesquisa, iniciando na etapa de revisão bibliográfica, seguindo nas etapas de coleta de dados, e, também, em encontros que tivemos com nossos colaboradores em Goiânia e em Brasília.

Assim, quanto às fontes, temos dados selecionados em estudos escritos sobre a língua, como os de Mattos, Sousa Filho e Cotrim, outros, selecionados em diferentes textos escritos na língua Xerente, como narrativas míticas, descrições sobre os alimentos e práticas dos Akwê sobre a caça e o trabalho na roça, bem como, diversos textos orais que foram gravados e transcritos na escrita da língua e também foneticamente.

O tratamento dos dados orais passou por diversas etapas, contemplando a gravação, com transcrição inicial na escrita da língua; a revisão por parte dos colaboradores, para verificação da coerência e do sentido dos textos, esta última, realizada em diferentes oportunidades; e, também a transcrição fonêmica.

Quanto à representação fonêmica dos dados, empregamos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional, exceto por dois fonemas que, por motivo de praticidade na digitação são representados neste texto de forma distinta. Trata-se da consoante tepe alveolar, transcrita na forma [r], e da vogal nasal central, representada por [ã].

Quando se trata de análise de dados de uma língua que o pesquisador não domina ou não estudou detalhadamente antes, Croft recomenda que “o linguista seja capaz de analisar a estrutura e o significado de frases ou sentenças na língua” (CROFT, 2008, p. 7). Entendemos que esse fato se reflete também na forma representação da análise empreendida.

Desse modo, neste texto, a apresentação dos dados analisados adota o padrão, demonstrado no exemplo abaixo, procurando seguir, na medida do possível, as orientações encontradas em *The Leipzig glossing rules*.

```
sasarkwa mã=t      ø-wara
caçador  3PERF=RLS 3-correr.SG
‘O caçador correu’
```

Na primeira linha, é apresentado o dado da língua Xerente, escrito fonemicamente, separando-se, sempre que necessário à compreensão do aspecto em estudo, morfemas distintos que se realizam num só vocábulo fonológico. Na segunda linha, a análise morfológica e gramatical de cada termo integrante do enunciado. Na terceira linha, entre aspas simples, uma tradução livre, em português, do dado analisado.

Quanto à autoria, quando os exemplos não forem selecionados do corpus desta pesquisa, os trabalhos serão identificados, na forma de referência à citação, logo após a tradução livre. Em caso de ajustes realizados na glosa por razão da análise empreendida, esse fato também será mencionado na linha de referência, como ilustrado abaixo.

```
sasarkwa mã=t      ø-wara
caçador  3PERF=RLS 3-correr.SG
‘O caçador correu’ (FRAZÃO, 2020, p. 15)
```

```
sasarkwa mã=t      ø-wara
caçador  3PERF=RLS 3-correr.SG
‘O caçador correu’ (Adaptado de FRAZÃO, 2020, p. 15)
```

Os exemplos aparecerão no texto com numeração sequencial e, com indicação da fonte, entre parênteses, após a glosa, quando selecionados em trabalhos de outros autores.

Quando for necessária a utilização de notação distintiva de aspectos específicos em certos exemplos, faremos menção e explicação no local.

2.4 Organização do trabalho

No capítulo seguinte, são apresentados os princípios teóricos da pesquisa, concentrados numa abordagem tipológico-funcional, que considera diversos autores, tais como Comrie (1989), Croft (2003, 2008), Dixon (1994, 2010), Givón (2001) e Payne (1997, 2006). Essas e outras referências contribuem para nossa compreensão dos eventos linguísticos analisados, ainda que apenas algumas serão objeto de detalhamento no próximo capítulo, tendo em vista a metodologia que utilizamos no decorrer da pesquisa.

A presente análise leva em conta ainda estudos correlacionados sobre outras línguas pertencentes à família Jê, por exemplo, Castro Alves (2004, 2008, 2010a, 2010b, 2012), Oliveira (2003, 2005, 2014), Reis-Silva (2001), Rodrigues (1986), Santos (2008).

O desenvolvimento do presente trabalho estrutura-se da seguinte forma: após esta introdução, o Capítulo 3 – *Quadro Teórico* apresenta os fundamentos e pressupostos teóricos da pesquisa.

No Capítulo 4 – *Questões Preliminares sobre a Língua Akwẽ-Xerente*, apresentamos aspectos da língua, cuja definição prévia entendemos necessária ao estudo realizado.

No Capítulo 5 – *As orações em Akwẽ-Xerente*, temos um levantamento dos tipos de orações descritas na literatura sobre a língua.

No Capítulo 6 – *Orações complexas em Akwẽ-Xerente*, desenvolvemos a análise de diversos aspectos relacionados à organização e ao funcionamento sintático das orações complexas na língua.

No Capítulo 7 – *Considerações Finais*, retomamos e destacamos, resumidamente, as conclusões sobre as principais questões relacionadas ao tema proposto.

3 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo apresentamos uma visão geral dos fundamentos teóricos da pesquisa, na busca por traçar um quadro de orientação tipológico-funcional que subsidie a observação e a análise dos dados da língua em estudo.

Como mencionado anteriormente, autores como Givón (2001), Dixon (1994, 2010), Dixon e Aikhenvald (2000), Payne (1997, 2006), e outros, estão entre os consultados na etapa de estudos teóricos, bem como no desenvolvimento da pesquisa.

O desenrolar deste capítulo contempla duas seções, a primeira trata de aspectos correlacionados a verbos e orações simples e a segunda registra alguns parâmetros concernentes aos sistemas de marcação de caso nas línguas em geral.

3.1 Os verbos

Nesta seção, sintetizamos alguns aspectos relativos a verbos e orações simples, que serão úteis à nossa análise, tomando como base Givón (2001). Esse autor apresenta uma categorização de base semântica e explica o comportamento sintático dos seguintes tipos: verbos com sujeito “fictício”, cópula, intransitivos simples, transitivos simples, verbos intransitivos com objeto indireto locativo, dativo/paciente, associativo, verbos bitransitivos e verbos com complementos oracionais ou verbais. Algumas dessas classes são subcategorizadas, de acordo com o grau de aproximação das características de cada verbo ao protótipo da classe.

Dentro dessa classificação verbal, podemos visualizar um grupo de verbos que em geral possibilita orações complexas nas línguas, os verbos com complementos oracionais. Assim, faremos uma apresentação do protótipo dessa classe na seção 3.1.2 à frente.

Ao final da classificação, o autor destaca alguns processos que levam à formação de estruturas lexicalmente distribuídas, outro tipo de predicado complexo. Destes processos, dois serão analisados mais detidamente, os verbos seriais e a incorporação de marcadores (2.1.3), pois podem ser encontrados na língua Xerente.

A seguir, trazemos uma síntese das classes verbais.

3.1.1 A categorização verbal segundo Givón (2001)

1. Verbos “com sujeito fictício”: codificam eventos da natureza e condições climáticas, como os verbos chover, trovejar do português.

2. Verbos “copulares”: representam estados temporários ou permanentes; as orações em que ocorrem apresenta sujeito paciente ou dativo e predicado com maior peso semântico. Dentro desta categoria, menciona a existência, em muitas línguas, da “cópula zero”, que são orações que ocorrem principalmente no tempo presente ou no aspecto habitual, sem a presença do elemento verbal de ligação entre o referente e o atributo ou estado mencionado. Observamos que esse tipo oração pode ser exemplificado em várias línguas indígenas brasileiras, podendo ser traduzido ao português com uma expressão semelhante a “eu bonito”.

3. Verbos Intransitivos simples: codificam estados, eventos ou ações; seus sujeitos podem ser agentes (verbo de ação), pacientes de estado (verbo de estado), pacientes de mudança (verbo de processo) ou dativos (verbo de estado mental: meditar, sofrer, sonhar etc.).

4. Verbos Transitivos simples: subdivididos, de acordo com a aderência aos parâmetros prototípicos da transitividade, em prototípicos e menos prototípicos.

4.1 Verbos transitivos prototípicos

As orações que incluem verbos transitivos prototípicos expressam eventos transitivos semanticamente prototípicos e contemplam as seguintes características: agentividade (agente deliberado/ativo), afetação (paciente afetado concretamente) e perfectividade (evento limitado, encerrado e de rápida mudança em tempo real).

Quando a oração básica codifica um evento semanticamente transitivo, o agente do evento será o sujeito da oração e o paciente do evento, o objeto direto da oração.

4.2 Verbos Transitivos menos prototípicos:

Apenas com intuito ilustrativo, listamos os tipos participantes desta subcategoria, vários dos quais estendem as características prototípicas de seus argumentos a outros componentes oracionais.

a. Verbos com sujeito dativo: o sujeito é participante consciente no evento, mas sem pretender ou ativamente iniciar o evento; o objeto, por sua vez, não é afetado fisicamente, nem muda, e geralmente é abstrato (ver, sentir, ouvir, entender, saber, querer etc.).

b. Verbos com objeto dativo: em verbos como insultar, ensinar, entreter, a operação que faz do dativo o objeto sintático da oração, de alguma forma faz com que ele pareça mais visivelmente afetado.

c. Verbos com sujeito não humano paciente de estado, como nos exemplos: “A oferta o insultou”; “O acidente ensinou-lhes uma difícil lição”; “A piada os entreteve por horas”.

d. Verbos com sujeito instrumental. Nesse tipo de oração com os verbos amassar, curar, matar, por exemplo, o agente que utiliza o instrumental não é mencionado, como nas orações: “O martelo amassou o quadro”; “O remédio curou os infectados”; “A bomba matou muitos cidadãos”.

e. Verbos com objeto direto direcional ou locativo, como aproximar-se, entrar, cujos complementos podem ser codificados como objeto indireto na oração simples. Por exemplo: “A menina aproximou-se da casa”; “Eles entraram na casa”.

f. Verbos com objeto direto associativo, um dos agentes em um evento recíproco, como no exemplo com o verbo encontrar, “Maria encontrou-se com Ana”.

g. Verbos com pacientes incorporados, como os verbos alimentar e irrigar/regar, por exemplo, em que o alimento e a água ficam implícitos na oração, por exemplo: “O fazendeiro alimentou o gado” e “Os trabalhadores regaram a horta”.

h. Verbos com objetos cognatos, criados metaforicamente a partir de verbos intransitivos, como cantar, dançar, jurar, errar etc., nos exemplos: “Cantou um canto/uma canção”; “Dançou uma dança desconhecida”; “Jurou seu juramento/voto” “Cometi um erro (errei)”.

i. Verbos de posse, como ter, em português, que desfazem o protótipo de posse como estado, como nos exemplos: “Ela tem uma casa (é proprietária)”; “Eu tenho um filho (sou pai/mãe)”.

5. Verbos Intransitivos com objeto indireto locativo, dativo ou paciente, associativo

5.1 OI Locativo: em geral codificam eventos de movimento no espaço, com andar ou de localização espacial (quando o sujeito se encontra embaixo, sobre, dentro, fora, atrás, em frente ao objeto locativo), por exemplo: “Ele anda dentro de casa”.

5.2 OI Dativo ou paciente: verbos que envolvem atividades mentais tais como olhar, ouvir, pensar, saber, falar etc., como nos exemplos “Pensava em sua família” e “Olhou para ele”.

5.3 OI Associativo: verbos como juntar-se, encontrar-se e outros codificam eventos recíprocos, em que o sujeito é agente e o objeto indireto, um associativo co-agente, como nos exemplos: “João juntou-se aos trabalhadores no mutirão” e “Ana encontrou-se com sua filha”.

6. Verbos Bitransitivos: possuem sujeito agente, objeto direto e objeto indireto.

6.2 Prototípico: orações com verbos bitransitivos prototípicos contemplam sujeito agente, objeto direto prototipicamente paciente e objeto indireto que pode codificar uma série de papéis semânticos, como o papel prototípico “locativo”, exemplificado na oração com o verbo plantar: “Plantou as sementes no chão”.

6.3 Com objeto dativo-benefactivo e paciente: expressam noções como “dar, enviar, postar, algo [PAC] para alguém [DAT-BEN]”, por exemplo: “Enviaram uma mensagem para o diretor”.

6.4 Objetos alternantes entre Dativo e Instrumental: podem ocorrer com verbos semelhantes semanticamente (“Deu os livros à biblioteca”; “Supriu a biblioteca com livros”), ou com o mesmo verbo, mas alternando o papel semântico, de acordo com a semântica ou a pragmática do enunciado.

6.5 Verbos com dois objetos diretos aparentes: devido ao fato de marcarem similarmente seus complementos, alguns verbos podem exibir superficialmente dois objetos, que numa análise mais refinada podem ser distinguidos, um como objeto direto e ou outro como predicativo, tal como no exemplo “O povo elegeu João Presidente”.

6.6 Verbos com três objetos: codificam transações ou eventos de troca, como exemplificado em “Ele comprou o livro de Maria por cinco dólares”, em que ocorre o paciente-transferido, uma fonte ou objetivo humano-dativo e a mercadoria negociada/trocada.

7. Verbos com complementos oracionais ou verbais: serão detalhados na seção 3.1.2, a seguir.

3.1.2 Orações com complementos oracionais

O estudo das orações envolve, naturalmente, o estudo de seus componentes, entre eles, o elemento verbal que, em geral, desempenha função relevante na organização da estrutura das orações, na seleção dos argumentos centrais etc.

Quando se trata da integração oracional, nos termos de Givón (2001), tem sido observado que o tipo de verbo que participa de uma das orações desempenha um papel determinante para a oração como um todo, podendo, inclusive, especificar ou restringir aspectos das demais orações no âmbito de suas relações. Em alguns contextos complexos, notam-se tipos de verbos, cujos traços específicos permitem essa conjugação oracional.

Givón (2001) distingue três subclasses de verbos que aceitam complementos oracionais. Os verbos participantes dessas classes, demonstram estar agrupados coerentemente do ponto de vista da variabilidade semântica e da estrutura sintática. São eles, verbos de modalidade, verbos de manipulação e verbos de percepção/cognição/enunciação ou elocução, representados na sigla PCU.

Em cada um desses agrupamentos, foram identificadas características peculiares dos verbos e das sentenças em que estes são utilizados. Esses parâmetros, que o autor reúne em dois tipos, semânticos e sintáticos, serão apresentados brevemente, a seguir.

3.1.2.1 Verbos de manipulação

A oração com verbos de manipulação é caracterizada semanticamente por três parâmetros:

1. A oração principal tem um agente humano, manipulador do comportamento de outro humano, o manipulado.
2. O agente da oração complemento é correferencial do manipulado da oração principal.

3. A oração complemento codifica o evento que o manipulado deve realizar.

Uma abordagem semântica mais detalhada dos verbos de manipulação pode considerar a subcategorização apresentada pelo autor, como segue:

- a. Manipulação bem-sucedida: causar, fazer, ter, forçar, enganar, ajudar, deixar, persuadir, ativar, tentar etc.
- b. Prevenção bem-sucedida: impedir, bloquear, parar, dissuadir, assustar, conversar etc.
- c. Tentativa de manipulação: contar, ordenar, permitir, perguntar, sugerir, incentivar, implorar, querer, esperar etc.
- d. Tentativa de prevenção: proibir, dizer para não etc.

Sintaticamente, orações com verbos de manipulação podem ser definidas da seguinte maneira:

- 1. O agente-manipulador da oração principal é o sujeito.
- 2. O manipulado da oração principal pode ser o objeto direto ou objeto indireto.
- 3. O manipulado também é correferente do sujeito da oração complemento.
- 4. O manipulado é codificado como zero na oração complemento.
- 5. O verbo da oração complemento geralmente se realiza numa forma não-finita ou nominalizada. Assim não é esperado que a oração complemento apresente marcas de tempo, aspecto, modalidade ou de morfologia de concordância pronominal.
- 6. A oração complemento tende a ocupar a posição típica de objeto da matriz (no caso do Xerente, O-V).
- 7. O complemento tende a compor o mesmo contorno entoacional da oração matriz.

3.1.2.2 Verbos de modalidade

Orações com verbos de modalidade caracterizam-se semanticamente por três parâmetros:

1. A oração complemento é uma proposição que codifica estado ou evento.
2. O sujeito da oração principal é correferente do sujeito da oração complemento, ou seja, ambos se referem à mesma entidade discursiva.
3. O verbo principal codifica início, término, persistência, sucesso, falha, tentativa, intenção, obrigação ou capacidade – do sujeito da oração principal – em executar a ação ou estar no estado descrito na oração complemento.

Sintaticamente, essas orações apresentam as seguintes características:

1. O sujeito correferente da oração complemento não é expreso (marcação “zero”).
2. O verbo da oração complemento pode aparecer em forma nominalizada ou não-finita. Assim no complemento também não são esperadas marcas de tempo, aspecto, modalidade, nem morfologia de concordância pronominal.
3. A oração complemento tende a ocorrer na posição característica do objeto de uma oração básica e, normalmente, integra o mesmo contorno entoacional da oração principal.

O autor subdivide os verbos de modalidade em duas subclasses:

1. Atitude modal

- Positiva: querer, pretender, planejar, decidir, concordar, tentar, dever etc.
- Negativa: recusar, temer, relutar etc.

2. Aspectualidade

- Início: começar, iniciar
- Duração: continuar, persistir, permanecer etc.
- Término: terminar, parar, cessar etc.
- Sucesso: saber, lembrar, ser capaz etc.
- Falha: falhar, evitar, declinar, esquecer, fugir etc.

3.1.2.3 Verbos de percepção, cognição e enunciação (PCU)

As características gerais dos verbos de percepção, cognição e enunciação são as seguintes:

1. O sujeito dos verbos percebe ou conhece um estado ou evento, ou profere uma proposição relativa a um estado ou evento.
2. A proposição percebida, conhecida ou pronunciada é codificada na oração complemento. A oração de complemento, portanto, funciona, de certa forma, como o objeto da atividade mental ou verbal descrita na cláusula principal.

Desse modo, as características semânticas de verbos PCU são:

- a. O verbo que aparece na oração principal codifica um estado ou evento mental (percepção, cognição) ou um ato verbal (enunciado).
- b. O sujeito do verbo é dativo ou agente.
- c. O estado ou evento da oração complemento é o objeto do estado ou evento da oração principal.

A definição sintática dos verbos de PCU é dada pelos seguintes parâmetros:

- a. Não há restrições de correferência entre o sujeito ou o objeto da oração principal e o sujeito da oração complemento.
- b. É mais provável que a oração complemento tenha a estrutura finita normal de uma oração principal (por exemplo, pode não ser marcada com “sujeito zero”).
- c. A oração complemento pode ser identificada por um morfema subordinador.

O autor subdivide os verbos de PCU de acordo com o tipo de modalidade que expressam:

- a. Modalidade Epistêmica: Nesta subclasse, os verbos codificam várias nuances de verdade, conhecimento, crença ou certeza: pensar, duvidar, acreditar, adivinhar, suspeitar, assumir, ter certeza, decidir, ouvir, sentir, dizer, reivindicar, perguntar, concordar, supor, perguntar, negar, (esperar).

b. Modalidade Deôntica: Neste grupo, os verbos codificam preferência ou avaliação: desejar, esperar, temer, demandar, (esperar).

A concepção do autor sobre orações com complemento oracional releva o aspecto da iconicidade, no sentido de que “quanto mais forte for a ligação semântica entre os dois eventos, mais extensa será a integração sintática das duas orações que compõem a única ideia expressa na oração complexa” (GIVÓN, 2001, p. 40-41).

Uma reflexão geral que o autor faz sobre esse princípio é que a complexidade sintática, percebida no encaixamento oracional “é uma consequência natural da complexidade semântico-cognitiva, que abriga um evento dentro de outro”.

Em termos da expressão sintática de orações complexas, a investigação tipológica identifica um “inventário restrito de dispositivos de codificação que, quando combinados, manifestam diferentes graus de união oracional. Alguns desses recursos se mostram claramente como universais cognitivos, enquanto outros são mais convencionalizados, ou seja, gramaticalizados.” (GIVÓN, 2001, p. 40).

Para o autor, as dimensões semântico-cognitivas da complementação correlacionam-se fortemente com as propriedades semânticas do verbo principal. Em outras palavras, a estrutura sintática dessas orações complexas é ditada, em grande medida, pelo quadro semântico – estrutura argumental – do verbo central.

Outro ponto importante para a análise que realizamos nesta pesquisa, é expresso pelo autor como uma inferência pragmática: “quanto mais dois eventos compartilharem seus referentes, maior a probabilidade de serem ‘construídos’ como um evento único” (GIVÓN, 2001, p. 50). Esse fato também pode ser percebido nas orações complexas da língua Xerente, na utilização ou não de dispositivos de codificação “esperada” para determinados contextos, como veremos no capítulo 6.

3.1.2.4 A codificação sintática da complementação

Detalhando a questão da codificação sintática da complementação, o autor observa que, de modo geral, ela se dá pelo uso de quatro dispositivos principais, que fornecem as bases estruturais da união oracional. Cada um desses dispositivos está claramente relacionado a algum aspecto da integração semântico-cognitiva dos dois eventos.

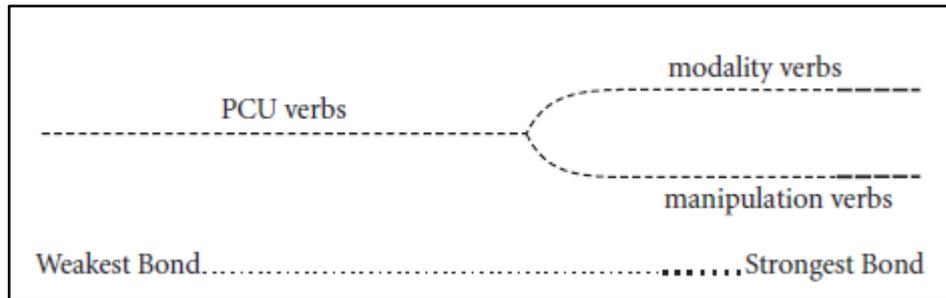
a. Co-lexicalização (elevação do predicado): junção dos dois verbos (da oração matriz e da oração complemento) para formar uma só palavra fonológica. O princípio icônico que motiva a co-lexicalização é expresso da seguinte maneira: “o grau de proximidade física no nível de codificação mapeia isomorficamente o grau de integração eventiva no nível cognitivo (GIVÓN, 2001, p. 63)”.

b. Marcação de caso e as relações gramaticais envolvidas na complementação: o manipulado recebe marcação de caso de objeto da matriz ou de sujeito do complemento. Esse dispositivo reflete um princípio que é orientado por duas hierarquias de agentividade, semântica e sintática, pelas quais o sujeito prototípico é, em termos semânticos, Agente > Dativo > Paciente > Outros, e em termos sintáticos, Sujeito > Objeto Direto > Oblíquo. Considerando-se a integração do evento representado no enunciado, temos que “quanto mais integrados os dois eventos da oração principal e da oração complemento, menos probabilidade de o sujeito da oração complemento receber marcação de caso prototípica de agente” (GIVÓN, 2001, p. 66).

c. Morfologia verbal: caráter não-finito do verbo da oração complemento. A não finitude de uma forma verbal pode ser codificada sintaticamente de diferentes maneiras. Givón destaca três formas: 1. redução de marcas de tempo/aspecto/modalidade; 2. redução de marcas de concordância pronominal; 3. forma nominal do verbo, derivada. No uso destes dispositivos, pode-se fazer a seguinte predição implicativa: “quanto mais alto o verbo estiver na escala de complementação e quanto mais integrados semântico-cognitivamente estiverem os eventos da oração principal e da oração complemento, mais nominal (e, em consequência, menos finito) o verbo da oração complemento” (GIVÓN, 2001, p. 68)”.

Para ilustrar a escala de complementação, o autor utiliza o esquema abaixo, em que um contínuo, no formato de um diapasão, exhibe verbos de modalidade e de manipulação ocorrendo paralelamente, do alto até a metade da escala superior, mostrando aproximadamente as mesmas transições semânticas e sintáticas. Em torno da metade da escala, essas duas classes se sombream gradualmente em direção aos verbos de PCU, que abrangem a parte inferior da escala.

Figura 4 – Escala de complementação



Fonte: Givón (2001, p. 41)

d. Morfemas subordinadores: este recurso refere-se à separação da oração principal da oração complemento por morfema subordinador ou por espaço entoacional. O uso desse dispositivo pode ser resumido com a seguinte predição implicacional: “quanto mais alto o verbo estiver na escala de complementação e quanto menos integrado semântico-cognitivamente os eventos da principal e do complemento, mais possibilidade de se usar um morfema subordinador para separar as duas orações” (GIVÓN, 2001, p. 71). O uso de morfemas subordinadores também reflete o princípio icônico geral, já mencionado, segundo o qual, o grau de separação cognitiva entre dois eventos é isomorficamente mapeado pelo grau de separação temporal entre as duas orações.

3.1.3 Outras complexidades

Nesta seção apresentamos dois outros tipos de complexidades das estruturas oracionais, uma vez que podem ser identificadas na língua Xerente, ainda que de forma não tão produtiva.

3.1.3.1 Orações com verbos seriais

Givón (2001) menciona que a co-lexicalização ocorrida em muitas serializações verbais se deve à estabilidade, recorrência e previsibilidade de certas combinações na língua. O processo de co-lexicalização pode avançar até chegar a um verbo composto, existentes em línguas como o Mandarim, exemplificado a seguir.

ta la-kai le men
s/he pull-open PERF door
 ‘s/he opened the door’ (THOMPSON, 1973 apud GIVÓN 2001, p. 164).

Outra característica dos verbos seriais que foram identificadas nas línguas refere-se ao potencial para a gramaticalização nas funções de marcadores de caso objeto e de adposições.

Mori (2011) explica, com base em Aikhenvald (2007), que as estruturas serializadas constituem “uma cadeia de verbos ou de sintagmas verbais que ocorrem dentro de uma única sentença, sem marcadores visíveis de coordenação, subordinação ou dependência sintática de qualquer classe” (MORI, 2011, p. 63). Construções desse tipo, continua, conceituam um único evento e por isso compartilham as mesmas categorias funcionais de tempo, modo, aspecto e polaridade.

Nas línguas indígenas brasileiras, essas estruturas têm sido identificadas em diferentes famílias linguísticas, exemplificadas pelo autor, com Arawák (Tariana, Arekena, Bare e Baniwa), Maku (Daw), Tupi-guarani (Guarani), Tukano (Tukano), Nambikwara (Nambikwara) e Jê (Panará e Parakatêjê), entre outras. Dados de línguas Tupi-Guarani (JENSEN, 1990 apud MORI, 2011), ilustram como os verbos seriais se conjugam para expressar eventos que contemplam ação simultânea, ação sequencial ou propósito, os quais são interpretados pelo falante como únicos, quando o sujeito de ambos os verbos é o mesmo. Em outras línguas como, por exemplo, o Tariana (AIKENVALD, 1999 apud MORI, 2011), verbos de movimento assumem funções aspectuais e auxiliares que marcam direção.

No Xerente, veremos, no Capítulo 6, que a co-lexicalização é uma das estratégias para realização de orações complexas que envolvem complementos de verbos de modalidade, em que um dos verbos envolvidos garante a semântica aspectual da ação, como, por exemplo, “iniciar” e “terminar”.

3.1.3.2 Incorporação de marcadores de caso

Os exemplos de incorporação de adposições em algumas línguas refletem um processo diacrônico recente ou não concluído, o que permite a observação do seu mecanismo, como identificado na língua Rama, em que objetos indiretos são codificados por sintagmas posposicionais que podem ocorrer antes ou depois do verbo.

Quando antecede o verbo, o objeto pode ser apagado, o que deixa a posposição em local adjacente ao verbo e propicia, dessa maneira, sua incorporação pelo verbo. Givón (2001) ilustra esse processo como segue.

ngang an-tangi Juan-ya
bed they-gave John-DAT
 ‘they gave the beds to John’ (THOMPSON, 1973 apud GIVÓN 2001, p. 169)

ngang Juan-ya an-tangi
bed John-DAT they-gave
 ‘they gave John a bed’ (THOMPSON, 1973 apud GIVÓN 2001, p. 169)

ngang ya-an-tangi
bed DAT-they-gave
 ‘they gave him a bed’ (THOMPSON, 1973 apud GIVÓN 2001, p. 170)

3.2 Sistemas de marcação de caso

Segundo Givón (2001) os principais sistemas de marcação de caso selecionam um de três imperativos funcional-adaptativo como princípio orientador da marcação de caso de sujeito e objeto: codificação de papéis semânticos, codificação de função pragmática ou codificação de transitividade.

A marcação de caso **semanticamente orientada** reflete-se no sistema **ativo-estativo**, cuja codificação, de modo geral, destaca o contraste existente entre os papéis semânticos agente e não-agente (paciente e dativo).

A marcação de caso **pragmaticamente orientada** reflete-se no sistema **nominativo-acusativo**, que objetiva a codificação do sujeito (nominativo) e do objeto (acusativo) gramaticalizados, independente dos papéis semânticos e da transitividade. Neste sistema, os sujeitos de orações transitivas e intransitivas são marcados com o caso nominativo, em contraste com o objeto da oração transitiva que recebe a marcação de caso acusativo.

A marcação de caso orientada pelo **princípio da transitividade** reflete-se no sistema **ergativo-absolutivo**. A prioridade, neste tipo, é fazer a distinção sintática entre orações transitivas e intransitivas. Desse modo, o sujeito da oração transitiva é identificado com o caso ergativo, enquanto o sujeito da oração intransitiva e o objeto da transitiva são agrupados com o caso absoluto.

Entretanto, observa-se que muitas línguas não utilizam um único sistema de marcação de caso em todas as áreas da gramática e fazem uso de uma combinação de sistemas.

A observação dos contextos que podem motivar a cisão da marcação morfológica ergativa para nominativa revela casos em que argumentos não tão prototípicos estão contemplados na caracterização da mudança.

Esse fato traz para a discussão a noção de gradientes de transitividade, representados por Givón (2001) numa hierarquia subdividida em três níveis, sintático, semântico e pragmático, como ilustrado abaixo.

Figura 5 – Hierarquia de Transitividade

Transitividade Sintática		
Oração simples	→	transitivo > intransitivo
Passiva de-transitiva	→	agente topical > agente não topical
Antipassiva de-transitiva	→	paciente topical > paciente não topical
Transitividade Semântica		
Agentividade (sujeito)	→	agente > não agente
Afetação (objeto)	→	mais afetado > menos afetado
Perfectividade (verbo)	→	perfectivo > imperfectivo
Modalidade (verbo)	→	real > irreal
Topicalidade Pragmática:		
Topicalidade do sujeito	→	topical > não topical

Fonte: Givón (2001, I, p. 211)

A predição implicativa dessa hierarquia é que, se a língua exibe morfologia ergativa-absolutiva em contextos menos transitivos, também exibirá nos contextos mais transitivos. O contrário, porém, não se confirma. Vejamos algumas consequências de aspectos dessa hierarquia.

Agentividade: a marcação do sujeito como ergativo pode ser estendida a verbos intransitivos, com sujeitos agentes, desde que estes sejam humanos e atuem intencionalmente. Paralelamente, sujeitos menos agentes de orações transitivas podem ser marcados com nominativo, como ocorre em Nepali (Indic). Num dos exemplos apresentados pelo autor, (GIVÓN, 2001, I, p. 213), a marcação distinta no sujeito diferencia a oração que manifesta a intenção do agente:

manis-**le** bhuny-ma sut-yo
 man-**ERG** floor-on sleep-PERF/2sg.MASC
'the man slept on the floor(deliberate act)'

manis bhuny-ma sut-yo
 man/**ABS** floor-LOC sleep-PERF/2sg.MASC
'the man slept on the floor(mere location)'

Afetação: verbos transitivos com pacientes menos afetados podem perder a marcação ergativa dos sujeitos, revertendo-a para nominativa. Essa característica foi verificada no Newari (Tibeto-Burman), em que orações imperfectivas com objetos menos afetados têm o sujeito marcado com caso nominativo e não ergativo, como seria esperado nessa língua, como ilustrado nos dois exemplos a seguir (GIVÓN, 2001, I, p. 214):

manu(-na) la, to-ni co-gu du
 man(-**ERG**) water/ABS drink-IMPERF be-NOM be
'the man is drinking water'

manu me ha-yi co-gu du
 man/**NOM** song/ABS sing-IMPERF be-NOM be
'the man is singing a song'

Perfectividade e Modalidade: segundo o autor, estes aspectos condicionam as cisões mais reconhecidas na morfologia ergativa das línguas, a saber, a marcação ergativa no perfectivo (realis, passado) e a marcação nominativa no imperfectivo (progressivo, habitual) ou irrealis (futuro, condicional).

Topicalidade do Sujeito: a marcação ergativa pode ocorrer em orações intransitivas, quando o sujeito é mais topical ou persistente (o mesmo sujeito numa sequência de ações), que o autor ilustra com dados da língua Timbe da Papua (GIVÓN, 2001, I, p. 215).

Intransitivo (tópico não-persistente)
 amba are bamb-i, ...
 women those/**ABS** leave/PERF/DS
'the women left, (and someone else...)'

Intransitivo (tópico persistente)

dua are-**nge** togo-m, kalap me-m, lamun-do, ...
 dog that-**ERG** come-SS fire hold-SS strike.spark-DS
'the dog came, held the fire, and struck sparks, (and then someone else ...)'

Outras hierarquias: outros tipos de hierarquias identificadas correlacionam-se com critérios tais como a referência anafórica (NP > PRO), definitude (Indefinido > Definido), número (plural > singular) e pessoa (3 > 2 > 1). Nestas hierarquias, a previsão é que quanto mais à esquerda na escala estiverem os agentes ou pacientes, mais probabilidade de as orações transitivas serem marcadas ergativamente.

3.2.1 Ergatividade sintática e ergatividade morfológica

A maioria das línguas ergativas apresenta apenas ergatividade superficial, ou seja, apenas propriedades de codificação das relações gramaticais, ficando as propriedades “profundas” de comportamento e controle sob o princípio nominativo-acusativo. O autor afirma, entretanto, que nas línguas chamadas sintaticamente ou “profundamente” ergativas, como o Dyirbal e o Eskimo, propriedades de comportamento e controle, como a realização da anáfora zero e a relativização também se alinham à morfologia ergativa-absolutiva.

Segundo Givón, existem explicações de ordem diacrônica para “o desalinhamento entre a codificação explícita e as propriedades de comportamento e controle na maioria das línguas superficialmente ergativas, e o, pelo menos parcial, alinhamento entre essas duas propriedades em algumas línguas ergativas profundas” (GIVÓN, 2001, p. 218-219). Desse modo, segundo o autor, essas diferenças podem ser motivadas por fatores variados como, por exemplo, a influência da topicalidade sobre as propriedades de comportamento e controle, os diferentes momentos em que ocorrem as mudanças funcional e morfológica nas línguas ou, ainda, a distância temporal durante a qual a língua vem manifestando propriedades ergativas.

Dixon (1994), também explora os fatores que condicionam a ocorrência de cisões nos sistemas utilizados nas línguas para marcar os principais argumentos sintáticos das orações. Segundo ele, a motivação está relacionada a quatro aspectos dos componentes oracionais: (1) a natureza semântica do verbo; (2) a natureza semântica dos sintagmas nominais principais; (3) a especificação de tempo, aspecto e modo; e (4) o status gramatical da oração, se principal ou

subordinada. O autor também destaca o fato de que algumas línguas podem apresentar apenas um tipo de motivação, enquanto outras podem utilizar uma combinação de parâmetros.

No caso da distinção entre oração principal e subordinada, o autor apresenta evidências em três línguas, a nilótica Pãri, a maia Tsimshian, e a brasileira Xokleng (URBAN, 1985), pertencente à família Macro-Jê. Nesta última, o sistema ergativo foi identificado operando em todos os tipos de oração subordinada, sejam relativas, sejam complementos (temporais, condicionais e de propósito).

Detendo-nos na família linguística Jê, podemos citar o que foi registrado, mais recentemente, em estudos das línguas Apinajé (OLIVEIRA, 2003, 2014), Mëbengokre (REIS-SILVA, 2001), e Xavante (SANTOS, 2008), nas quais o alinhamento ergativo-absolutivo é acionado em contextos subordinados.

Na língua Mëbengokre, que apresenta diferentes tipos de cisões, Reis-Silva (2001) sugere que a ergatividade parcial “está intrinsecamente relacionada à natureza do elemento que ocupa posição de núcleo do predicado”. A autora levanta a hipótese de que “no sistema acusativo o verbo ocupa a posição de núcleo do predicado no sistema, neste caso o verbo possui propriedades mais verbais do que no sistema ergativo, onde um elemento de natureza funcional ocupa a posição de núcleo” (REIS-SILVA (2001, p. 72).

Santos (2008) no seu estudo sobre o Xavante, descreve um sistema de alinhamento cindido motivado por diversos fatores, como a pessoa do sujeito e/ou do objeto, quem age sobre quem, o tipo de oração, se independente ou dependente, e a distinção entre predicados negados e afirmativos. Quanto à possível motivação do alinhamento ergativo-absolutivo, a autora menciona as orações subordinadas, exemplificadas por relativas, complementos condicionais e temporais, e, ainda, pela negação.

Oliveira (2014) menciona que a ergatividade na língua Apinajé é expressa no âmbito da subordinação, internamente à oração completiva. Nesse contexto, a ergatividade “é marcada por uma posposição cliticizada ao sintagma nominal A, enquanto o argumento O é codificado conforme o padrão absoluto pelos prefixos pessoais, de ocorrência obrigatória nas formas não finitas dos verbos” (OLIVEIRA, 2014, p. 302).

Considerando evidências de cisão na marcação de caso na língua Xerente, Capítulo 6, com expressão de ergatividade em contexto de subordinação, entendemos que os aspectos

apresentados nesta seção e registrados em línguas integrantes da mesma família, podem contribuir para a compreensão deste fenômeno na língua em estudo.

4 INFORMAÇÕES SOBRE A LÍNGUA AKWÊ-XERENTE: sistematização e reanálise

Neste capítulo, tratamos de alguns aspectos da língua Xerente, que se revelaram importantes para a abordagem central da pesquisa, cuja compreensão preliminar entendemos relevante para o desenvolvimento da análise apresentada neste trabalho. Essa necessidade é corroborada no pensamento de Noonan (2007), para quem o trabalho em torno de estruturas complexas numa língua é uma tarefa para ser realizada após a compreensão do esquema básico da morfologia verbal e nominal, bem como da sintaxe, observada na análise das orações simples.

Desse modo, nas subseções seguintes, abordamos temas variados, de forma não exaustiva, com a intenção de oferecer ao leitor um pano de fundo sobre fatos da língua já estudados anteriormente. Para tanto, adotamos como subsídio os estudos realizados por Mattos (2005, 2008, não publicados), Sousa Filho (2007, 2010, 2011 e 2018) e Cotrim (2016).

As contribuições aqui registradas distinguem-se, do ponto de vista do ineditismo, havendo temas para os quais oferecemos apenas um panorama das análises existentes; e outros, cujas análises não satisfizeram ao propósito deste trabalho, que foram objeto de reexame e proposta de reanálise.

Esclarecemos ainda que os assuntos desenvolvidos neste capítulo não foram previstos inicialmente, quando da elaboração do projeto de pesquisa, como objetivos específicos do trabalho, porém, se revelaram importantes, para a melhor compreensão da pesquisa, para lançar as noções básicas sobre os componentes da língua.

Sendo assim, na sequência deste capítulo, apresentamos uma breve revisão do sistema fonológico e sua correspondência ortográfica, das marcas pessoais da língua, da expressão de tempo, aspecto e modo, conhecida pela sigla TAM, e dos tipos de verbos encontrados nos estudos prévios e em nossos dados.

4.1 Os sons da língua Xerente e o sistema ortográfico

O sistema fonológico da língua Akwẽ-Xerente constitui-se de vinte e cinco fonemas, sendo catorze vogais (nove orais /i, e, ε, a, ə, ɔ, o, u, i/ e cinco nasais /ĩ, ê, ã, õ, ã/), e doze consoantes /p, t, k, b, d, s, h, z, m, n, r, w/.

Abaixo, apresentamos exemplos de ocorrência das vogais orais.

/ i / vogal oral alta-fechada anterior não-arredondada	/sumzari/	‘cavalo’
/ i / vogal oral alta-fechada central não-arredondada	/zizimre/	‘gergelim’
/ u / vogal oral alta-fechada posterior arredondada	/mõku/	‘pato’
/ e / vogal oral média-fechada anterior não-arredondada	/ke/	‘mel’
/ ə / vogal oral média-fechada central arredondada	/kə/	‘água’
/ o / vogal oral média-fechada posterior arredondada	/toka/	‘2p.SG’
/ ε / vogal oral média-aberta anterior não-arredondada	/amke/	‘cobra’
/ ɔ / vogal oral média-aberta posterior arredondada	/karɔ/	‘arroz’
/ a / vogal oral baixa-aberta central não arredondada	/mõra/	‘noite’

Exemplos de ocorrência das vogais nasais são apresentados a seguir.

/ ĩ / vogal nasal alta-fechada anterior não-arredondada	/aiktenõrĩ/	‘crianças’
/ ã / vogal nasal alta-fechada posterior arredondada	/kũwa/	‘lá, acolá’
/ ê / vogal nasal média-fechada anterior não-arredondada	/kukrẽ/	‘cabaça’
/ ã / vogal nasal média-fechada central não-arredondada	/tã/	‘chuva’
/ õ / vogal nasal média-fechada posterior arredondada	/baknõ/	‘menina’

A seguir, os exemplos ilustram o *status* fonêmico das consoantes.

/ p / consoante oclusiva bilabial desvozeada	/pizu/	‘buriti’
/ t / consoante oclusiva alveolar desvozeada	/tã/	‘chuva’
/ k / consoante oclusiva velar desvozeada	/kakõ/	‘jatobá’
/ b / consoante oclusiva bilabial vozeada	/bakõ/	‘menina’
/ d / consoante oclusiva alveolar vozeada	/wde/	‘árvore’
/ s / consoante fricativa alveolar desvozeada	/sika/	‘galinha’
/ h / consoante fricativa glotal desvozeada	/hespõkrã/	‘banana’
/ z / consoante fricativa alveolar vozeada	/wazumzã/	‘feijão’
/ m / consoante nasal bilabial	/mõkõitõrã/	‘caju’
/ n / consoante nasal alveolar	/nõzã/	‘milho’
/ r / consoante tepe alveolar	/karõ/	‘arroz’
/ w / consoante aproximante bilabial	/wa/	‘lua’

O acento no Akwẽ-Xerente é previsível e recai sobre a última sílaba da palavra. Os processos de composição de palavras, em geral, resultam no deslocamento do acento principal para a última sílaba da palavra resultante, como ilustrado nas palavras mandioca, grolado, farinha de mandioca e beiju em Xerente: **kupa** ‘mandioca’, **kupakrõ** ‘grolado’, **kupazu** ‘farinha de mandioca’ e **kuparpẽ** ‘beiju’, nas quais a sílaba negritada é a tônica.

A correlação fonema-gramafema é apresentada no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Correlação fonema - grafema na língua Xerente

FONEMA	GRAFEMA
Consonantal	Consoantes
/b/	B, b
/d/	D, d
/h/	H, h
/k/	K, k
/m/	M, m
/n/	N, n
/p/	P, p
/r/	R, r
/s/	S, s
/t/	T, t
/w/	W, w
/z/	Z, z
Vocálico	Vogais
/ə/	Â, â
/ã/	Ã, ã
/a/	A, a
/e/	Ê, ê
/ẽ/	Ë, ë
/ε/	E, e
/i/	Î, î
/ĩ/	Ï, ï
/i/	I, i
/o/	Ô, ô
/õ/	Õ, õ
/ɔ/	O, o
/ũ/	Û, ù
/u/	U, u

Fonte: Escrita sistematizada em Mattos (2005).

Para ilustrar a correspondência do sistema fonológico com a grafia da língua, apresentamos abaixo um texto em Xerente, seguido de tradução livre em português, extraído do livro “Alimentos dos Akwẽ-Xerente: a roça e as caças”, de autoria dos estudantes Akwẽ do Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás, organizado por Silva e Mattos (2016, p. 47).

Mã

Leonardo Sawrepte Xerente



Mã tô kbasêĩprã. Apttê mba tmã rowêki. Ambã nêhã za nmãhã siwaprosi krmõ are zatô dure nmãzi kahã zawre snã krnõmrõ. Are ãsaze tô: krikpi nã kãtô kwakrzuhã nã kãtô romkrã nã. Are dure nõkwa romhi tê sô kazakra wa zatô nêsi kahu. Tazi za nõkwa sô sabu are nêsi awêre sô tsimãsis tê wrĩ pibumã.

Totahã kbasêĩprã wanorĩ Akwê wam nnĩ zêĩdi. Sazai snã kãtô hri snã kãtô dure kre snã za nõkwa kmêsi.⁸

Ema

A ema só é encontrada no cerrado. Elas andam em par ou em bando.

⁸ No apêndice 3, apresentamos a análise deste texto.

A ema se alimenta de gafanhotos e lagartixa. Se alguém deixar restos de ossos na espera⁹, ela também come.

A ema é uma caça apreciada pelos Akwẽ. Ao tratá-la, se retiram as penas e se prepara a carne moqueada. Alguns Akwẽ fazem o preparo diferente, cozida ou frita.

Apesar de o texto acima ter sido apresentado apenas para ilustrar a correlação fonema grafema na língua Xerente, é interessante pontuar algumas diferenças que se notam entre a tradução livre e o texto glosado, vide Apêndice 3. Identificam-se outros aspectos do discurso Xerente, que merecem uma análise pormenorizada em trabalho futuro, como as características do estilo, a forma de priorizar e organizar as ideias, o tipo de figuras utilizadas, as escolhas lexicais (caçar, matar, preparar para comer) e outras que distanciam e diferenciam o texto escrito em Akwẽ de sua versão ao português.

⁹ Local onde os caçadores ficam de tocaia.

4.2 As marcas pessoais da língua Akwê-Xerente

A língua Akwê-Xerente possui um sistema pronominal composto por morfemas livres e morfemas presos¹⁰. Os livres, que denominamos pronomes pessoais, ocorrem em geral na primeira posição na maioria das sentenças independentes da língua. Entre os morfemas presos, temos os prefixos pessoais, que ocorrem ligados a verbos, posposições e nomes, e os clíticos, que ocorrem com marcas de tempo/aspecto/modo.

Ao todo, a língua distingue três pessoas (primeira, segunda e terceira), que se replicam nos paradigmas pronominais, de acordo com o número, singular, dual e plural. Para a segunda e a terceira pessoa, existem prefixos que funcionam como referências honoríficas. Exclusivamente na terceira pessoa, há um morfema preso utilizado como referência humana indeterminada.

4.2.1 Os pronomes pessoais

O paradigma pronominal livre diferencia pessoa (primeira {wa}, segunda {ka}, e terceira {ta}) e número (singular e não singular). Conforme Cotrim (2016), a identificação de número se faz com as palavras {nõrĩ} e {kbure}, que são acrescentadas à direita da base pronominal de cada pessoa.

Sousa Filho (2007) menciona ainda dois morfemas que podem se associar aos pronomes livres: o citacional {to-}, antecedente segunda e terceira pessoas, e o enfático {-hã} em todas as pessoas para indicar ênfase ou destaque.

Registramos no quadro abaixo, o paradigma pronominal livre da língua Xerente, depreendido das análises referidas acima e da análise dos nossos dados. O demonstrativo

¹⁰ Neste caso, para distinguir as marcas pessoais livres e das presas, utilizamos a mesma nomenclatura de Sousa Filho (2007).

contempla as pessoas (primeira, segunda e terceira), a variação enfática e a distinção entre número singular e não singular.

Quadro 2 – Pronomes pessoais livres Xerente

PESSOA	NÚMERO	PRONOMES LIVRES
1	SG	wa ~ wahã
	NSG	wanõrĩ
2	SG	ka ~ toka
	NSG	kanõrĩ ~ tokanõrĩ
3	SG	ta ~ tahã ~ totahã
	NSG	tahãõrĩ ~ totanõrĩ

Fonte: elaborado pela autora,
com base em Sousa Filho (2007) e Cotrim (2016)

4.2.2 Os prefixos pessoais

Os prefixos pessoais foram objeto de uma análise detalhada e prévia ao desenvolvimento do tema principal desta tese, visto que, embora os estudos anteriores sejam parcialmente convergentes no que diz respeito à análise da estrutura formal do paradigma prefixal, divergem quanto à quantidade de séries e aos respectivos usos.

Para nossa análise do sistema pronominal, procuramos ampliar a base de dados de certos tipos de verbos, com o intuito de verificar se as alternâncias que observamos nos prefixos de terceira pessoa teria alguma motivação ainda visível ou se se trata apenas de variação livre.

Como será demonstrado nesta seção, observamos que tais variações registradas nos trabalhos anteriores correspondem a motivações específicas, ainda presentes na fala moderna.

4.2.2.1 Registrados por Mattos

Pelas descrições dos afixos da língua registradas em Mattos (2005), visualiza-se uma organização como a esboçada no quadro abaixo, com identificação de primeira, segunda e terceira pessoas e número singular e não singular (dual e plural).

Quadro 3 – Afixos pessoais em orações declarativas - Mattos (2005)

PESSOA	NÚMERO ¹¹	AFIXOS					
		Verbo Intransitivo	Verbo Transitivo	Verbo Descritivo/Estativo Intransitivo	Verbo Descritivo/Estativo Transitivo	Nome	Posposicional
1	SG	ĩ-	ĩ-	ĩ-	ĩ-	ĩ-	ĩ-
	DU/PL	wa- V-nĩ	wa-	wa-	wa-	wa-	wa-
2	SG	ai-	ai-	ai-	ai-	ai-	ai-
	SG honorífico	a- V-nĩ	a-	a-	a-	a-	a-
	DU/PL	ai- V-kwa	ai- V-kba	ai- V-kwa	ai- V-kba	ai- N-kwa	ai- P-kba
3	SG	∅- ~ t- ~ ti- (*)	∅-	∅-	∅-	∅-	∅- ~ t- ~ ã-
	SG recorrente (em orações subsequentes)					ĩ-	
	SG humano (nome citado)					ã-	ã-
	SG honorífico	ta- V-nĩ	da-	da-	da-	da-	da-
	DU/PL		∅-				∅-
	DU/PL referido	∅- V-kwa		∅- V-kwa			
	DU/PL humano inespecífico	∅-	da-	∅-	da-	da-	da-

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Mattos (2005)

(*) Com verbos diferentes

No Quadro 3, as colunas sob o título “Afixos” correspondem aos ambientes em que Mattos (2005) identificou a ocorrência das marcas pessoais, ou seja, junto a verbos (intransitivo, transitivo, descritivo), nomes e posposicionais.

Observando apenas os prefixos, entendemos que se trata do mesmo paradigma, idêntico para primeira e segunda pessoa, em todos os ambientes, o qual apresenta uma cisão na terceira pessoa para identificar: (1) no verbo intransitivo, o seu argumento; (2) nos nomes, os referentes recorrentes ou cujo nome foi explicitamente citado no contexto; e (3) nos posposicionais, os referentes cujo nome foi explicitamente citado no contexto. Apesar de o autor relatar a alternância {∅- ~ t- ~ ã-} para a terceira pessoa singular nos posposicionais, nos seus dados identificamos exemplos apenas para o prefixo {∅-}.

¹¹ Na coluna “Número”, observe-se as seguintes correspondências: SG = singular; DU = dual; PL = plural

Os exemplos registrados em Mattos (2005) demonstram a função dos prefixos, os quais, quando ligados a verbos, indicam o sujeito dos intransitivos ou o objeto dos transitivos, se prefixados ao nome, indicam o possuidor, e antes do posposicional, como ele denomina as posposições, indicam o respectivo objeto.

Ainda sobre o Quadro 3, os sufixos registrados após os verbos, na pessoa honorífica dual e plural, referem-se ao número não-singular do sujeito [-kwa] ou do objeto [-kba].

Após a apresentação dos paradigmas de pessoa registrados pelos demais pesquisadores da língua, mais à frente, será fácil notar que os prefixos registrados em Mattos (2005), organizados no Quadro 2, correspondem aos que integram a Série B de Sousa Filho (2007) e as Séries 4 e 5 de Cotrim (2016).

Os trabalhos de Sousa Filho (2007) e Cotrim (2016), por sua vez, apresentam os paradigmas de prefixos pessoais organizados em séries, de acordo com o tipo de ambiente em que foram identificados.

4.2.2.2 Registrados por Sousa Filho

Sousa Filho (2007) denomina “Série A” ao conjunto de marcadores pessoais que se associam a morfemas de modo realis e irrealis e se diferenciam pelo aspecto perfectivo ou imperfectivo da ação. Nas suas palavras:

Em Xerente, os marcadores pessoais estão relacionados às pessoas do discurso (ou da gramática) e aos aspectos perfectivo e imperfectivo. Os marcadores pessoais se distribuem da seguinte forma. Os marcadores **wa-** “1ps sg/DU/PL”, **bi-** “2ps sg/DU/PL” e **ø- ~ mã- ~ nã-** “3ps sg/DU/PL” indicam o aspecto perfectivo. Já os marcadores pessoais **wa-** “1ps sg/DU/PL”, **te-** “2ps sg/DU/PL” e **ø- ~ te-** “3ps sg/DU/PL” são usados para indicar o aspecto imperfectivo. (SOUSA FILHO, 2007, p. 128).

O autor rotula de “Série B” os morfemas que ocorrem em posição “prefixada a um núcleo lexical (nome, verbo e posposição)”. Em sua análise, esses afixos exercem a função de

pronomes possessivos ou sujeito de predicado nominal (S)^{12 13}, quando ligados a nomes; de sujeito de verbos intransitivos (S) ou o objeto de verbos transitivos (O), quando prefixados a verbos; e de objetos, quando junto às posposições.

Dada a configuração de estrutura argumental que o funcionamento destes morfemas exhibe, com os da Série A apontando os sujeitos de verbos intransitivos (S) e transitivos (A) e os da Série B identificando tanto o sujeito do verbo intransitivo (S) como o objeto do verbo transitivo (O), Sousa Filho reconhece que a organização do sistema pronominal do Xerente manifesta um alinhamento nominativo-absolutivo.

Por outro lado, ao analisar sentenças que contemplam negação e modificações circunstanciais, o autor verifica a mudança na marcação do argumento externo de verbos transitivos e interpreta esse fato como mudança no modo de organizar o sistema pronominal, saindo do alinhamento nominativo-absolutivo para o ergativo-absolutivo, em que a posposição {-te} ~ {-t} passa a diferenciar o sujeito dos verbos transitivos, mantendo-se a marcação absoluta do objeto, prefixada ao verbo da sentença. Nas palavras do autor, encontra-se a seguinte explicação:

[...], há uma cisão do caso nominativo-absolutivo Xerente desencadeada por uma mudança circunstancial na sentença, isto é, quando o verbo é modificado por advérbios ou por palavras ou por orações modificadoras, o alinhamento ergativo-absolutivo é acionado. O sujeito de verbos transitivos é expresso então pelos prefixos pessoais – Série B – regidos pela posposição **-te** ~ **-t** do caso ergativo, enquanto o objeto é expresso pelos prefixos dessa mesma série contíguo ao verbo. (SOUSA FILHO, 2007, p. 284).

¹² Utilizamos os rótulos S, A, O para representar as noções de sujeito do verbo intransitivo (S), do sujeito do verbo transitivo (A) e do objeto do verbo transitivo (O) sem, contudo, pressupor funções universais. Essa representação tem sido amplamente utilizada nos estudos de diferentes línguas.

¹³ Segundo Comrie (2013), o argumento principal de um predicado intransitivo canônico de um “lugar” pode ser simbolizado S. Os dois argumentos principais de um predicado transitivo canônico de “dois lugares” podem ser simbolizados como A e P, com A representando o argumento mais semelhante ao agente e P o mais parecido com o paciente (Comrie 1978). Acrescenta que em outra terminologia (Dixon 1994), o símbolo O é usado em vez de P.

Essa constatação e a análise iniciada por Sousa Filho sobre os padrões de alinhamento do Xerente foi particularmente útil ao nosso trabalho, visto que dá indícios do modo como a língua opera determinadas orações em contexto de subordinação.

No Quadro 4, vemos a configuração dos marcadores e prefixos pessoais, conforme esse autor.

Quadro 4 – Marcadores e Prefixos Pessoais - Sousa Filho (2007)

PESSOA	NÚMERO	Série A - Nominativa	Série B - Absolutiva
1	SG	wa-	ĩ-
	DU/PL		wa-
2	SG	bi- ~ tɛ-	ai-
	DU/PL		ai- ... -kwa ~ -kba
3	SG	∅- ~ mã- ~ nã- ~ tɛ-	∅- ~ ã- ~ ã- ~ ti- ~ t-
	DU/PL		∅- ~ ti- ~ t-

Fonte: Sousa Filho (2007, pp. 123 e 130)

Além dos prefixos indicados no quadro acima, Sousa Filho (2007, p. 127) também menciona a existência de dois marcadores de terceira pessoa, ambos prefixos. O primeiro, específico para a terceira pessoa humana e genérica, {da-}, usado para indeterminar nomes com traço [+humano]. O outro, específico para a terceira pessoa não-humana: {rɔm-} ~ {rɔ-}, utilizado na função de indeterminador de nomes com traços [-humano] ou [-animado].

4.2.2.3 Registrados por Cotrim

Cotrim (2016), por sua vez, apresenta o sistema pronominal do Xerente organizado em cinco séries, a primeira de pronomes livres e já apresentada na subseção 4.2.1, e as outras quatro compostas por prefixos pessoais ligados a verbos, nomes e posições. O autor explica a ocorrência desses paradigmas da seguinte forma:

(ii) a Série 2 codifica o argumento de verbos intransitivos nominalizados, o possuidor e o complemento de posições, ocorrendo também como argumento de predicados nominais; (iii) a Série 3 marca o agente de verbos transitivos nominalizados negados; (iv) a Série 4 se combina com as marcas de modo realis e de modo irrealis e com a partícula interrogativa; (v) e a Série 5 se combina com a marca de modo irrealis quando o predicado se encontra em progresso. (COTRIM, 2016, p. 95).

No Quadro 5 apresentamos as séries que esse autor denomina pronomes pessoais.

Quadro 5 – Pronomes Pessoais - Cotrim (2016)

PESSOA	NÚMERO	Série 2	Série 3	Série 4	Série 5
1	SG	ĩ	ĩ	wa	wa
	DU/PL	wa ... V-n	wa		
2	SG	ai		bə	tɛ
	DU/PL	ai ... V-kw	... kba		
3	SG		te	mã ~ nã	tɛ
	DU/PL		te		

Fonte: Cotrim (2016, p. 206-215)

Uma leitura comparativa das séries pronominais apresentadas por Mattos, Sousa Filho e Cotrim mostra que as séries descritas são semelhantes. Contudo, os parâmetros que as fazem convergir não são claramente identificáveis de imediato. Sendo assim, fez-se necessário repassar essas descrições, os respectivos exemplos e planificar uma forma de organização das marcas pessoais, a fim de utilizar uma análise compatível com as pesquisas anteriores, bem como plausível para os dados da língua por nós estudados.

É importante ressaltar que, independente do momento de registro e do tipo de análise escolhida para interpretá-los, os dados da língua manifestam uma organização pronominal consistente ao longo do tempo.

Conforme se observa no Quadro 6, que compara a organização do paradigma que se associa a morfemas de modo realis e irrealis, ressalvada a diferença de representação fonológica na segunda pessoa, a “Séria A – Nominativa” de Sousa Filho corresponde às Séries 4 e 5 de Cotrim. Destacamos que ambos registraram em seus trabalhos a mesma razão para a alternância demonstrada na segunda e na terceira pessoa deste paradigma, ou seja, a diferenciação do aspecto imperfectivo da ação.

Quadro 6 – Comparação prefixos pessoais Sousa Filho e Cotrim

PESSOA	NÚMERO	SOUSA FILHO	COTRIM	
		Série A - Nominativa	Série 4	Série 5
1	SG	wa-	wa	wa
	DU/PL			
2	SG	bĩ- ~ tɛ-	bə	tɛ
	DU/PL			
3	SG	∅- ~ mã- ~ nã- ~ tɛ-	mã ~ nã	tɛ
	DU/PL			

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Cotrim (2016, p. 95), a Série 3 “marca o agente de verbos transitivos nominalizados negados”. Essa série não é encontrada no trabalho de Sousa Filho, pois este analisa diferentemente as orações com predicados negados, tendo identificado uma mudança no padrão de alinhamento do sistema pronominal em contexto circunstancial e de negação, a qual é evidenciada com a marcação do argumento A de verbos transitivos pelo morfema ergativo {-te ~ -t}. (SOUSA FILHO, 2007, p. 284).

Outro exemplo de correspondência entre os paradigmas pessoais encontrados na literatura sobre o Xerente observamos entre os prefixos do Quadro 3, conforme Mattos (2005), e os que integram a Série B de Sousa Filho (2007) e a Série 2 de Cotrim (2016).

Vejamos o quadro comparativo a seguir.

Quadro 7 – Comparação prefixos pessoais em diversos autores

PESSOA	NÚMERO	MATTOS	SOUSA FILHO	COTRIM
		Verbo/Nome/Posp	Série B	Série 2
1	SG	ĩ-	ĩ-	ĩ
	DU/PL	wa-	wa-	wa ... V-n
2	SG	ai-	ai-	ai
	SG honorífico	a-		
	DU/PL	ai- ... -kwa ~ -kba	ai- ... -kw(a) ~ -kba	ai ... V-kw
3	SG	∅- ~ ti- ~ t-	∅- ~ ã- ~ ã- ~ ti- ~ t-	
	SG recorrente (or. subsequentes)	ĩ-		
	SG humano (nome citado)	ã-		
	SG honorífico	ta- ~ da-		
	DU/PL	∅-	ti- ~ t-	
	DU/PL referido	∅- ... -kwa		
	DU/PL humano inespecífico	da-		

Fonte: Elaborado pela autora.

Observe-se, no Quadro 7, que a Série 2 de Cotrim não apresenta os dados de terceira pessoa, devido à interpretação de tais prefixos como morfemas flexionais e não como marcas pessoais. Conforme o autor, “foram identificados, até o presente, três morfemas flexionais, todos prefixos: {ka-} ‘3ª pessoa acusativa’; {i-} ~ { }¹⁴ ‘3ª pessoa absoluta’, e {ti-} ‘terceira pessoa nominativa’” (COTRIM, 2016, p. 122).

Sobre os prefixos de terceira pessoa, {ĩ-} ~ {∅-} e {ti-}, neste trabalho são considerados como pertencentes ao paradigma de prefixos pessoais da língua Xerente e, como temos observado, {ĩ-} é utilizado em contexto relativo e a alternância entre {∅-} e {ti-} expressa uma cisão na marcação da concordância pessoal dos verbos intransitivos, que identifica, por exemplo, a ocorrência de processos de redução de valência e a supleção verbal. A cisão da marcação de pessoa nos verbos intransitivos, entretanto, não será abordada neste texto.

Sobre o prefixo {ka-}, esclarecemos que foi inicialmente descrito em Krieger & Krieger (1994, p. 13) como uma marca de quantidade, que ocorreria na formação de temas verbais, como ilustrado no exemplo a seguir, que reproduzimos glosado e em transcrição fonêmica:

- (1) karɔ wa-t-o **ka**-zu
 arroz 1-RLS-ENF Q-pilar
 ‘Eu pilei arroz’

Segundo Mattos (2005), o afixo {ka} é analisado como qualificador de quantidade “massa”. Reproduzimos abaixo, glosados e em transcrição fonêmica, os exemplos oferecidos pelo autor:

- (2) karɔ wa-t **ka**-hi
 arroz 1-RLS Q-cozinhar
 ‘Eu cozinhei arroz’
- (3) karɔ wa-t **ka**-hrin(ĩ)
 arroz 1-RLS Q-cozinhar.PL
 ‘Nós cozinhamos arroz’

¹⁴ Em geral, referido na literatura como morfema zero e representado por ∅.

- (4) *krawa nĩ wa-t ka-hurn(ĩ)*
 paca carne 1-RLS Q-comer.PL
 ‘Nós comemos carne de paca’
- (5) *wa-t-o wasa ka-hurnĩ*
 1-RLS-ENF mastigar Q-comer.PL
 ‘Nós todos comemos bastante’
- (6) *kupazum nã wa-za kmã ka-tu*
 farinha POSP 1-IRR POSP Q-misturar
 ‘Vou misturar (algum alimento) com farinha’
- (7) *kə wa-za ka-kə*
 água 1-IRR Q-pegar
 ‘Eu vou pegar (bastante) água’
- (8) *saktẽ wa-t ka-du*
 muito 1-RLS Q-pegar
 ‘Eu peguei muito’

O autor acrescenta que, além de modificar palavras, aumentando a ação do verbo ou do descritivo, esse prefixo também pode ocorrer na formação de palavras, tais como:

- (9) **ka**hu ‘comer em grande quantidade’ = {ka} ‘massa’ + {hu} ‘encher algo de líquido’;
 (10) **ka**pre ‘fumar’ = {ka} ‘massa’ + {pre} ‘tornar algo vermelho’;
 (11) **ka**huri ‘comer muito’ = {ka} ‘massa’ + {huri} ‘encher (geralmente de algum líquido)’;
 (12) **ka**su ‘folha da palmeira babaçu’ = {ka} ‘massa’ + {su} ‘folha’;

Sousa Filho, por sua vez, interpreta o morfema {ka} como pronome quantificador. Nessa análise inicial, {ka} e outros pronomes integrariam o caso partitivo, expressando quantidades ou grandezas. No grupo estão “ka ‘plural indefinido, quantidade grande’, kmẽ ‘singular indefinido, quantidade pequena’, nha ‘alguns’, prã ‘poucos’ e saktẽ awre ‘grande quantidade’ etc.” (SOUSA FILHO, 2007, p. 292). Em seus dados, encontramos alguns exemplos com o afixo {ka}, reproduzidos aqui, nos exemplos (13) a (17).

- (13) *tahã māt sika-nõrĩ ka-du*
 ele 3PAS.PERF.REAL galinha-NSG PARTT-carregar.PL
 ‘Ele comprou galinhas’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 113)
- (14) *toka tε-b-za ai-s-ipi taněkõa*
 você 2IMP-INT-FUT 2-R2-trabalhar CONJ
 dasa **ka** hiri

comida PARTT cozinhar

‘Você vai trabalhar ou vai fazer comida?’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 176)

- (15) tahã pikõ wi kî saikwar-**knã** ø-**ka** du
aquela mulher chegar água derramar-DESPR 3-PARTT carregar
‘Ela carregou água sem derramar’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 188)
- (16) toka teza nõzî **ka** dur-kazum(ã)-pibumã
você 2FUT.IMP.IRRE milho PARTT pegar-socar-PRPS
‘Você vai pegar milho para socar’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 192)
- (17) wa wat rɔ wa-si-mã **ka** du
eu 1PAS.PERF.REAL coisa 1NSG-REF-DAT PARTT comprar.PL
Eu comprei coisas para nós’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 233)

Depreendemos dos exemplos acima, que orações com verbos como plantar, colher, roçar, cortar, arrancar, pilar, secar, cozinhar, misturar, comer, escrever, pintar, tecer, entre outros, levam a marca {ka} para identificar uma característica quantitativa de seus objetos, que podem ser grãos, sementes, plantações, área de terra, o resultado da pintura, da escrita, da tecelagem etc.

Na análise de Cotrim, o prefixo {ka-} identifica a “3ª. pessoa acusativa”, “marcando no verbo transitivo o seu objeto, quando verbo e objeto sintático não formam uma unidade sintática” (COTRIM, 2016, p. 122). Os dados por ele apresentados contemplam os seguintes verbos: moer, cozinhar, espremer, ajuntar, cortar, pegar, contar, escrever, bater, quebrar, arrancar, capinar, ralar, enxugar, colocar. Abaixo, alguns exemplos, de (18) a (21).

- (18) tahã t nõkre- nõzə te **ka**-pa-r snã
3 RLS cantar-NML milho 3 3.ACUS-moer-NML enquanto
‘Ela canta enquanto moi milho’ (COTRIM, 2016, p. 123)
- (19) prãĩ-re snã wa t mkoitorã nnãkre **ka**-zə
pouco+ATN TRANS 1 RLS caju castanha 3.ACUS-bater-NML
‘Foi pouca castanha (de caju) que eu quebrei’ (COTRIM, 2016, p. 124)
- (20) (h)ewahə wa t ĩ mō-r dazakru sĭ tocantinia ku
ontem 1 RLS 1 ir-NML aldeia PERT Tocantínia DIR
are karɔ k-mē kə wam-rĭ snã ĩ mrō mã
CON arroz 3-ASS pegar PAUC-NML ITRANS 1 esposa DAT
tahã **ka**-hi are kmēsi-n
3.ENF 3.ACUS-cozinhar CONJ comer-PLZ

‘Ontem eu fui à cidade (“aldeia”) de Tocantínia, comprei um pouco de arroz, trouxe-o para minha esposa, ela o cozinhou e nós o comemos’ (COTRIM, 2016, p. 125)

- (21) toka nōrĩ kwa kbure bə t **ka**-wadupa(r)
 2 PL 2 todos 2 RLS 3-capinar
 ‘Vocês todos capinaram a roça’ (COTRIM, 2016, p. 205)

É interessante notar que os exemplos (18) a (21) contemplam verbos transitivos cujos objetos, nos contextos enunciados, são expressos em determinadas quantidades. Desse modo, considerando o uso recorrente do morfema {ka} com verbos cujos objetos apresentam uma característica quantitativa, analisamos essa marca como um partitivo.

4.2.3 Sistematização e reanálise

Nesta seção, apresentamos uma síntese das informações encontradas sobre o sistema pronominal da língua Akwê-Xerente e propomos a reanálise de alguns pontos.

No Quadro 8, reunimos os pronomes pessoais livres e os marcadores de pessoa que ocorrem em orações independentes da língua.

Quadro 8 – Pronomes e marcadores pessoais em oração independente

PESSOA	NÚMERO	PRONOMES LIVRES	MARCADORES ¹⁵ PESSOA / ASPECTO	
			PERFECTIVO	IMPERFECTIVO
1	SG	wa ~ wahã	wa	wa
	DU/PL	wanōrĩ		
2	SG	ka ~ toka	bə	tɛ
	DU/PL	kanōrĩ ~ tokanōrĩ		
3	SG	ta ~ tahã ~ totahã	mã ~ nã	tɛ
	DU/PL	tahãnōrĩ ~ totanōrĩ		

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁵ Para rotular os clíticos referentes à pessoa que se combinam com as marcas de aspecto e modo, adotamos, de Sousa Filho (2007), o termo ‘marcador’.

Os pronomes livres arrolados no Quadro 8 referem-se aos argumentos S do verbo intransitivo ou A do verbo transitivo. Sua ocorrência nas sentenças da língua é facultativa e, em geral, se realiza na primeira posição, no lado nominal da sentença, ou seja, na primeira metade do enunciado.

Os marcadores de pessoa e aspecto também identificam os argumentos S ou A e em associação com os morfemas de modo, reais {-t} ou irrealis {-za}, realizam a expressão de tempo, aspecto e modo das sentenças da língua Xerente. Esta série diferencia-se na segunda e na terceira pessoa, conforme o carácter aspectual da ação seja perfectivo ou imperfectivo. Sua ocorrência nas sentenças independentes da língua é obrigatória, do lado nominal da sentença.

Devido à organização argumental que os paradigmas do Quadro 7 exibem, identificando os sujeitos de verbos intransitivos e transitivos, entendemos, como Sousa Filho, que manifestam um padrão de alinhamento nominativo.

No Quadro 9, a seguir, reunimos os prefixos pessoais, que exibem uma organização absoluta, visto que codificam os argumentos S ou O no verbo da oração independente; e também o possuidor no sintagma nominal de posse e o objeto das posposições. A prefixação verbal com esse paradigma é obrigatória nas sentenças independentes da língua.

Quadro 9 – Prefixos pessoais em oração independente

PESSOA	NÚMERO	PREFIXOS ABSOLUTIVOS		
		VERBO	NOME	POSPOSIÇÃO
1	SG	ĩ- V	ĩ- N	ĩ- P
	DU/PL	wa-V-nĩ	wa-N-nĩ	wa-P
2	SG	ai-V	ai-N	ai-P
	DU/PL	ai-V-kwa ~ -kba	ai-N-kwa	ai-P-kwa
3	SG	ø- ~ t- ~ ti-	ø- ~ ã- ~ ã-	ø- ã- ~
	DU/PL			t- ~ k-

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse quadro, o rol de morfemas poderia ter sido apresentado em apenas uma coluna. Porém, ao contrário das análises anteriores, optamos por demonstrar o paradigma em colunas diferentes para evidenciar os tipos de estrutura a que se liga, na tentativa de esclarecer a motivação das possibilidades de preenchimento na terceira pessoa.

Na primeira coluna, dos verbos, os morfemas referem-se à codificação do único argumento de verbos intransitivos. Realizamos uma análise inicial dos prefixos pessoais em verbos intransitivos do Xerente e identificamos uma possível cisão, a qual pretendemos abordar detalhadamente em estudo futuro. A alternância visível na segunda pessoa, entre os sufixos {-kwa} e {-kba}, refere-se, respectivamente, ao número do sujeito e do objeto.

Na segunda coluna, referente aos nomes, {∅-} identifica a posse de terceira pessoa em geral, exemplo (22); o prefixo {ĩ-} refere-se a um possuidor mencionado anteriormente ou que ocorre em contexto subordinado¹⁶, conforme exemplo (23); {ã-} marca um referente nominalmente mencionado, exemplo (24).

(22) wakuke mã-t ∅-kra ∅-saprõ
 N.Pes 3-RLS 3-filho 3-levar
 ‘Wakuke levou o seu filho’ (MATTOS, 2005)

(23) wakuke ∅-wsi wi mã-t ĩ-kra dure ∅-wi
 N.Pes 3-chegar COND 3-RLS 3-filho ADV 3-chegar
 ‘Quando Wakuke acabou de chegar, seu filho também chegou’ (MATTOS, 2005)

(24) wakedi ã-pra ∅-zepku-di
 N.Pes 3-pé 3-doer-EST
 ‘O pé da Wakedi está doendo’ ou ‘Wakedi está com dor no pé’

Na terceira coluna do Quadro 9, referente às posposições, o prefixo {ã-} marca um referente nominalmente mencionado, exemplo (25), e {∅-} ocorre nos demais contextos, exemplo (26).

(25) sikuza mã-t wakuke ã-re t-si-kutõ-r
 roupa 3-RLS N.Pes 3-ASS 3-REFL-acabar-NMZ
 ‘A roupa de Wakuke se acabou’ (MATTOS, 2005)

(26) sikuza mã-t ∅-re t-si-kutõ-r
 roupa 3-RLS 3-ASS 3-REFL-acabar-NMZ

¹⁶ Conforme registrado inicialmente em Mattos (2005) e identificado em nossos dados.

‘A roupa dele se acabou’ (MATTOS, 2005)

Já a alternância entre {t-} e {k-}, aparentemente gramaticalizada em posições, se nota motivada em vários exemplos registrados tanto na literatura da língua quanto em nossos dados. É especialmente visível nas orações que utilizam a posposição dativa {mã}, mas também foi verificada nos nossos dados com a posposição associativa/partitiva {mê}. Como se observa nos exemplos abaixo, o prefixo {t-} indica um referente [+humano], enquanto {k-} sinaliza um referente [-humano].

Nos exemplos de Cotrim (2016), observa-se que a marcação com {t-} tem um referente humano em (27), enquanto em (28), a posposição marcada com {k-} sinaliza um referente não humano.

(27) nōkwai mã mã p ai separkwa kupazu **t**-mã sō
 quem DAT 3 INT 2 mãe farinha **3**-DAT enviar
 ‘Para quem sua mãe mandou farinha?’ (COTRIM, 2016, p. 189)

(28) tahã nã t tokai sīm knī kə
 3 3 RLS 2 PERT lança pegar
 te **k**-mã w(ĩ)rĩ da kbazeĩpra
 3 **3**-DAT matar PROP caça
 ‘Ele pegou tua lança para matar alguma caça’ (COTRIM, 2016, p. 89)

Os exemplos seguintes foram encontrados nos nossos dados, no texto “Kunmã krēwatbroze waskuze – a história do surgimento do fogo”.

Em (29) e (30), a posposição dativa {mã} ocorre marcada com {t-} quando o referente é humano e com {k-} quando o referente é não humano.

(29) are **t**-mã ø-mrê# arekto ã-n-rōwa-ku
 CONJ **3**-DAT 3-dizer# INTERJ 1-R-casa-DIR
 ‘Aí, ela (o onça) disse para ele (o menino): ‘Vamos embora pra minha casa’.

(30) ãba# are kãto sipahtu nōku are **k**-mã sakre
 NEG# CONJ CONJ urubu caldo CONJ **3**-DAT ultrapassar
 ‘Não, essa água é do urubu, e passaram direto’

De modo semelhante, em (31) e (32), a posposição associativa/partitiva {mê} ocorre marcada com {t-} quando o referente é humano e com {k-} quando o referente é não humano.

- (31) *tazi nã-t kbure t-mẽ t-si-krëkõt*
 ADV 3-RLS todos 3-ASS 3-REFL-reunir
 ‘e todo mundo se reuniu’
- (32) *kə wa=t k-mẽ sã-m=nmẽ# wa=za zekrenẽ-nĩ#*
 água 1=RLS 3-PART achar-NMZ=SUB# 1=IRR beber-NSG#
 ‘Quando encontrar uma água, nós vamos beber’

A seguir, sistematizamos, no Quadro 10, os prefixos pessoais que ocorrem em orações independentes circunstanciais ou em contexto dependente na língua Xerente, destacando que correspondem ao mesmo paradigma absolutivo, exposto no Quadro 9 {ĩ-, wa-, ai-, ai ... kba, ø}, o qual, em contexto subordinado, é acionado para fazer referência aos argumentos alinhados absolutamente nessas orações.

**Quadro 10 – Prefixos Pessoais
 em contexto independente circunstancial ou subordinado**

PESSOA	NÚMERO	PREFIXOS PESSOAIS	
		Verbo Transitivo	Verbo Intransitivo
1	SG	ĩ- t V	ĩ-
	DU/PL	wa-t V	wa-
2	SG	ø- ø V	ai-
	DU/PL	ø- ø V-kba	ai- ... -kwa
3	SG	ø- te (POSP) V	ĩ-
	DU/PL		

Fonte: Elaborado pela autora

Os exemplos (33) a (36) ilustram a realização dos prefixos em contextos independentes circunstanciais, com verbos transitivos e o exemplo (37) refere-se a contexto subordinado. Estes exemplos apresentam mudança no alinhamento do sistema pronominal, a qual será detalhada no Capítulo 5.

No momento, apenas destacamos que, na segunda pessoa, os sujeitos não aparecem identificados com a marca ergativa {te}, sendo a mudança no alinhamento evidenciada pela mudança do sufixo de número do verbo, [-kwa} para {-kba}.

- (33) *wa kbare karɔ-snã ã-t krenẽ kōdi*
 eu pequi arroz-COM 1-ERG comer NEG
 ‘Eu não como arroz com pequi’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 199)

- (34) wanõrĩ toka **wa**-t ai-s-tõkrãm kõdi
 nós você **1NSG**-ERG 2-R2-enganar NEG
 ‘Nós não enganamos você’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 255)
- (35) tokanõrĩ kbare karõ-snã \emptyset - \emptyset kahur-kba kõdi
 vocês pequi arroz-COM **2**-ERG comer.PL-2.ERG não
 ‘Vocês não comem arroz com pequi’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 121)
- (36) \emptyset -te wa-sã-m-kõdi
3-ERG 1NSG-ver-CL-NEG
 ‘Ele não nos viu’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 230)
- (37) tet mêmẽ-zus zaku \emptyset -te \emptyset -sasar
 3PROG.IMP.REAL dizer-REC após **3**-ERG 3-caçar
 ‘Eles disseram (um ao outro) que vão caçar (algo)’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 234)

Com os exemplos (38), (39), e (40), selecionados dos nossos dados, ilustramos a realização dos prefixos em orações subordinadas, aqui delimitadas por colchetes.

- (38) wa k-mã ã-zapa to [**ai**-s-õkre- \emptyset]
 1 3-DAT 1-querer ENF [**2**-R-cantar-NMZ]
 ‘Eu quero é que você cante’ (eu quero é o teu cantar)
- (39) wa wa=t ã-mrêmẽ [**ĩ**-kmãdkẽ- \emptyset da]
 1 1=RLS 1-falar [**1**-ver-NMZ SUB]
 ‘Eu falei para você olhar pra mim’
- (40) to kbure akwẽ mã=t \emptyset -wapa [kuzadi \emptyset -s-õkre- \emptyset re]
 ENF todos gente 3PERF=RLS 3-ouvir [N.Pes **3**-R-cantar-NMZ SUB]
 ‘Todos ouviram Kuzadi cantar’

4.2.3.1 Conclusão

Sobre a marcação pessoal no Xerente, entendemos, pelos exemplos analisados, que a estrutura oracional básica da língua identifica os argumentos em três “espaços” diferentes dentro das sentenças independentes. Os dois primeiros ocorrem logo no início do enunciado, contemplam elementos nominais; o terceiro, mais ao final, juntamente com a expressão verbal. É interessante destacar que o segundo espaço em que surge a identificação da pessoa contempla marcas pessoais que evidenciam traços aspectuais da ação e se ligam a morfemas de modo, realis e irrealis. Assim:

(1) No lado nominal, os pronomes pessoais livres anunciam o sujeito de verbos intransitivos e transitivos.

(2) No meio, as marcas pessoais, também representativas do sujeito de verbos intransitivos e transitivos, se ligam a morfemas de modo realis e irrealis, e evidenciam traços de modo e aspecto da ação. Nestes dois primeiros espaços, é clara a organização nominativa dos paradigmas.

(3) Na parte verbal, os prefixos pessoais ligados a verbos indicam o sujeito dos intransitivos e o objeto dos transitivos, numa sistematização alinhada absolutamente.

Já em contexto subordinado, como será visualizado no Capítulo 5, permanece a organização absoluta dos prefixos pessoais ligados ao verbo da oração subordinada, com acionamento de marcação ergativa do sujeito do verbo transitivo.

A título de ilustração, apresentamos o esquema abaixo, com os espaços estruturais, nos quais se organiza o sistema pronominal da língua Xerente.

Figura 6 – Esquema estrutural da realização das marcas pessoais em Xerente

NOME/ PRONOME	PESSOA (S e A)= =TAM	OBJETO	PESSOA (S e O)- VERBO
--------------------------	-----------------------------	---------------	------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

- (43) wa wa **t** mēmĩ pkɔ krãsrut toka ka-nhə-ri
 1 1 **RLS** lenha rachado amontoar 2 3.ACUS-cortar-NML
 ‘eu ajuntei a lenha rachada que vocês cortaram’ (COTRIM, 2016, p. 124).
- (44) wa wa **to** kə ka-kə- kə mba
 1 1 **RLS** água 3.ACUS-pegar-NML água PERL
 ‘eu busquei água no rio’ (COTRIM, 2016, p. 124).

Como observarmos em nossos dados que a presença do morfema {to} ainda traduz um traço de certeza ou de ênfase sobre a informação presente no enunciado, entendemos, inicialmente, como plausível uma análise que fizesse a distinção da marca evidencial dentro do componente de pessoa/aspecto/modo, sempre que esse traço fosse destacado pelo falante. Desse modo, sistematizamos no Quadro 11 as combinações que refletem essa opção.

Quadro 11 – Expressão de Tempo, Aspecto, Modo e Pessoa da língua Xerente

PESSOA / ASPECTO			COMBINAÇÕES DA EXPRESSÃO DE TAMP					
			MODO REALIS {-t} Passado ao Presente Progressivo		MODO IRREALIS {-za} Futuro e Habitual			
	Perfectivo	Imperfectivo	Perfectivo	Imperfectivo	Perfectivo	Imperfectivo		
			Passado	Presente Progressivo		Futuro Imediato já vou fazer	Habitual costumo fazer	Futuro Neutro vou fazer
1	wa	wa	wa-t, wa-to	wa-t, wa-to	wa-to-za	wa-za	wa-za	wa-za-to
2	bə	tɛ	bə-t, bə-to	tɛ-t, tɛ-to	bə-to-za	tɛ-za	tɛ-za	tɛ-za-to
3	mã ~ nã	tɛ	mã-t ~ nã-t ~ mã-to ~ nã-to	tɛ-t, tɛ-to	mã-to-za	∅-za	∅-za ~ tɛ-za	∅-za-to ~ tɛ-za-to

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Sousa Filho (2007).

A ideia da representação acima foi facilitar a compreensão, ou pelo menos a visualização, das possibilidades de realização das marcas gramaticais de tempo/aspecto/modo e pessoa da língua, sob a ótica da análise de Sousa Filho (2007).

O seu desenho integra dois blocos maiores. O primeiro, rotulado de “Pessoa/Aspecto”, contempla três colunas: uma com as pessoas (primeira, segunda e terceira), as outras duas, com os morfemas *portmanteau* que expressam as noções de pessoa e de aspecto (perfectivo e imperfectivo) da ação e ocorrem sempre associados aos morfemas de realis ou irrealis, como representado no segundo bloco.

O segundo bloco, intitulado “Combinações da expressão de TAMP” é formado por duas divisões, uma para o modo realis (que caracteriza ações que vão do tempo passado ao presente progressivo) e a outra para o modo irrealis (que marca ações projetadas para o futuro, inclusive imediato, e hábitos).

Ao combinar os morfemas do modo realis {-t} e o do irrealis {-za} com as marcas de pessoa especializadas para os aspectos perfectivo {wa, bæ, mã ~ nã ~ ø} e imperfectivo {wa, tɛ, tɛ}, o falante obtém um elemento combinado, necessário à identificação da pessoa envolvida e de traços relativos a aspecto e modo da ação enunciada, especialmente em contexto de orações independentes da língua Xerente.

Ocorre que, a divergência de interpretação existente entre os autores, com relação ao morfema {to}, nos levou a realizar, durante esta pesquisa, alguns testes com os falantes da língua, a fim de esclarecer o atual *status* do morfema e a existência ou não de distinção evidencial.

Identificamos, em certos contextos, uma oposição tênue entre as combinações {mãt - mãto, bæt - bəto, tɛt - tɛto}, as quais parecem ser utilizadas aí como alternantes livres. Há, porém, enunciados, em que os falantes acrescentam o morfema {to}, que traduzem ao português com a palavra “já”, para enfatizar a certeza da informação ou a conclusão da ação, algo como o descrito por Mattos e interpretado como marca evidencial por Sousa Filho¹⁷. Vejamos, a seguir, os exemplos (45) e (46), registrados em nossos dados.

(45) kbure mã=t akwê=nõrĩ ãnĩ ka hu-r-n
 todos 3=RLS gente=NSG carne PART comer-NMZ-PL
 ‘Todos (os akwê) comeram carne’

(46) kbure mã=t=õ dasa ka hu-r-n
 todos 3=RLS=**Ev?** comida PART comer-NMZ-PL
 ‘Todos **já** comeram (a comida)’

¹⁷ A precisão do uso desse morfema pode escapar à percepção do pesquisador, por não exigir um contexto linguístico específico, e depende, portanto, de um conhecimento prático aprofundado da língua para detectar a nuance semântica distintiva.

Desse modo, em nossa análise, mantemos a diferenciação registrada por Mattos e Sousa Filho, mas caracterizando-a, nos dados desta pesquisa, com a forma /to/ e na função ‘enfática’, quando o contexto assim o requeira, de acordo as evidências seguintes.

Primeiramente, a marca enfática /to/ apresenta uma mobilidade que a caracteriza como clítico, que pode, inclusive, se realizar junto às marcas de pessoa/aspecto/modo, mas distinguindo-se funcionalmente das oposições de modo da língua.

Os testes realizados nos nossos dados mostraram que essa opção simplifica a análise e ainda é corroborada pela realização do morfema {to} em outras posições oracionais, em contextos em que o falante deseja atribuir ênfase a determinado argumento ou informação, como nos exemplos (47) a (49).

(47) waĩkazats to rowahtu-kwa
 N.Pess ENF ensinar-NMZ
 ‘Waĩkazate é professor’¹⁸

(48) pikõĩ=nõrĩ to kbure nĩ mã=t ø-saza
 mulher=NSG ENF tudo carne 3=RLS 3-assar
 ‘As mulheres assaram toda a carne’

(49) to kbure akwẽ mã=t ø-wapa [kuzadi ø-s-ökre-ø rɛ]
 ENF todos gente 3=RLS 3-ouvir [N.Pes 3-R-cantar-NMZ SUB]
 ‘Todos ouviram Kuzadi cantar’

Por outro lado, a opção de caracterizar a ênfase apenas com a forma /to/ deve-se à possibilidade de ocorrência de processos¹⁹ no nível da palavra fonológica na língua Xerente, que reduzem sons vocálicos e consonantais contíguos. Em função disso, nas nossas glosas, a aplicação dessa regra de simplificação fonológica das duas consoantes, /t/ do modo realis e /t/ do morfema enfático to, mã=t=to → [mãto], será lembrada por meio de um asterisco: mã=t=*to. Ademais, para representar a análise do morfema enfático, dos morfemas de aspecto e modo e

¹⁸ Nesse contexto, Sousa Filho (2007) analisa o morfema {to} como cópula.

¹⁹ Vide Braggio (2005b) e Frazão e Grannier (2013).

outros como clíticos, utilizamos o sinal =. Optamos por essa notação a fim de representar com clareza a análise aqui proposta.

Assim, apresentamos no quadro abaixo, as possibilidades de combinação que resultam desta análise e que serão utilizadas nas transcrições dos dados desta pesquisa. Note-se que as combinações de pessoa/aspecto/modo do Quadro 12 contemplam a simplificação proposta e, portanto, não exibem variação do marcador de modo realis, nem incluem morfema enfático.

Quadro 12 – Expressão de pessoa, aspecto e modo em Xerente

	PESSOA / ASPECTO		MODO REALIS {=t}		MODO IRREALIS {=za}	
	Perfectivo	Imperfectivo	Perfectivo	Imperfectivo	Perfectivo	Imperfectivo
1	wa	wa	wa=t	wa=t	wa=za	wa=za
2	bə	tɛ	bə=t	tɛ=t	bə=za	tɛ=za
3	mã ~ nã	tɛ	mã=t ~ nã=t	tɛ=t	mã=za ~ ø=za	tɛ=za ~ ø=za

Fonte: Elaborado pela autora.

Observe-se também que as combinações exibidas acima não consideram a expressão temporal, uma vez que entendemos, como Cotrim (2016, p. 317), que essa noção se realiza por meio de um conjunto de palavras ou locuções adverbiais e não integrando a combinação de morfemas pessoa/aspecto/modo.

Outra característica que se destaca no Quadro 12 e que pode ser aprofundada em estudos futuros refere-se à manutenção da forma da primeira pessoa, wa, independente do traço aspectual expresso nas orações. Essa prevalência parece sinalizar a existência de uma relação hierárquica entre as pessoas do discurso, que atribui à segunda e à terceira pessoa a função de realizar a diferenciação aspectual do enunciado, mantendo-se a primeira, nos diferentes contextos, conforme exemplificado em (50) e (51).

A título ilustrativo, apresentaremos, nas subseções 4.3.1 e 4.3.2, alguns exemplos da ocorrência das combinações de pessoa/aspecto/modo na língua Xerente.

4.3.1 Exemplos no Modo Realis

Nesta subseção, de (50) a (56), temos exemplos de ações relatadas no modo realis, marcadas pelo morfema {=t}, conjugado às pessoas, {wa} ‘primeira perfectivo/imperfectivo’;

{bə} ‘segunda-perfectivo’; {tɛ} ‘segunda-imperfectivo’; {mã ~ nã} ‘terceira-perfectivo’; {tɛ} ‘terceira-imperfectivo’.

- (50) wa=t mãgɛ k-mě=ø-si
1=RLS manga 3-PART=3-comer
‘Eu comi muita manga’
- (51) wa=t ã-sa
1=RLS 1-comer
‘Estou comendo’
- (52) təkãnã bə=t ai-s-ipi
hoje 2PERF=RLS 2-R-trabalhar
‘Hoje você trabalhou’
- (53) toka tɛ=t ai-sa
2SG 2IMP=RLS 2-comer
‘Você está comendo’
- (54) kuzadi mã=t kupar k-mě ø-krě
N.Pes 3=RLS beiju 3-PART 3-comer
‘Kuzadi comeu beiju’
- (55) kuzadi mã=t=*to ti-sa
N.Pes 3=RLS=ENF 3-comer
‘Kuzadi (já) comeu’
- (56) tahã tɛ=t ti-sa
3SG 3IMP=RLS 3-comer
‘Ele está comendo’

No caso dos exemplos (50) e (51) acima, a distinção de aspecto da ação, perfectivo ou imperfectivo, com a primeira pessoa, se faz em contexto na língua.

4.3.2 Exemplos no Modo Irrealis

De (57) a (61) temos exemplos de ações registradas no modo irrealis, marcadas pelo morfema {=za} conjugado às pessoas, {wa} ‘primeira perfectivo/imperfectivo’; {tɛ} ‘segunda-imperfectivo’; {tɛ ~ ø} ‘terceira-imperfectivo’.

- (57) wa=za ã-n-ipi
1=IRR 1-R-trabalhar
'Eu vou trabalhar'
- (58) toka tɛ=za ai-s-ipi
2SG 2IMP=IRR 2-R-trabalhar
'Você vai trabalhar'
- (59) toka tɛ=za ai-s-õkre
2SG 2IMP=IRR 2-R-cantar
'Você canta' (Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 229)
- (60) tahã tɛ=za ti-sa
3SG 3IMP=IRR 3-comer
'Ela vai comer'
- (61) akwẽ ø=za btə=bə karo k-mẽ=ø-si
gente 3=IRR dia=todo arroz 3-PART=3-comer
'Os akwẽ (as pessoas da etnia akwẽ) comem arroz todos os dias'

Note-se que nos exemplos (58) e (59), (60) e (61), a distinção entre uma ação futura (vai comer) e uma ação habitual/potencial (come / tem o hábito de comer) se observa no contexto da enunciação. Na língua Xerente, esses dois tipos de ações estão no âmbito das possibilidades e por essa razão são enunciados no mesmo modo, irrealis.

Com os exemplos (62) a (64), consultados em Sousa Filho (2007, p. 156) e apresentados aqui com adaptação na glosa, ilustramos a realização da noção enfática no modo irrealis e com aspecto perfectivo. É interessante notar como a combinação de aspecto perfectivo e modo irrealis se expressa no ambiente enfático e, nesse contexto, praticamente se assegura a realização da ação iminente.

- (62) wa wa=to=za ã-n-õt (õ)
1SG 1=ENF=IRR 1-R3-dormir
'Eu vou dormir' (lit.: Eu já estou pronto para ir dormir, estou indo dormir).
(Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 156)
- (63) toka bə=to=za ø-kwakre
2SG 2PERF=ENF=IRR 3-cavar
'Você vai cavar (algo)' (lit.: Você já vai cavar (garanto)/já está pronto pra cavar).
(Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 156)
- (64) tahã mã=to=za ø-n-õt (õ)
3SG 3PERF=ENF=IRR 3-R3-dormir
'Ele vai dormir' (lit.: Ele já está pronto pra ir dormir, ele está indo dormir).

(Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 156)

Com os exemplos (65) a (67), consultados em Sousa Filho (2007, p. 157) e apresentados aqui com adaptação, ilustramos a realização da noção enfática no modo irrealis e com aspecto imperfectivo.

(65) wa wa=za=to ï-n-õt (õ)
 1SG 1=IRR=ENF 1-R3-dormir
 ‘Eu vou dormir’ (lit.: Eu vou dormir mesmo). (Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 157)

(66) toka tɛ=za=to ai-s-õt (õ)
 2SG 2IMP=IRR=ENF 2-R2-dormir
 ‘Você vai dormir (lit.: Você vai dormir mesmo). (Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 157)

(67) tahã tɛ=za=to ø-kwakre
 3SG 3IMP=IRR=ENF 3-cavar
 ‘Ele vai cavar (algo)’ (lit.: Ele vai cavar mesmo). (Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 157)

Nos exemplos (65) a (67), a combinação dos morfemas de aspecto imperfectivo e de modo irrealis se expressa de forma contígua e deixa a marca enfática na última posição do composto pessoa-aspecto-modo-ênfase da oração.

4.4 Os verbos da língua Xerente

As pesquisas anteriores sobre o Xerente fazem referência à existência de variação nas formas verbais dos verbos da língua, fato que também tem sido reportado em outras línguas da família Jê, Reis-Silva (2001), Castro Alves (2004), Silva e Oliveira (2011) e outros.

O estudo de Silva e Oliveira (2011) contempla várias línguas da família Jê e registra diversas motivações para a ocorrência de verbos com formas finitas e não finitas. Entre as razões constam o tempo passado (Pykobyê, Krahô e Parkatêyê), a posição final na oração (Krahô e Xerente), a ocorrência de determinados pronomes, (Kayapó e Xerente), marcação de caso (Mêbengrokê e Parkatêyê), aspecto (Panará e Suyá).

Segundo Oliveira (2014), as línguas da família Jê, apresentam formas alternativas dos verbos cuja ocorrência se restringe a certas situações morfossintáticas, que variam de distinções de tempo e/ou aspecto da oração ao *status* do predicado como principal ou não dentro da sentença.

Quanto à terminologia utilizada para rotular essas variações no verbo, “forma longa ou “forma não finita”, a autora argumenta que a utilização da primeira denominação se restringe apenas à caracterização morfológica do verbo, sem “apontar as repercussões que a “forma longa” tem sobre a organização sintática do contexto em que aparece”. Em contrapartida, também explica que

a denominação “forma não finita” aponta para uma modificação no *status* morfossintático do verbo, já que, por definição, a forma não finita deixa de situar os argumentos do verbo no tempo e no espaço, dentro da cadeia de eventos do discurso, de modo que o predicado não finito é compreendido semântica e funcionalmente como um elemento constitutivo dentro da concepção de outro evento mais amplo. (OLIVEIRA 2014, p. 298).

No caso do Xerente, as formas alternativas foram identificadas pelos três pesquisadores da língua, mencionados anteriormente. Segundo Mattos (2005), um mesmo verbo possui várias formas, a depender da estrutura da oração em que ocorre. As formas breves ocorrem nas orações

de ação simples, enquanto as formas longas nas orações de ações repetidas ou múltiplas²⁰. Identificou também verbos com temas únicos e outros com temas múltiplos, de acordo com número do argumento, havendo verbos de dois temas: um para o singular e outro para dual/plural ou um para o singular/plural e outro para o dual; e há verbos que possuem três temas: um para o singular, um para o dual e outro para o plural.

Sousa Filho identificou a existência de três formas verbais: invariáveis, supletivas alternantes, e curtas e longas.

Os **verbos de formas supletivas**, explica, possuem três raízes verbais que se alternam de acordo com fatores sintático-semânticos que dizem respeito às sentenças em que são usados. Ou seja, na seleção das formas supletivas está implícita a concordância do verbo com os argumentos centrais da sentença, de modo que, nas sentenças intransitivas, as formas supletivas concordam com sujeito e, nas sentenças transitivas, a supleção reflete a concordância com o objeto.

Neste ponto, é oportuno mencionar que a composição do tema verbal se faz com afixos que a ele se ligam. Os prefixos são de três tipos: de concordância pessoal, identificam as pessoas dos argumentos S e O (ĩ- ‘1SG, ai- ‘2SG/PL, ø- ‘3SG’, wa- ‘1PL’); de aspecto contínuo (kr- ~ k-); e de voz reflexiva (si-). Os sufixos correspondem à concordância número pessoal do sujeito em orações declarativas (-ni ~ -nĩ ‘1DU/PL’, -kwa ~ -kw ‘2DU/PL’, -ø ‘3DU/PL’).

Além de ser feita pela estratégia sufixal, a concordância número-pessoal em Xerente também utiliza o recurso das formas supletivas, acima mencionadas, nas quais se observa a variação morfofonológica dos temas verbais com a manutenção de significados semelhantes para as noções expressadas. No caso do Xerente, as formas alternativas refletem o número dos argumentos S na sentença intransitiva e O na transitiva. No Quadro 13²¹, alguns exemplos de verbos transitivos supletivos do Xerente.

²⁰ Sobre verbos que expressam as noções semânticas de ação múltipla (repetida ou recorrente) e ação única, veja-se D’Angelis (2004).

²¹ Os verbos listados nos quadros 13, 14 e 15 foram coletados nos trabalhos anteriores sobre a língua e em nossos dados.

Quadro 13 – Verbos transitivos supletivos

SINGULAR	DUAL	PLURAL	GLOSA
satosi	sanõ	sãmrã	arrancar, colher, tirar
kwanrẽ	samrõ	kwanrẽ	assar dentro da brasa
mẽ	wamzuri	smẽ, sãmrã	atirar, jogar
preke	kwapsisi	kahãri, kazãri	bater
duri	kwape	kwasari	carregar
sẽrẽ	sem-kw	semã	colocar dentro, guardar
krẽnẽ	kne-kwa	kmẽsi?, kahuri	comer
hiri	za-kw	hri	cozinhar
kamõ	sõmrĩ	tmõsõ(mrĩ)	dar
kmã rowiri	kmã ropãri	kmã ropãri	derrubar
kazakra	kbuõi-kw	kburõ	juntar
kãri	kwape	saprõnĩ, simrõ	levar
wĩrĩ	wasi-kw	dãkã	matar
pru	za-kw	z	quebrar
kmẽ tari		karnnãrĩ	tirar fruta do pé

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 14, exemplos de verbos intransitivos supletivos do Xerente.

Quadro 14 – Verbos intransitivos supletivos

Singular	Dual	Plural	Glosa
hikrã nã da	hikrã nã simẽkwara	hikrã nã simãsa	ajoelhar
mõr	nẽ(mã)	wahudu, mõmõrĩ	andar, ir
krãiwatõbrõ	krãipusi	krãiwarebe	aparecer
kumte	kumte	ssõ	banhar
waptãrã	pusi	rereke, siwãrĩ	cair do alto, descer, nascer
sõkre		sõkrkaka	cantar
wisi	simãsisi	sinã	chegar
wwa	sdari, siwakõ	krikri	chorar
wi	simãsis	sinã	chegar
wara	ssamrõ	ssakre	correr, fugir, voar
si-hãri		si-kẽ	cortar-se, quebrar-se
dasiwapsisi	praba	wapsisi	dançar
nõmrõ	daikwa	nmĩkwara	deitar
sebre	zasi	sẽbre	entrar
nõmrõ	daikwa	nmĩkwara	estar deitado
dakõ		nĩmnãtã	estar em cima
da	simẽkwara	simãsa	estar em pé
nãmrã	simãsisi	sikburõ	estar sentado
mrẽmẽ	mrmẽzusi	mrmẽzusi	falar
hãrã		hãsi	gritar

watɔbrɔ	pusi, puskwa	wairebe	ir, sair
samã	sasõmrĩ	sawte	levantar
dərə	dkə-kw	dəkə	morrer
sarot	darõtõ	rereke	pular
krēwa	krēwa	krēkē	voltar

Fonte: elaborado pela autora.

Tratando-se das formas **finitas e não finitas** ou **breves e longas** dos verbos Xerente, Sousa Filho (2007) menciona que a maioria das ocorrências de formas longas se dá em sentenças declarativas, cujos argumentos são dual ou plural, independente do tempo, do aspecto ou do modo em que se encontram tais sentenças.

Cotrim (2016), tratando da nominalização que resulta em “nome de ação”, explica que esta tem como base verbos intransitivos e transitivos combinados com o morfema derivacional {-rĩ ~ -ri ~ -r ~ ø-} ‘nominalizador de nome de ação’. Este autor também observa que o núcleo verbal, quando modificado por advérbio, “se apresenta em sua forma longa, que é a forma nominalizada pelo nominalizador de ação {-ri, ø-, -m}” (COTRIM, 2016, p. 196).

No Quadro 15, exemplos de verbos do Xerente em suas formas breves e longas.

Quadro 15 – Formas finitas e não finitas de verbos Xerente

FORMA FINITA	FORMA NÃO FINITA	GLOSA
kə	kə-ri	buscar, pegar
õkre	õkre-ø	cantar
kmēsi	kmēsi-i	comer, engolir
wara	wra-ø	correr
səhə	shə-ri	cortar
sõ	sõ-(m)rĩ	dar
sikra	sikra-i	descer
õtõ	tõ-ø	dormir
mrē	mrmē-ø	falar
hərə	hrə-ø	gritar
mõ	mõ-r(ĩ)	ir.SG
nē	nē-m(ã)	ir.DU
wahutu	wahtu-ø	ir.PL
wĩ	wĩ-r(ĩ)	matar
saza	saza-i	moquear, assar
wawi	wawi-ø	pintar
ipi	ipi-ø	trabalhar

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse tipo de modificação verbal chamou a nossa atenção, visto que vinha sendo observada em diferentes tipos de orações complexas, em nossos dados.

Com essas informações em mente, apresentamos, a seguir, dois exemplos para ilustrar a presença de formas finitas e não finitas ou nominalizadas, em contextos de subordinação.

(68) wa k-mã ã-zapa to [kupa ø-shə-**ri**]
 1 3-DAT 1-querer ENF [mandioca 3-cortar-**NMZ**]
 ‘Eu quero é que você corte a mandioca’ (eu quero é o cortar da mandioca).

(69) wa=t aikde ø-kmãdək [kə mba ø-ssõ-**i** rɛ]
 1=RLS criança 3-ver [água LOC 3-banhar.PL-**NMZ** SUB]
 ‘Eu vi as crianças banhando no rio’ (Lit.: ‘Eu vi o banhar das crianças no rio’)

Além do acima exposto, é relevante mencionar que no Xerente o verbo se posiciona majoritariamente no final da sentença, exceto no caso de modificação circunstancial no enunciado, por exemplo, por advérbios, de intensificação *wawê*, ou de negação *kôdi*. Ainda, “as partículas relacionadas às categorias de tempo, aspecto e modo (TAM) encontram-se ao longo do predicado, não sendo codificadas na raiz verbal” (SOUSA FILHO, 2007, p. 307).

Quanto à realização das categorias modais e aspectuais da língua Xerente, Sousa Filho (2009) apresenta interessantes reflexões sobre a importância da categoria de modo neste idioma, tomando como base estudo sobre a ordem de emergência das categorias verbais na aquisição da língua pela criança Xerente.

4.5 A oração básica em Xerente

Tendo em vista o estudo de alinhamentos morfossintáticos, recomenda-se que a observação da organização e funcionamento das relações gramaticais considere inicialmente as orações não marcadas da língua, que também podemos chamar básicas. Segundo Givón (2001), esse tipo de oração não marcado das línguas corresponde às características principal, declarativa, afirmativa e que geralmente apresenta um status modal no realis.

De modo semelhante, Payne (2006) considera como básica a oração pragmaticamente neutra (sem destaques, tais como a primeira menção de participante no discurso, ou o questionamento de alguma informação), simples, declarativa e afirmativa. Nessa linha de entendimento, o presente estudo da língua Xerente utiliza a expressão ‘oração básica’ em referência a orações simples, declarativas e afirmativas, em outras palavras, estamos aludindo àquelas mais próximas do tipo pragmaticamente neutro, que não contemplam contraste, ênfase, ou destaque de outro tipo.

Os enunciados que se encaixam nessas condições, na língua Xerente, apresentam uma formatação específica, quando analisados sob os critérios de ordem dos constituintes, estrutura argumental, marcação de caso e concordância verbal. Vejamos os exemplos abaixo.

(70) sasarkwa mã=t ø-wara
caçador 3PERF=RLS 3-correr.SG
‘O caçador correu’

(71) sasarkwa mã=t kro k-mě ø-wĩ
caçador 3PERF=RLS macaco 3-PART 3-matar
‘O caçador matou o macaco’

Em (70), temos uma oração com verbo intransitivo e em (71), com verbo transitivo. Quanto aos componentes dessas orações, vemos, na primeira posição, o sujeito de verbo intransitivo ou transitivo. Em seguida, os clíticos que indicam a pessoa do sujeito, combinados com os de aspecto e modo, ocupando a segunda posição no enunciado. A parte final do enunciado é preenchida pelo verbo, que exhibe prefixos pessoais, que fazem referência às pessoas do sujeito do verbo intransitivo ou do objeto do verbo transitivo.

Para ilustrar a realização do paradigma prefixal completo, temos orações transitivas em (72) e (73), em que os prefixos pessoais se referem a objetos de primeira e segunda pessoa, respectivamente.

(72) toka bə=t ĩ-kmãdkə
 2SG 2PERF=RLS 1-ver
 ‘Você me viu’

(73) sasarkwa mã=t ai-kmãdək
 caçador 3PERF=RLS 2-ver
 ‘O caçador viu você’

Em (74) e (75), orações intransitivas, com os mesmos prefixos fazendo referência a sujeitos de primeira e segunda pessoa, respectivamente.

(74) wa wa=t ĩ-sa
 1 1=RLS 1-comer
 ‘Eu comi’

(75) toka bə=t ai-sa
 2SG 2PERF=RLS 2-dormir
 ‘Você comeu’

Essa organização da oração básica explicita os seguintes fatos:

- (i) A ordem canônica dos constituintes da oração é objeto-verbo.
- (ii) A localização, em primeira posição na oração, de nominais e pronominais referentes aos sujeitos de verbo intransitivo – S e de verbo transitivo – A.
- (iii) A localização, em segunda posição na oração, dos clíticos de TAM, os quais se combinam com outros clíticos pessoais, também representando sujeitos de verbo intransitivo – S e de verbo transitivo – A.
- (iv) A concordância do verbo com o sujeito intransitivo – S e com o objeto da oração transitiva – O.

Configura-se, desse modo, em relação aos argumentos centrais da oração básica, um alinhamento nominativo-absolutivo.

Outro aspecto que se evidencia nessas orações é a realização do verbo na sua forma finita, visto que exhibe morfologia de concordância pronominal e que os marcadores de tempo, aspecto e modo (TAM) da ação estão presentes na oração.

5 ORAÇÕES EM AKWÊ-XERENTE

Neste capítulo, apresentamos um resumo dos tipos de orações que se encontram registrados nos estudos prévios sobre a língua Akwê-Xerente, vide Mattos (2008, não publicado), Sousa Filho (2007) e Cotrim (2016).

5.1 Os tipos de orações descritos por Mattos

Mattos (2008), em trabalho voltado ao aprendizado da língua Xerente, apresenta algumas características da oração indicativa ou independente, tipo oracional que considera mais recorrente na língua e dos mais fáceis de ser aprendido. Segundo ele, esse tipo é usado para narrar acontecimentos, descrever fatos, contar histórias, prestar informações, fazer declarações e perguntas.

O autor subcategoriza esse tipo de oração em intransitiva e transitiva e indica seus elementos essenciais, a saber:

- a. A combinação de morfemas que denomina pronome indicativo, composta por “Pronome + Qualificadores de tempo/aspecto”, na função de sujeito. Conforme o autor, este elemento é característico da oração independente e não ocorre nos demais modos. Ressalta ainda que a marcação de tempo e aspecto no Xerente é feita no sujeito e não no verbo, como ocorre em outras línguas.
- b. O verbo, na função de predicado.
- c. O objeto, no caso das transitivas, que pode ser nominal ou pronominal.

A seguir, apresentamos alguns exemplos²² em que o autor ilustra os fatos descritos.

²² Os dados da língua Xerente registrados por Mattos (2005, 2008) utilizam o sistema de escrita vigente do Xerente e não contêm glosa. Assim, para facilitar sua compreensão, são reproduzidos neste trabalho com adaptação, ou seja, em transcrição fonêmica e, na medida do possível, glosados.

- (76) wa=t ĩ-n-õtõ
1=RLS 1-R-dormir
'Eu dormi'
- (77) siknõ bə=t k-mã-nār-kw(a)
cofo 2PERF=RLS 3-DAT-fazer-DU
'Vocês fizeram o cofo'
- (78) krawa nĩ wa=t ka-hur-n(ĩ)
paca carne 1=RLS PART-comer-PL
'Nós comemos carne de paca'

5.2 Os tipos de orações descritos por Sousa Filho

Sousa Filho (2007), ao abordar aspectos da sintaxe do Xerente, descreve os tipos de predicados identificados em seus dados e os organiza em dois grupos, nominais e verbais.

Compondo os predicados nominais, lista equativos, existenciais, possessivos, locativos, e atributivos ou predicativos (estativo – predicativo).

No grupo dos predicados verbais, com base em orações independentes, reúne: intransitivos (79), intransitivos estendidos com dois argumentos (80), transitivos com dois argumentos (81), e transitivos estendidos com três argumentos (82). A seguir, alguns exemplos de predicados verbais apresentados pelo autor.

- (79) toka teza ai-s-õkre
você 2HAB.IMP.IRRE 2-R2-cantar
'Você canta' (SOUSA FILHO, 2007, p. 229)
- (80) toka teza wa-i-mě za ai-mõr
você 2FUT.IMP.IRRE eu-VL-COM FUT 2-Ir
'Você irá comigo'. (SOUSA FILHO, 2007, p. 230).
- (81) wa wat akwě-nõrĩ kmãdĩk(ĩ)
eu 1PAS.PERF.REAL gente-NSG ver
'Eu vi o povo'. (lit.: 'Eu vi um grupo de gente') (SOUSA FILHO, 2007, p. 90).
- (82) dakmãdĩkĩkwa māt sadu saktẽars ĩ-m-sõ(mrĩ)
chefe 3PAS.PERF.REAL cocar muitos 1-BEN-dar
'O chefe me deu muitos cocares'. (SOUSA FILHO, 2007, p. 231).

5.3 Os tipos de orações descritos por Cotrim

Cotrim (2016) descreve três tipos de orações da língua Xerente, coordenadas, subordinadas e relativas.

No primeiro grupo das coordenadas distingue as que se realizam por justaposição, (83), das que apresentam conectivo expresso, estas subdivididas em aditiva (84), disjuntiva (85) e contrafactual (86).

- (83) ï-ptokwa mã to t-kre sasa-r mnõ pibumã mõ
 1-pai 3 RLS 3-POSP caçar-NML DISTR FIN ir
 ‘Meu pai foi caçar e matou onça’ (COTRIM, 2016, p. 221)

A seguir, exemplos de coordenadas com conectivo expresso: aditiva com conectivo {arɛ} (84), disjuntiva com conectivo {bɛ} (85) e disjuntiva com conectivo {tanëkõwa} (86).

- (84) wa wa t ai k-mã=dək(ə) **arɛ** tapari ï-mõr
 1 1 RLS 2 3-DAT=ver **CON** depois 1-ir-NML
 ‘eu vi você e (depois) fui embora’ (COTRIM, 2016, p. 223)

- (85) Sõpre mã p kupa=kbu kmësi- **bɛ** ï-nĩ mã p kə
 Sõpre 3 INT mandioca=beiju comer-NML **CON** 3-carne 3 INT pegar
 ‘Sõpre comeu o bolo (de mandioca) ou pegou a carne?’ (COTRIM, 2016, p. 225)

- (86) rowahtu=kwa za to kãts ï-m rowahtu-ø pes **tanë=kõwa**
 ensinar=AGNT IRR mesmo PROB 1-DAT ensinar-NML bem **MOD=PRIV**
 wa za siwakru ʃerëtʃ nã ka-kuikre
 1 IRR errado Xerente TRANSL 3.ACUS-escrever
 ‘ou o professor me ensina ou vou escrever errado em Xerente’ (COTRIM, 2016, p. 226)

O autor ilustra coordenadas contrafactuais, com conectivo {arɛ} (87) e menciona a existência de outro conectivo, {nãrɛ} ‘apesar de’, porém, deste, não encontramos exemplos no texto. A oração que contém a contrafactualidade é precedida da partícula {aire} ‘frustrativo’.

- (87) tahã **aire** k-mã sapka-di mnĩ mõ-r da **arɛ**
 3.ENF **FRUST** 3-DAT querer-EST CENTRIP ir-NML PROP **CON**
 mõ-r -kõ -di tokto
 ir-NML -PRIV -EST agora
 ‘debalde, ele quis vir, e não veio’ (COTRIM, 2016, p. 227)

Orações com predicados estativos existenciais negados, coordenadas com outras orações por meio do conectivo {arɛ} podem ter uma leitura contrafactual, como em (88).

- (88) wa nōrī wa t aikuwa kr wa nōm-r
 1 PL 1 RLS mato CONT 1 POSIC.horizontal
are mārī wa t k-mě w(ĩ)-rĩ -kō -di
CON algo 1 RLS 3-ASS matar-NML PRIV EST
 ‘nós estamos caçando e não matamos nada’ (COTRIM, 2016, p. 228)

No segundo grupo, das subordinadas, o autor descreve orações completivas e adverbiais.

Quanto às completivas, seguindo a classificação indicada em Givón (2001), apresenta exemplos com orações que complementam três classes semânticas de verbos:

- (i) Verbos de manipulação: ‘fazer’.
 (ii) Verbos de cognição-percepção-enunciação: ‘ver’, ‘ouvir’, ‘esquecer’, ‘lembrar’ e ‘saber’.
 (iii) Verbos de modalidade: ‘permitir’ e ‘desejar/querer/pretender’.

No grupo manipulação, apresenta os seguintes verbos do Xerente: {mrmě} ‘dizer’ (89), (90) e {kmãnãr} ‘fazer’ (91).

- (89) Smĩsuite nã t(o) mrě za hã s(õ)tõ-ø nã
 Smĩsuite 3 RLS dizer IRR ENF dormIr-NML TRANSL
 ‘Smĩsuite disse que vai dormir’ (COTRIM, 2016, p. 230)
- (90) tahã nã t mrě za mnĩ smĩkɛzɛ te kə-r nã
 3.ENF 3 RLS dizer IRR DIR faca 3 pegar-NML TRANSL
 ‘ele disse que vai trazer a faca’ (COTRIM, 2016, p. 230)
- (91) wa za kmãnã ø sīs(i)-ri pibumã
 1 IRR fazer 3 sorrir-NML FIN
 ‘vou fazer ela sorrir’ (COTRIM, 2016, p. 231)

Com os verbos de percepção-cognição-experiência, o autor registra exemplos dos verbos Xerente {kmãdəkə} ‘ver’ (92), (93), (94), {waparn} ‘ouvir, escutar’, {smĩ akse si kutōrĩ} ‘esquecer’, {npokrpuku} ‘lembrar’ e {waihuku} ‘saber’.

- (92) wa wa t kmãdkə waptɛ nōrĩ krikahə ku wahtu- rɛ
 1 1 RLS ver jovem PL cidade DIR partir-NML COMPL
 ‘eu vi que os jovens foram para a cidade’ (COTRIM, 2016, p. 232)

- (93) Damsõihə mã t kmădək wrăku [te w(ĩ)-rĩ rɛ]
 Damsõihə 3 RLS ver tatu [3 matar-NML COMPL]
 ‘Damsõihə viu (que) eles mataram tatu’ (COTRIM, 2016, p. 233)
- (94) wa ĩ t kmădək -kõ -di [tahã waptɛm nōrĩ sinã-ø rɛ]
 1 1 RLS ver PRIV EST [3 jovem PL chegar-NML COMPL]
 ‘eu não vi que os rapazes chegaram’ (COTRIM, 2016, p. 234)

Nas orações com o verbo {waparn} ‘ouvir, escutar’, há exemplos que utilizam três posições diferentes: {nã} ‘translativo’ (95), {rɛ} ‘completivo’ (96) e {hawi} ‘ablativo’ (97).

- (95) Sõpre nã t wapa waptɔkwa za hã
 Sõpre 3 RLS ouvir pai IRR ENF
 da=zakrui kamõi ku wairebɛ-ø nã
 HUM=aldeia outra DIR sair-NML TRANS
 ‘Sõpre ouviu de seu pai que eles vão mudar de aldeia’ (COTRIM, 2016, p. 235)
- (96) wa t wapa-r-n wde krɛkkɛ wapt(ã)kã-ø rɛ
 1 RLS ouvir-NML-NML árvore REDPL.barulho cair-NML COMPL
 ‘ouvimos o barulho da árvore que caiu’ (COTRIM, 2016, p. 235)
- (97) ĩ zɛparkwa nã t wapa ambə nōrĩ mnĩ te krɛkɛ sasa-r hawi
 1 mãe 3 RLS ouvir homem PL DIR 3 ruído caçar-NML ABL]
 ‘minha mãe escutou que os homens voltaram da caça’ (COTRIM, 2016, p. 235)

A seguir, exemplos com os verbos smĩ akse si kutõrĩ} ‘esquecer’ (98), {npokrpuku} ‘lembrar’ (99).

- (98) Sõpre nã t ĩ-nm akse si=kutõ-r
 Sõpre 3 RLS 3-PERT juízo REFL=perder-NML
 ĩ sɛparkwa hɛzɛ nã
 3 mãe doença TRANS
 ‘Sõpre esqueceu que sua mãe ficou doente’ (COTRIM, 2016, p. 236)
- (99) tahã nã t npokpuk toka ai sikwape nã tahã mẽ
 3.ENF 3 RLS lembrar 2 2 brigar TRANSL 3 ASS
 ‘ele se lembrou que você brigou com ele’ (COTRIM, 2016, p. 237)

Complementos do verbo *waihuku* ‘saber’ podem se realizar de duas formas. De modo geral, um complemento com o morfema estativo {-di} ~ {-k(i)}, que é regido pela posição *nã* ‘translativo’ (100).

- (100) toka waihku -di za hã tahã s(õ)tõ- nã
 2 saber EST IRR ENF 3 dormir-NML TRANSL
 ‘você sabe que ele dormirá’ (COTRIM, 2016, p. 238)

De outra maneira, orações com o verbo *waihuku* também podem ser apenas predicado estativo-existencial” (101):

- (101) wa nōrĩ [Wakedi nōkre-NML] wa-m waihku -di
 1 PL [Wakedi canto-NML] 1-DAT saber -EST
 ‘nós sabemos a dança do/a Wakedi’ (COTRIM, 2016, p. 238)

Ademais, quando negado, o verbo saber é núcleo de um predicado nominal estativo-existencial (102).

- (102) wa ã nōk(re)- waihku -kõ -di
 1 1 cantar-NML saber -PRIV -EST
 ‘nós sabemos a dança do/a Wakedi’ (COTRIM, 2016, p. 239)

O terceiro subgrupo de orações subordinadas contempla os verbos de modalidade. Cotrim apresenta exemplos com os verbos Xerente *wẽ* ‘permitir’ (103), (104) e *sapaka* ‘desejar/querer/intencionar/pretender’.

- (103) tɛ br za [to hərə we ã mō-r pibumã] ã m wẽ
 2 INT IRR [RLS amanhã DIR 1 ir-NML FIN] 1 DAT permitir
 ‘você deixa/permite para eu vir amanhã?’ (COTRIM, 2016, p. 240)

- (104) tɛ br za to ã m wẽ
 2 INT IRR mesmo 1 DAT permitir
 [ã mō-r pibumã ai mẽ ã sihə-∅ da]
 [1 ir-NML FIN 2 ASS 1 brincar-NML PROP]
 ‘posso vir para brincar com você?’ (COTRIM, 2016, p. 240)

Exemplos com o verbo *sapaka* ‘desejar/querer/intencionar/pretender’ em (105) e (106).

- (105) tahã mnĩ sapka-di te kmãdkə da
 3 DIR querer-EST 3 ver PROP
 ‘ele quer vir para ver’ (COTRIM, 2016, p. 241)
- (106) tahã sapka-di amõ sest nã
 3 querer-EST para.lá sexta TRANS
 ‘ele pretende ir na sexta’ (COTRIM, 2016, p. 242)

Cotrim também exemplifica a realização do verbo *zeĩ* ‘desiderativo’, cujo complemento pode ser um predicado nominal formado com o estativo-existencia *-di*. Os exemplos apresentados estão na sua forma negada (107).

- (107) wa ã t ai kmãdkə- zeĩ -kõ -di
 1 1 RLS 2 ver-NML des priv EST
 ‘eu não quero ver você’ (COTRIM, 2016, p. 243)

No subgrupo das orações adverbiais reúne os seguintes tipos: temporal – anterioridade (108), sucessão (109), simultaneidade (110); propósito (111); finalidade negativa (112); condicional e causal.

- (108) toka tɛ za akə tka t-mã kwapes nōzə kre -kõ rɛ
 2 2 IRR antes terra 3-DAT consertar milho plantar PRIV COMPL
 ‘você deve preparar a terra antes de plantar o milho’ (COTRIM, 2016, p. 244)

- (109) ã sai **parim** (si) wa za ã nōtõ
 1 comer depois somente 1 IRR 1 dormir-NML
 ‘depois de comer, vou dormir’ (COTRIM, 2016, p. 245)

- (110) tahã t nōkre- ã nōzə [te ka-pa-r **snã**]
 3 RLS cantar-NML milho [3 3-moer-NML enquanto]
 ‘ele canta enquanto moi o milho’ (COTRIM, 2016, p. 246)

- (111) wa t we ã-mõr [ã hidba ã t kmãd(ə)kə-ø **da**]
 1 RLS DIR 1-ir-NML [1 irmã 1 RLS ver-NML PROP]
 ‘eu vim para ver minha irmã’ (COTRIM, 2016, p. 247)

- (112) nōkwa mã p ai wa-r-kw- kahu-r kba **kumnãste**
 quem 3 INT 2 pedir-NML-PL comer-NML PL FIN.NEG
 ‘quem pediu para que vocês não comessem?’ (COTRIM, 2016, p. 250)

A seguir, exemplos das orações adverbiais condicionais, (113), (114) e causal (115).

- (113) ã nmĩ=zaza-r **wa** wa za to ã nĩpi
 1 PERT=ficar.parado-NML COND 1 IRR mesmo 1 trabalhar
 ‘se eu ficar, irei trabalhar’ (COTRIM, 2016, p. 252)

- (114) dasaĩ **kwaihke** arknẽ ã sa
 comida SUBJ PROB 1 comer
 ‘eu comeria se tivesse comida’ (COTRIM, 2016, p. 253)

- (115) tahã te kuĩkre -kõ -di rēkē **nmě**
 3 3 escrever PRIV EST tremer CAUS
 ‘ele não pode escrever que ele é trêmulo’ (COTRIM, 2016, p. 256)

O grupo das orações relativas foi subdividido de acordo com o elemento antecedente: sujeito (116), objeto direto (117), objeto indireto (118) e oblíquo circunstancial (119).

- (116) pikõĩ nõrĩ siktõ [k-mã=kwamã-r] kwa mã to sĩpro-ø
 mulher PL cofo [3-DAT=fazer-NML]PL 3 RLS cansar-NML
 ‘as mulheres que fizeram cofo estão cansadas’ (COTRIM, 2016, p. 258)

- (117) wa wa za rɔm=zə kə ã t [sasõm-rĩ]
 1 1 IRR GEN=semente pegar 1 RLS [pendurar-NML]
 ‘eu vou pegar a semente que eu guardei (pendurado)’ (COTRIM, 2016, p. 259)

- (118) toka te to ai hēr tahã kwatebrmĩ mã ai srõwa wa sbre nmě
 2 2 RLS 2 gritar 3 menino 3 2 casa INES entrar CAUS
 ‘você está gritando para aquele menino que entrou na tua casa’ (COTRIM, 2016, p. 261)

- (119) ã hidba te to ai sahi shə sizuire ã-t t-ma sõm-r nã
 1 irmã 2 RLS 2 cabelo cortar tesoura 1-RLS ?-DAT dar-NML INST
 ‘minha irmã está cortando teu cabelo com a tesoura que eu dei’ (COTRIM, 2016, p. 261)

6 ORAÇÕES COMPLEXAS EM AKWÊ-XERENTE

Nosso propósito, neste capítulo, é fazer uma reflexão sobre aspectos relacionados à integração oracional, considerando as premissas semânticas e sintáticas que foram apresentadas anteriormente, (Cap. 3).

Desse modo, repassaremos os tipos de orações descritos na língua Xerente, com o objetivo de identificar as características da codificação sintática utilizada na língua, que se refletem especialmente na marcação de caso, na concordância pronominal e no posicionamento das orações no âmbito da estrutura complexa, bem como no uso ou não de elementos gramaticais marcadores ou delimitadores das orações.

Na medida possível, mostraremos o funcionamento de aspectos relacionados às propriedades de comportamento e controle, como o apagamento correferencial e o modo como a língua identifica a manutenção ou a mudança de referência.

6.1 As orações mais integradas

Levando em consideração a noção de integração semântico-cognitiva dos eventos, segundo a percepção dos falantes de uma língua, vide Givón (*op. cit.*), em que a percepção semântico-cognitiva de integração dos eventos pode ser expressa em um contínuo e que esse fato pode se refletir na gramática da língua, o estudo das orações complexas ou com múltiplos verbos pode ser sistematizado de diferentes perspectivas.

Por exemplo, Payne (1997) organiza sua abordagem das orações multi-verbais sob uma ótica escalar, em termos da integração gramatical, iniciando com as que considera mais integradas e finalizando com as menos integradas gramaticalmente, na seguinte ordem: orações com verbos seriais, orações complemento, orações adverbiais, sequenciamento oracional, orações relativas e orações coordenadas.

Considerando, então, a possibilidade de verificar o nível de integração sintática dos eventos codificados nas orações complexas, optamos por organização semelhante neste capítulo. Assim, nas seções seguintes, abordamos orações com verbos seriais, relativas, complemento, adverbiais e coordenadas, nessa ordem.

6.1.1 Orações com Verbos Seriais

Ao longo desta pesquisa e da organização dos dados, notamos alguns casos que poderiam configurar o que tem sido registrado na tipologia como serialização verbal. Veja-se, no exemplo (120), a oração com verbo de modalidade, que realiza esse tipo de conjunção verbal para expressar um evento entendido como único e realizado pelo mesmo sujeito.

- (120) ã-n-õtõ zeĩ-di
 1-R-dormir querer-EST
 ‘eu quero dormir’

No exemplo (121), a oração com os verbos ipi ‘trabalhar’ e waze ‘terminar’ apresenta uma única marca aspecto/modal e a concordância pessoal é indicada no verbo principal.

- (121) toka bẽ=t ai-s-ipi k-mã waze
 2SG 2PERF=RLS 2-R-trabalhar 3-DAT terminar
 ‘Você terminou de trabalhar’

Em (122), a conjunção dos verbos pegar e socar expressa o propósito da ação principal.

- (122) toka tẽ=za nõzẽ ka=dur(i) ka=zum(ã) pibumã
 2SG 2IMP=IRR milho PART=pegar PART=socar PROP
 ‘Você vai pegar milho para socar’ (Adaptado de SOUSA FILHO, 2007, p. 144)

Conforme mencionado no Capítulo 3, esse tipo de estrutura verbal pode estar relacionado “à estabilidade, recorrência e previsibilidade de certas combinações” na língua. No caso dos exemplos apresentados, é possível que a previsibilidade do sequenciamento dessas ações esteja no bojo das motivações que levaram à realização das composições verbais.

A questão da maior integração semântica e sintática dos eventos expressos nesse tipo de orações pode ser corroborada por alguns critérios formais, como a marcação de caso nominativo-absolutivo e a presença de apenas uma marca aspecto-modal, como acontece em outras orações com apenas um núcleo verbal na língua Xerente.

Desse modo, se se confirma o *status* serial dessas formações, elas poderiam exemplificar, no Xerente, um dos primeiros níveis de uma escala que, conforme Payne (1997), se inicia com orações simples, passa por complexidades de diferentes níveis de integração (por exemplo, a complementação, a relativização, a coordenação) e tem no extremo oposto duas orações separadas.

6.1.2 Orações Relativas

Nesta seção, apresentamos as orações relativas identificadas em Xerente.

As orações relativas, segundo Payne (1997), são definidas como aquelas que funcionam como modificador nominal. Estruturalmente apresentam quatro partes: (1) o sintagma nominal modificado pela relativa; (2) a oração relativa propriamente dita; (3) o elemento correferencial do SN relativizado; (4) o relativizador, elemento que identifica a oração relativa como tal.

A análise das relativas contempla os seguintes parâmetros:

- O posicionamento da relativa em relação ao sintagma nominal relativizado, se pré-nominal, pós-nominal, ou com SN interno à relativa, ou sem SN explícito.
- As estratégias utilizadas para expressar a relativização: *gap*, retenção pronominal, relativizador ou pronome relativo.
- O tipo de relação gramatical que tem acesso à relativização, considerando a hierarquia proposta em Keenan e Comrie (1977): S > OD > OI > Oblíquo > Possuidor.

No caso do Xerente, foram identificadas, Cotrim (2016), orações relativas nos quatro primeiros níveis mais elevados da escala mencionada. Assim, temos relativas de sujeito, objeto direto, objeto indireto e oblíquo. Vejamos nos exemplos como se organizam essas orações.

6.1.2.1 Relativização do sujeito

Nos exemplos a seguir, delimitamos as orações relativas com colchetes [] e indicamos a correferência com o sintagma nominal relativizado com a letra *i* subscrita (_{*i*}).

As relativas de sujeito em Xerente apresentam quatro características formais:

- A posição pós-nominal, seguindo imediatamente o sintagma nominal relativizado na maioria das ocorrências.
- A identificação do sintagma nominal relativizado por meio de prefixos pessoais ligados ao verbo da relativa, seguindo o mesmo tipo de marcação absoluta que ocorre no verbo de outras orações subordinadas, mas acrescentando o prefixo {*i-* ~ *ĩ-*} para identificar o referente sujeito de terceira pessoa.

3. O verbo na forma nominalizada. Dessa forma, internamente à relativa não ocorrem marcas de TAM.

4. A ausência de relativizador, ou seja, não há elemento morfológico para sinalizar a oração relativa como tal, especialmente as de sujeito, sendo a posição sintática, após o elemento relativizado, a estratégia utilizada na língua na configuração das relativas.

(123) nōkwa_i [i_i-s-ipi-∅] nẽ hã ∅=za da-wanãre ti-sa
alguém_i [3_i-R-trabalhar-NMZ] CONJ ENF 3=IRR 3-ADV 3-comer
'Aquele que trabalhou vai comer primeiro'

(124) aikte=nōrĩ_i [saktẽ ã_i-sihẽzu mnōrĩ]
criança=NSG_i [muito 3_i-brincar.PL PART.NSG]

∅=za tokto kə mba ti-ssõ
3=IRR ADV água LOC 3-banhar.PL
'As crianças que brincaram muito vão banhar no rio agora'

(125) amke_i [∅_i-t-ĩ-sa-ri] mã=t ∅-wara rowastẽ ku
cobra_i [3_i-ERG-1-morder-NMZ] 3PERF=RLS 3-correr mato DIR
'A cobra que me mordeu correu na direção do mato'. Adaptado de (COTRIM, 2016, p. 258).

(126) pōnẽ_i [ã_i-wra-∅] mã=t=*to ∅-dərə
veado_i [3_i-correr-NMZ] 3PERF=RLS=ENF 3-morrer
'O veado que correu morreu'

6.1.2.2 De objeto direto

Nos exemplos a seguir, as relativas de objeto apresentam praticamente as mesmas características das de sujeito.

(127) hesuka_i [toka i-m ∅_i-sõm-rĩ] wa=t ∅-sasõ
livro_i [2 1-DAT 3_i-dar-NMZ] 1=RLS 3-guardar
'Eu guardei o livro que você me deu' (o livro que você me deu, eu guardei)

(128) pikõ=za kukrẽ_i [ai-smĩ k_i-mã=nã-ri] du
mulher=IRR cesto_i [2-NGR 3_i-DAT=fazer-NMZ] pegar
'A mulher vai levar o cesto que você fez'

(129) aikde mã=t hesuka_i wazu [ĩ-t-ai k_i-mẽ kə-ri hã]
criança 3PERF=RLS livro_i rasgar [1-ERG-2 3_i-PART pegar-NMZ SUB]
'A criança rasgou o livro que eu comprei para você'

- (130) toka tɛ=b=za amkɛ_i [ø_i-t-ai-sa-ri] ø-kmãdɛk
 2 2IMP=INT=IRR cobra_i [3_i-ERG-2-morder-NMZ] 3-ver
 ‘Você quer ver a cobra que te mordeu?’
- (131) sasarkwa mã=t pɔnɛ̃_i [ø_i-wra-ø rɛ] k-mã=wĩ
 caçador 3PERF=RLS veado_i [3_i-correr-NMZ SUB] 3-DAT=morrer
 ‘O caçador matou o veado que correu’ ‘O caçador matou o veado enquanto corria’

Note-se nos exemplos (125), (129) e (130), está registrado o mesmo tipo de cisão na marcação de caso que acontece em outras orações subordinadas, como as de complemento (5.1.3), com a marcação do caso ergativo, na ocorrência de relativas (sujeito ou objeto) transitiva.

6.1.2.3 De objeto indireto

As orações relativas de objeto indireto seguem os mesmos parâmetros identificados na relativização dos demais sintagmas nominais. A posição final no exemplo a seguir, talvez esteja motivada pelo deslocamento do elemento relativizado.

- (132) dakmãdɛkwa mã=t ø-mrẽ waptɛm_i nōrai mã [ĩ_i-si-kburõ]
 chefe 3PERF=RLS 3-falar jovem_i PL DAT [3_i-REFL-juntar.PL]
 ‘O chefe falou para os jovens que estavam juntados’. Adaptado de (COTRIM, 2016, p. 260).

6.1.2.4 De oblíquo

As orações que relativizam sintagma nominal oblíquo também seguem os mesmos parâmetros identificados para os demais sintagmas nominais. A posição final da relativa na sentença, neste caso, pode estar motivada pela posição do tipo de elemento relativizado, visto que é naturalmente mais afastada dos elementos centrais da oração em Xerente.

- (133) ã-zɛparkwa tɛ=t ãnĩ ø-səhə
 1-mãe 3IMP=RLS carne 3-cortar
 kãhã smĩkɛmre we [ĩ-t ø-kə-r nã]
 DEM faca DIR [1-ERG 3-pegar SUB]
 ‘Minha mãe está cortando a carne com a faca que eu trouxe’

Finalmente, sobre as orações relativas, retomamos a questão do grau de sua integração gramatical, mencionada acima. Notamos, especialmente pelo posicionamento, imediatamente após o elemento relativizado e pela ausência de delimitador morfológico, na maioria dos exemplos, que esse tipo de oração demonstra estar mais integrada gramaticalmente ao contexto oracional maior em que está inserida, o que pode ser reflexo da previsão teórica sobre o nível de integração semântico-sintática que as relativas expressam na língua Xerente.

6.1.3 Orações de Complementação Oracional

Nesta seção, seguindo a classificação apresentada em Givón (2001) e brevemente delineada no Capítulo 3, analisamos exemplos que contemplam complementos oracionais, ou seja, orações que funcionam como sujeito ou objeto de outras, cuja estrutura argumental requer um ou mais complementos.

As orações com complementos oracionais podem ser agrupadas em três classes, de acordo com a semântica do verbo que ocorre na oração principal, se é de manipulação, de modalidade ou de percepção/cognição/enunciação.

Utilizando esses agrupamentos, serão analisados exemplos da língua Xerente, selecionados de contextos declarativos, uma vez que em outros modos de estruturação, como o de negação e de comandos, por exemplo, as sentenças Xerente apresentam um *status* sintático diferenciado que, inclusive, evidencia mudança no alinhamento das relações gramaticais.

Nossa proposta aqui é, com base nos critérios semânticos e sintáticos salientados na tipologia como característicos da complementação oracional, identificar aqueles que orientam a organização dessas estruturas na língua Xerente e descrever o seu funcionamento.

No plano sintático, além de características específicas de cada tipo de complementação, observaremos qual(is) estratégia(s), entre as identificadas por Givón (2001), a língua Xerente utiliza ostensivamente para organizar o contexto subordinado.

É relevante mencionar que esses dispositivos interagem com o princípio semântico da integração do evento, no sentido de que o nível de integração cognitiva, percebido pelo falante em um evento, reflete-se na presença ou ausência dos recursos sintáticos. Relembrando, trata-se de quatro recursos:

1. Co-lexicalização, manifestada na realização conjunta dos dois verbos (da oração principal e da oração complemento), de modo a formar uma só palavra fonológica.
2. Marcação de caso do objeto da oração principal e do sujeito da oração complemento. Neste item, quanto mais o evento for percebido como integrado semântico-cognitivamente, menos chances de o sujeito da oração complemento receber marcação de caso prototípica de agente.
3. Presença de morfologia verbal, guiada pelo nível de integração semântico-cognitiva dos dois eventos da oração principal e da oração complemento. Assim, quanto mais integrados, mais nominal (em consequência, menos finito) o verbo da oração complemento.
4. Presença de morfemas subordinadores, neste caso, quanto menos integrados semântico-cognitivamente os eventos da oração principal e da oração complemento, mais possibilidade de se usar um morfema subordinador para separar as duas orações.

As seções subsequentes elaboram a estrutura da complementação com mais detalhes e explicam os domínios funcionais expressos em cada conjunto de verbos.

Ainda, nas subseções à frente, utilizaremos alternadamente o termo matriz ou oração principal para nos referirmos à oração que possui complementos oracionais. Estes, que poderão ser denominados complemento, oração complemento ou complemento oracional, são orações na função de argumento (sujeito ou objeto) de outra oração, a matriz.

6.1.3.1 Orações complemento de verbos de manipulação

Conforme sintetizado no Capítulo 3, os parâmetros semânticos que definem os complementos oracionais de verbos de manipulação são:

1. A oração matriz tem agente humano, manipulador do comportamento de outro humano, o manipulado.
2. O agente da oração complemento é correferencial do manipulado da matriz.
3. A oração complemento codifica o evento que o manipulado deve realizar.

Sintaticamente, temos o seguinte protótipo:

1. O agente-manipulador da oração principal é o sujeito.

2. O manipulado da oração principal pode ser o objeto direto ou objeto indireto.
3. O manipulado também é correferente do sujeito da oração complemento.
4. O manipulado é codificado como zero na oração complemento.
5. O verbo da oração complemento geralmente se realiza numa forma não-finita ou nominalizada. Assim não é esperado que a oração complemento apresente marcas de tempo, aspecto, modalidade ou de morfologia de concordância pronominal.
6. A oração complemento tende a ocupar a posição típica de objeto da matriz (no caso do Xerente, O-V).
7. O complemento tende a compor o mesmo contorno entoacional da oração matriz.

Neste ponto é relevante retomar o esboçado na seção 3.4, sobre a nominalização dos verbos em Xerente, apenas para lembrar os morfemas indicativos de nominalização que serão vistos nos verbos das orações complemento { -rĩ ~ -ri ~ -r ~ -i ~ -ø ~ -m, }.

Quanto à notação das orações complexas, neste texto, temos: a delimitação das orações subordinadas com colchetes []; a identificação dos papéis semânticos na primeira linha do exemplo, quando necessária; e a marcação de correferência com as letras (*i*) e (*j*) na forma subscrita, quando necessária. Desse modo, (*i*) refere-se ao sujeito da oração matriz e (*j*) ao objeto manipulado.

A seguir, os exemplos com verbos de manipulação denotam significados correlatos a fazer/colocar, fazer/mandar, pedir e deixar.

Em (134) o sentido de instigar ou de causar a ação de outrem é expresso pelo verbo {hi} ‘por/colocar’.

(134)	A_i		O_j	[S_j V]	O_j	V
	pikõ _i	mã=t=*to	aikteprɛ _j	[ø _j -stõ-ø]	da _j	hi
	mulher _i	3PERF=RLS=ENF	bebê _j	[3 _j -dormir-NMZ]	3 _j	por
	‘A mãe fez o bebê dormir’ (‘a mãe colocou o bebê para dormir’)					

De (135) a (137), temos o verbo {wdakur} ‘mandar’.

- (135) A_i V O_j S_j V
 wa_i=za ø-wdakur tahã_j [ø_j-sīs-ri da]
 1_i=IRR 3-mandar 3_j [3_j-sorrir-NMZ SUB]
 ‘Vou fazer ela (a criança) sorrir’
- (136) A_i O_j O_j V
 huku_i mã=t aikde_j ø_j-wdakur
 onça_i 3PERF=RLS criança_j 3_j-mandar
 S_j V
 [ø_j-te sikra-i da# kurbe hawi]
 [3_j-ERG descer-NMZ SUB# caverna DIR]
 ‘A onça fez o menino descer da caverna’
- (137) A_i O_j V O_j [O_{j2} A_j O_{j2} V]
 wa_i=za ø_j-wdakur aikde_j [kupakbu_{j2} ø_j-te ø_{j2}-kahu-r da]
 1_i=IRR 3_j-mandar criança_j [bolo_{j2} 3_j-ERG 3_{j2}-comer-NMZ SUB]
 ‘Vou fazer as crianças comerem o bolo’

No exemplo (138), o sentido de solicitar a alguém que realize uma ação é expresso com o verbo {wari} ‘pedir’.

- (138) toka bē=t pikõ_i=nõrĩ wari [ø_j-s-õkre-ø pibumã]
 2 2PERF=RLS mulher_j=NSG pedir [3_j-R-cantar-NMZ SUB]
 ‘Você pediu para as mulheres cantarem’

A seguir, diferentes formas de expressar a ideia de permissão para outrem realizar uma ação. Os verbos utilizados são {sõm} ‘dar’ (139) e {wẽ} ‘permitir’ (140) e (141).

- (139) toka tē=b=za hesuka ã_j-m sõm
 2 2IMP=INT=IRR livro 1_j-DAT dar
 [kri wa ã_j-t ø-sanã-ø pibumã]
 [casa LOC 1_j-ERG 3-ler-NMZ SUB]
 ‘Você me empresta o livro para eu ler em casa?’ (pedindo permissão para levar p/casa)
- (140) kuzadi mã=t ã_j-m wẽ
 N.Pes 3PERF=RLS 1_j-DAT permitir
 [dasa nã ã_j-t ø-waihke-ø pibumã]
 [comida TRANSL 1_j-ERG 3-ajudar-NMZ SUB]
 ‘Kuzadi deixou eu ajudar (a fazer) com a comida’

- (141) wa=za t_j-mã wẽ
 1=IRR 3_j-DAT permitir
 [ĩ-nim sikuza ø_j-te ø-srẽ-ø pibumã]
 [1-NGR roupa 3_j-ERG 3-vestir-NMZ SUB]
 ‘Eu vou deixá-la (a menina) vestir a minha roupa’

Vejam, primeiramente, os parâmetros semânticos que identificam a relação de complementação. Nos exemplos acima, temos:

- Oração matriz com agente humano (ou humanizado (136), selecionado de narrativa mítica), e manipulador do comportamento de outro humano, o manipulado.
- Correferência do manipulado da matriz com o agente do complemento, sinalizada em nossa notação com o índice (_j).
- A oração complemento codifica o evento a ser performado pelo manipulado. Por exemplo, nas sentenças de (134) a (137), o manipulado realiza as ações (dormir, sorrir, descer de algum lugar e comer algo) no âmbito da oração complemento.

Os aspectos da configuração gramatical dos complementos de verbos de manipulação, serão analisados ao final desta seção, em conjunto com os complementos de verbos de modalidade e de verbos de percepção, cognição e enunciado.

6.1.3.2 Orações complemento de verbos de modalidade

A caracterização semântica de orações com verbos de modalidade contempla três critérios:

1. A oração complemento é uma proposição que codifica estado ou evento.
2. O sujeito da oração principal é correferente ao sujeito da oração complemento, ou seja, ambos se referem à mesma entidade discursiva.
3. O verbo principal codifica início, término, persistência, sucesso, falha, tentativa, intenção, obrigação ou capacidade – do sujeito da oração principal – em executar a ação ou estar no estado descrito na oração complemento.

Sintaticamente, essas orações apresentam as seguintes características:

1. O sujeito correferente da oração complemento não é expesso (marcação “zero”).
2. O verbo da oração complemento pode aparecer em forma nominalizada ou não-finita. Assim, no complemento, também não são esperadas marcas de tempo, aspecto, modalidade, nem morfologia de concordância pronominal.
3. A oração complemento tende a ocorrer na posição característica do objeto de uma oração básica e, normalmente, integra o mesmo contorno entoacional da oração principal.

Neste subgrupo encontramos exemplos de verbos com sentido de ‘desejar’ e ‘querer’, {zêi} e {sapaka}. Também registramos os verbos {sbirã} ‘começar’, {sazə} ‘cessar’, e {waze} ‘terminar’. A expressão de continuidade da ação também será exemplificada, não por verbo, mas pela presença de traço aspectual na composição de pessoa/aspecto do enunciado.

No Xerente, os falantes utilizam os verbos {zeĩ} ‘desejar’, que se realiza de forma estativa, seguido do morfema existencial {-di}²³ e sapaka ‘querer’ para expressar a ideia de desejar ou querer algo.

Em (142) e (143), exemplos com verbo {zeĩ} ‘desejar’.

(142) [ĩ-n-õtõ] zeĩ-di
 [1-R-dormir] querer-EST
 ‘eu quero dormir’

(143) tahã [ĩnĩ zaza ø-te k-mẽ=si-ø] zeĩ-di
 3 [carne assar 3-ERG 3-PART=comer-NMZ] desejar-EST
 ‘Ele quer comer carne moqueada’

Nos exemplos (144) a (148), o verbo {sapaka} ‘querer’, expressa um sentido que pode ser entendido com um componente de manipulação do agente da oração complemento; um “querer” que chega próximo de definir a ação a ser praticada pelo sujeito da oração complemento.

²³ Vide Cotrim (2016, p. 243)

- (144) keti# [ai-s-õkre k-mã] ã-zapka-di
 N.Pes# [2-R-cantar 3-DAT] 1-querer-EST
 ‘Keti, eu quero que você cante’
- (145) wa k-mã ã-zapa to [kupa ø-shə-ri]
 1 3-DAT 1-querer ENF [mandioca 3-cortar-NMZ]
 ‘Eu quero é que você corte a mandioca’ (eu quero é o cortar da mandioca).
- (146) wa k-mã ã-zapa to [ã-kmãdkə-ø]
 1 3-DAT 1-querer ENF [1-ver-NMZ]
 ‘Eu disse pra você olhar pra mim’ ‘Eu quero é que você me olhe’
- (147) wa k-mã ã-zapa to [ai-s-õkre-ø]
 1 3-DAT 1-querer ENF [2-R-cantar-NMZ]
 ‘Eu quero é que você cante’ (eu quero é o teu cantar)
- (148) toka tɛ=b=za k-mã ã-sapak
 2 2=INT=IRR 3-DAT 3-querer
 [sumekwa hesuka ø-te ka-zanã pibumã]
 [N.Pes livro 3-ERG PART-ler SUB]
 [tapari ø-s-ipi pibumã]
 [ADV 3-R-trabalhar SUB]
 Você quer que o Sumekwa estude agora e trabalhe no futuro?

Com verbos que denotam aspectualidade da ação, no exemplo (149) {sbirã} ‘começar’, (150) e (151) {sazə} ‘cessar’, e nos exemplos (152) e (153) {wazer} ‘terminar’.

- (149) kwatbremĩ mã=t=*to k-mã sbirã
 menino 3PERF=RLS=ENF 3-DAT começar
 [ĩnĩ ø-te k-mě=si-ø hã]
 [carne 3-ERG 3-PART=comer-NMZ SUB]
 ‘O menino já começou a comer a carne’
- (150) ã-zdekwa mã=t sazə [kũiwde nã wra-ø]
 1-pai 3PERF=RLS cessar [tora INSTR correr-NMZ]
 ‘Meu pai deixou/parou de correr com tora’
- (151) tahã za [mmĩ ka nhə-ri] ø-sazə
 3 IRR [lenha PART cortar-NMZ] 3-cessar
 ‘ele vai parar de cortar lenha’

- (152) toka bə=to=za [ai-s-ipi-ø] k-mã waze
 2 2PERF=ENF=RLS [2-R-trabalhar-NMZ] 3-DAT retirar
 ‘Você já está terminando o seu trabalho/de trabalhar’

As orações que refletem o aspecto de continuidade da ação realizam-se na língua Xerente com a utilização de partícula {kr- ~ kre} antes do verbo, numa expressão do modo de ação continuativo²⁴, que também denota a repetição da ação, conforme exemplo (153).

- (153) wawë nōrī tɛ=t aimõ kr si=zdakbə
 ancião NSG 3IMP=RLS ADV CONT REF=conversar
 ‘Os velhos estão conversando uns com os outros’

Também destacamos, nesse exemplo, a identificação do aspecto imperfectivo da ação, por meio da seleção de {tɛ} ‘3 IMP’, ao invés de {mã} ‘3PERF’, para compor a combinação representativa de pessoa/aspecto/modo, {tet}, que ocupa a segunda posição na sentença.

No exemplo (154), abaixo, apenas a combinação pessoa/aspecto/modo, com seleção da marca imperfectiva {tɛ}, traduz o sentido de continuidade da ação. Nesse caso, a organização dos constituintes oracionais se faz como seria em contexto não subordinado, com a presença de apenas um verbo, marcas de TAM e morfologia de concordância verbal.

- (154) sumekwa tɛ=t t-sihə rowi
 N.Pes 3IMP=RLS 3-brincar ADV
 ‘Sumekwa continua (está) brincando lá fora (no terreiro)’

Sobre os parâmetros semânticos que identificam a relação de complementação, identificamos, nos exemplos com **verbos de modalidade** acima, os seguintes:

- O sujeito da oração principal é correferente ao sujeito da oração complemento, ou seja, ambos se referem à mesma entidade discursiva, nos exemplos apresentados em (142) e (143), bem como de (149) a (154).

²⁴ Conforme Mattos (2005) e Cotrim (2016).

- A oração complemento é uma proposição que codifica estado ou evento, como dormir, cantar, comer etc., entre outros, nos exemplos acima.
- O verbo da oração principal codifica, entre outros, início (149), interrupção (150), intenção (151), término (152), continuidade (153) na execução da ação ou que o sujeito está no estado descrito na oração complemento.

6.1.3.3 Orações complemento de verbos de percepção/cognição/enunciação (PCU)

A caracterização semântica de orações com verbos de percepção/cognição/enunciação contempla três critérios:

1. O verbo que aparece na oração principal codifica um estado ou evento mental (percepção, cognição) ou um ato verbal (enunciado).
2. O sujeito do verbo é dativo ou agente.
3. O estado ou evento da oração complemento é o objeto do estado ou evento da oração principal.

O protótipo sintático dos verbos de PCU prevê os seguintes parâmetros:

1. Não há restrições de correferência entre o sujeito ou o objeto da oração principal e o sujeito da oração complemento.
2. É mais provável que a oração complemento tenha a estrutura finita normal de uma oração principal (por exemplo, pode não ser marcada com “sujeito zero”).
3. A oração complemento pode ser identificada por um morfema subordinador.

Com verbos de percepção/cognição/enunciação, obtivemos os exemplos a seguir.

Dois correlatos de verbos de percepção no Xerente são: {wapari} ‘ouvir’ nos exemplos (155) a (157) e {kmãdəkə} ‘ver’, de (158) a (160).

- (155) tare nã=t ø-wapa [krda kra=mã dasa ø-te ka-(h)i re]
 CONJ 3PERF=RLS 3-ouvir[arara filho=DAT comida 3-ERG PART-alim SUB]
 ‘Então, ele ouviu a arara dar a comida de seu filhote’.

- (156) to kbure akwê mã=t ø-wapa [kuzadi ø-s-ökre-ø rɛ]
 ENF todos gente 3PERF=RLS 3-ouvir [N.Pes 3-R-cantar-NMZ SUB]
 ‘Todos ouviram Kuzadi cantar’
- (157) wa wa=t ã-ptɔkwa ø-wapa
 1 1=RLS 1-pai 3-ouvir
 [kunmã krêwatbro-zɛ hã ø-te wasku-ø rɛ]
 [fogo surgir-NMZ ENF 3-ERG contar-NMZ SUB]
 ‘Eu ouvi meu pai contar a história do surgimento do fogo’
- (158) mã=t ai-kmãdək [ai-simrã-ø rɛ]
 1PERF=RLS 2-ver [2-sentar.SG-NMZ SUB]
 ‘Ele viu que você estava sentada’ (ele viu você sentada)
- (159) wa=t aikdɛ ø-kmãdək [kə mba ø-ssõ-i rɛ]
 1=RLS criança 3-ver [água LOC 3-banhar.PL-NMZ SUB]
 ‘Eu vi as crianças banhando no rio’
- (160) wa=t kwatbrēmĩ ø-kmãdək [hesuka ø-te ø-kazanã-m rɛ]
 1=RLS menino 3-ver [livro 3-ERG 3-estudar-NMZ SUB]
 ‘Estou vendo o menino estudando/fazendo a leitura do livro’

Com verbos de cognição, temos os seguintes exemplos: o estativo {waihkudi} ‘ser.sabedor/ser.conhecedor’, nos exemplos (161) e (162), a locução {nĩm akse sikutõ} ‘esquecer’, nos exemplos (163) e (164); {npɔkpuk} ‘lembrar’ nos exemplos (165) e (166) e {nĩmnãsi} ‘desconfiar, pensar’, no exemplo (167).

- (161) pikõ [kupa t-mã kre] waihku-di
 mulher [mandioca 3-DAT plantar] saber-EST
 ‘A mulher sabe plantar mandioca’ (a mulher é sabedora do plantar mandioca)
- (162) tahã waihku-di za hã [ai-wi nã]
 3 saber-EST IRR ENF [2-chegar TRANSL]
 ‘Ele sabe que você chegará’ (Adaptado de COTRIM, 2016, p. 238)

É relevante observar, como exemplificado em (161) e (162), que com a presença de verbos estativos no enunciado, o *status* oracional muda para denotar a ideia de existência de algum estado ou circunstância. Desse modo, não ocorrem as combinações de pessoa/aspecto/modo na oração principal (como haveria nos predicados verbais ativos), nem se utilizam outros subordinadores posposicionais para sinalizar a oração subordinada.

A seguir, exemplos (163) e (164) com a perífrase verbal {nim akse sikutõ} ‘esquecer’.

- (163) wa=t ã-nim akse si-kutõ-r
 1=RLS 1-NGR juízo REFL-acabar-NMZ
 [udepro ã-t k-mẽ kə-r da]
 [café 1-ERG 3-PART pegar-NMZ SUB]
 ‘Esqueci de comprar café’ (acabei a minha lembrança de comprar café)
- (164) wa=t ã-nim akse si-kutõ-r udepro nã
 1=RLS 1-NGR juízo REFL-acabar-NMZ café TRANSL
 ‘Esqueci o café’ (acabou a minha lembrança de comprar o café)

Comparando-se a oração complexa do exemplo (163) com a oração simples que utiliza a mesma locução verbal, em (164), confirma-se a característica posicional dos complementos oracionais, geralmente ocupando o espaço reservado ao objeto na oração simples/independente.

Nos exemplos (165) e (166), o verbo {npɔkpuk} ‘lembrar’.

- (165) toka k-mã ai-spɔkpuk
 2 3-DAT 2-lembrar
 [dasa ã-zeparkwa ø-te ka=h(i)-ri nã]
 [comida 1-mãe 3-ERG PART=cozinhar-NMZ SUB]
 ‘Você lembra da comida que minha mãe fez’
- (166) kuzadi k-mã ø-npɔkpuk [ã-kra bdə waptkã-zem nã]
 N.Pes 3-DAT 3-lembrar [3-filho dia nascer-NMZ SUB]
 ‘Kuzadi lembrou o dia em que seu filho nasceu’

A seguir, exemplo como o verbo {nĩmnãsi} ‘desconfiar, pensar’, (167).

- (167) kuzadi mã=t ø-nĩmnãsi [keti ø-s-ökre-ø waihku dizo]
 N.Pes 3PERF=RLS 3-desconfiar[N.Pes 3-R-cantar-NMZ saber SUB]
 ‘Kuzadi pensou que Keti sabia cantar’

Os verbos de enunciação mais utilizados na língua são: {mrẽ} ‘falar, dizer’, {wasku} ‘contar’.

- (168) toka bə=t ai-mrẽm
 2 2PERF=RLS 2-falar
 [wakrtidi karɔ ø-te ka=hi-ri nã]
 [N.Pes arroz 3-ERG PART=cozinhar-NMZ SUB]
 ‘Você disse que Wakrtidi vai cozinhar o arroz’

- (169) wa wa=t ã-mrẽ [ã-kmãdkə-ø da]
 1 1=RLS 1-falar [1-ver-NMZ SUB]
 ‘Eu falei para você olhar pra mim’
- (170) ã-hitbre mã=t ã-m t-simãza [ai-mõ-r nã]
 1-irmão 3PERF=RLS 1-DAT 3-contar [2-ir-NMZ SUB]
 ‘Meu irmão me falou que você estava indo (embora)’
- (171) ambə nõrĩ mã=t t-rmẽzus [aikuwa ø-wahtu-ø nã]
 homem NSG 3PERF=RLS 3-falar.PL[mato 3-partir.PL-NMZ SUB]
 ‘Os homens falaram que estavam indo caçar ‘os homens conversaram que iam para o mato’

Nas orações com verbos de percepção, cognição e enunciação do Xerente, são identificados os seguintes parâmetros semânticos registrados na tipologia para a classe PCU:

- O verbo que aparece na oração principal codifica um estado ou evento mental (percepção, cognição) ou um ato verbal (enunciado).
- O sujeito do verbo é dativo (158) a (160), (165), (166) e (170) ou agente, ou experimenta estado (161) e (162).
- O estado ou evento da oração complemento é o objeto do estado ou evento da oração principal.

6.1.3.4 A configuração sintática da complementação em Xerente

Quanto aos aspectos da organização geral das orações, em termos do posicionamento dos seus constituintes, como já mencionado anteriormente (Cap. 3), a ordem canônica da oração básica Xerente é sujeito-objeto-verbo (SOV). Essa ordem é mantida na organização interna dos complementos oracionais, como se depreende da localização das siglas S (sujeito de verbo intransitivo), A (sujeito de verbo transitivo), O (objeto) e V (verbo), de (134) a (137).

Já na oração matriz, notamos uma variação no posicionamento dos constituintes. Há exemplos em que é mantida a ordem canônica, com encaixamento do objeto oracional dentro do contorno entoacional da oração matriz, na posição anteposta ao verbo principal, como em (142) e (143).

Em outros casos, entretanto, ocorre o deslocamento do complemento oracional para a extremidade direita da oração complexa, (159), (160). Nessas circunstâncias, se o complemento é de verbo de manipulação, o objeto-manipulado da matriz mantém sua posição pré-verbal majoritariamente, principalmente se for pronominal e prefixado ao verbo da oração matriz, (140) e (141).

Dessa forma, o deslocamento do complemento para a margem direita, em alguns casos, pode ser explicado pela realização do objeto-manipulado de forma prefixada ao verbo da oração matriz, como em (140) e (141); ou, em outras circunstâncias, poderia ser explicado pela longa extensão do complemento oracional para ser realizado dentro do contorno entoacional da oração complexa²⁵. Exemplos com complementos deslocados: (137), (138), (149), (150), entre outros.

Apesar da movimentação identificada nos contextos de complementação oracional, é importante esclarecer que a compreensão das relações entre os argumentos envolvidos na

²⁵ Payne (1997) explica a tendência pós-nominal das orações relativas, mesmo em línguas em que os modificadores descritivos são pré-nominais, como é o caso do Xerente. Essa tendência deve-se ao princípio pragmático universal que leva para o final da sentença elementos longos ou fonologicamente complexos ou “pesados”. Por essa lógica, pode-se explicar a posposição de complementos de sujeitos em inglês.

oração complexa (sujeitos e objetos) fica preservada, haja vista a presença de dispositivos sintáticos, que identificam suas respectivas funções.

Quanto aos elementos gramaticais utilizados como subordinadores nos complementos oracionais, observamos o seu posicionamento majoritário ao final da oração subordinada. Diversas posposições cumprem o papel de subordinadores, a depender do tipo de verbo que está no comando da complementação.

Nos exemplos com verbos de manipulação, identificamos as posposições *pibumã* e *da*, ambas utilizadas com algum sentido de finalidade ou propósito.

Nos exemplos com verbos de modalidade, identificamos as posposições *pibumã* ‘finalidade’ e os enfáticos *to* e *hã*.

Nos exemplos com verbos de percepção/cognição/enunciação, identificamos as posposições *re* ‘simultaneidade’, *nã* ‘translativa’, *da* ‘finalidade’ e o enfático *hã*.

Resumindo os aspectos da codificação sintática da complementação em Xerente, registramos a ampla utilização de duas estratégias, conforme Givón (op.cit): a morfologia verbal menos finita no complemento, com verbos nominalizados e sem marcas de TAM; e a presença de subordinadores, que delimitam o complemento.

A estratégia de co-lexicalização se mostrou pouco produtiva, tendo sido observada especialmente em enunciados com ações que se realizam em etapas, por exemplo em (136).

Quanto à marcação de caso das relações gramaticais na oração complemento, notamos que a pressuposição de que seria impactada pelo nível de integração eventiva é um aspecto que precisa de melhor observação.

Entretanto, com base nos dados, podemos afirmar que a oração complemento utiliza os mesmos critérios de marcação dos participantes verificados na oração matriz. Ou seja, se o objeto-manipulado da matriz tem um papel agentivo a desempenhar no evento codificado na oração complemento, esse participante será identificado no complemento com os casos de agente, nominativo ou ergativo, respectivamente, nos predicados intransitivo ou transitivo.

O fato de que o mesmo referente pode ser codificado na oração matriz como paciente e na oração complemento como agente pode ser interpretado pela ótica da integração, como percebidos pelos falantes da língua como menos integrados semântico-cognitivamente. Porém,

entendemos que essa conclusão precisaria ser corroborada pela análise conjunta com os outros parâmetros sintáticos. Principalmente se considerarmos que um único parâmetro pode ser satisfeito apenas parcialmente, como é o caso do item “morfologia verbal menos finita do complemento”. Nesse quesito estão contemplados dois aspectos: ausência de marcas de TAM e ausência de concordância pronominal no verbo. Vimos que o Xerente atende apenas ao primeiro aspecto.

Outro aspecto relevante sobre a marcação de caso da língua Xerente que fica bem delineado nas orações complexas é a cisão no alinhamento das relações gramaticais. Na oração matriz ou independente, os sujeitos de predicados intransitivos-(S) e transitivos-(A) são identificados no caso nominativo, enquanto o objeto-(O) recebe marcação absoluta. Já na oração subordinada, o sujeito de predicado transitivo-(A) recebe marcação no caso ergativo, ficando os argumentos S e O identificados no caso absoluto.

Desse modo, o estudo das orações complexas coloca em evidência a cisão no alinhamento das relações gramaticais no Xerente e contribui com evidências de que língua opera com um sistema de cindido de alinhamento das relações gramaticais, nominativo-absolutivo nas orações básicas (principal/declarativa/afirmativa) e ergativo-absolutivo nas orações subordinadas.

Como demonstrado nas seções anteriores, a cisão alcança todos os tipos de orações complexas da língua, ou seja, se realiza nos complementos de verbos de manipulação (140), de modalidade (143) e de PCU (165), bem como em orações relativas (129), (130), e também nas orações que serão apresentadas na próxima seção, adverbiais (177), negativas (180), (181).

Quanto às propriedades de comportamento e controle, alguns aspectos podem ser identificados nas línguas em geral, entre eles: o apagamento argumental sob correferência e o modo de expressão da mudança de referência no discurso.

Sobre o apagamento correferencial em Xerente, observamos que a referência anafórica em geral se faz com a utilização de formas pronominais, não permitindo, por isso, o apagamento do argumento referenciado, visto que este deve ser obrigatoriamente marcado como prefixo de concordância verbal.

Além disso, a cisão no alinhamento das relações gramaticais descrita acima requer a especificação da posposição ergativa *te*, a qual, no contexto subordinado, cliticiza-se obrigatoriamente à expressão do participante referido, seja na forma nominal ou pronominal.

A seguir, para ilustrar este tópico, apresentamos exemplo em contexto relativo (172).

- (172) nōkwa_i [i_i-s-ipi-∅ nêhã] ∅_i=za da-wanã=rɛ ti_i-sa
 alguém_i [3_i-R-trabalhar-NMZ CONJ.ENF] 3_i=IRR 3-ADV=SUB 3_i-comer
 ‘Aquele que trabalhou vai comer primeiro’

Como vimos na abordagem das relativas, seção 6.1.2 e ficará evidente na análise das orações adverbiais, 6.1.4, no Xerente, os outros tipos de orações subordinadas (relativas, negativas e outras adverbiais) podem ser agrupadas com as orações complemento descritas acima, considerando-se sua estrutura e funcionamento assemelhado, inclusive com o acionamento do alinhamento ergativo-absolutivo, o que distingue todas as subordinadas da oração declarativa básica, cujos argumentos exibem o alinhamento nominativo-absolutivo.

6.1.4 Orações Adverbiais

As orações que servem a uma função adverbial podem modificar um sintagma nominal ou toda a oração. Payne (1997) menciona que podem ser denominadas “adjuntos”, em oposição a “complementos”, visto que não fazem parte da estrutura argumental da oração e apenas acrescentam informação especializada ao enunciado.

No Xerente foram registrados, Cotrim (2016), com bastante detalhamento os tipos: temporal (anterioridade, sucessão, simultaneidade), propósito/finalidade (positiva e negativa), condicional (e condicional de irrealidade) e explicativa/causal. A lista, porém, não é taxativa, visto que outras circunstâncias, como maneira, condição, polaridade, por exemplo, poderiam ser expressas pela via oracional.

Nesta seção, apresentaremos alguns exemplos, com o intuito de ilustrar a estruturação semelhante à das demais subordinadas na língua Xerente, o que é particularmente notório na configuração das propriedades gramaticais, como a marcação de caso, a morfologia verbal e a utilização de elemento gramatical que delimita a oração adverbial.

Sucessão temporal

- (173) [ĩ-sa-i parim (si)] wa=za ĩ-nõtõ
 [1-comer-NMZ depois (somente)] 1=IRR 1-dormir
 (Depois de comer vou dormir’ (COTRIM, 2016, p. 245)

- (174) are ti-ssusi ø-s-rõwa-ku
 CONJ 3-correr 3-R-casa-DIR
 ‘Aí, ele correu pra casa dele’.

[ø-wsi-ø pari] mã=t ã-sepakwa=mã k-simãza
 [3-chegar-NMZ ADV] 3PERF=RLS 3-mãe=DAT 3-contar

wawẽ mã=t ø-si-wamnãrĩ
 velha 3PERF=RLS 3-REFL-transformar

‘Depois que ele chegou, contou para a mãe que a velha tinha se transformado em bicho’

Condicional

- (175) ã nmĩ=zaza-r wa] wa za to ã nĩpi
 1 PERT=ficar.parado-NML COND] 1 IRR mesmo 1 trabalhar
 ‘se eu ficar, irei trabalhar’ (COTRIM, 2016, p. 252)

- (176) are dure huku t-mã mrẽ
 CONJ ADV onça 3-DAT falar
 ‘E a onça falou outra vez para ele (o menino)’

[kø wa=t k-mẽ sã-m nmẽ]#
 [água 1=RLS 3-PART achar-NMZ ADV]#

wa=za ø-zekrenẽ-nĩ# are ø-saze ãhe
 1=IRR 3-beber-PL# CONJ 3-confirmar ADV

‘Quando encontrar uma água, nós vamos beber, sim’

Finalidade

- (177) wa wa=za kupa aikte=nõrai=mã t-mã ø-sõ [ø-te ø-kahur pibumã]
 1 1=IRR bolo criança=PL=DAT 3-DAT 3-dar[3-ERG 3-comer SUB]
 ‘Vou dar o bolo para as crianças comerem’

Observe-se, no exemplo (177) a oração subordinada de finalidade, por ser transitiva, apresenta o alinhamento ergativo-absolutivo.

Negação

A negação de sintagmas ou de orações em Xerente é realizada pela presença de operador pós-verbal (nos termos de Sousa Filho (2007), o qual é composto de dois morfemas, um que expressa privação de atributo ou de concretização de evento/ação *kõ*, o outro que deriva estados a partir de nomes e verbos, *-di*. Segundo Cotrim (2016), esse tipo de configuração do elemento gramatical traz para a oração negativa um aspecto existencial negativo, equivalente a “não existe” ou “sem algo”. Nesse aspecto, as orações negativas se assemelham às estativas.

Ainda, do ponto de vista configuracional, as negativas se alinham às demais subordinadas, em oposição à oração básica do Xerente (simples, declarativa, afirmativa), quando consideramos a morfologia verbal menos finita, com ausência das marcas de tempo/aspecto/modo, as condições que orientam a marcação das relações gramaticais e a presença de elementos gramaticais identificadores ou delimitadores.

Os exemplos (178) e (179) contemplam verbos intransitivos em contexto de negação.

(178) moto rãrkã kō-di# mǎ=t t-kunē
 motor trovejar PRIV-EST# 3PERF=RLS 3-estragar
 ‘O motor não está funcionando, está estragado’

(179) toka sikra-i kō-di
 2 descer-NMZ PRIV-EST
 ‘Você não está descendo’

No exemplo (178) visualizamos, no mesmo contexto enunciativo, os dois tipos de sentença, a negativa e a declarativa, com suas respectivas marcas distintivas. A negativa com morfema estativo e sem marcas aspecto/modais. A declarativa com verbo finito, exibe concordância verbal e as marcas aspecto/modais.

Nos exemplos (180) a (183), temos verbos transitivos em contexto de negação.

(180) tahã ø-t-ai-wdaku-r kō-di [ai-watbrɔ-ø da]
 3 3-ERG-2-mandar-NMZ PRIV-EST [2-sair-NMZ SUB]
 ‘Ele não mandou você sair’

(181) ï-t t-mǎ wē kō-di [ø-watbrɔ da]
 1-ERG 3-DAT permitir PRIV-EST [3-sair.SG SUB]
 ‘Eu não vou deixá-la sair’

(182) [tahã romkrã ã-t k-mẽ-si-ø] zeĩ kõi-di
 [3 fruta 1-ERG 3-PART-comer-NMZ] querer PRIV-EST
 ‘Eu não quero comer aquelas frutas’

(183) wa=t wakdi ã-mã ã-mrêmẽ[kupakbu ø-te k-mẽ-si-ø kõi pibumã]
 1=RLS N.Pes 3-DAT 1-falar[bolo 3-ERG 3-PART-comer-NMZ PRIV SUB]
 ‘Eu mandei Wakdi não comer bolo’

Observamos, assim como nos outros tipos de subordinação, que a negação de oração transitiva também se alinha ao sistema ergativo-absolutivo, o qual opera nos dois polos da oração complexa. Na oração matriz transitiva negada (180), (181) e (182), ou na oração complemento transitiva negada (183).

6.2 As orações menos integradas

Ainda com base nas premissas lançadas no Capítulo 3, passamos a observar o funcionamento das orações coordenadas, o que faremos de forma apenas inicial, visto que o sequenciamento oracional constitui um fenômeno com muitas implicações contextuais e discursivas, que não serão objeto de investigação no momento.

6.2.1 Coordenação

Desse modo, seguindo na escala de integração semântico-sintática das orações, temos, no último nível antes de orações totalmente separadas, a coordenação.

Segundo Payne (1997), a afirmação de que duas orações são coordenadas gramaticalmente tem as seguintes implicações: 1. que as duas orações exercem mais ou menos o mesmo tipo de função estrutural dentro do contexto discursivo em que aparecem, ou seja, ambas codificam eventos, ou pano de fundo etc.; 2. que se apresentam conceitualmente de forma ligada. Vejamos dois exemplos em Xerente.

(184) ĩ-ptɔkwa mã to t-kre sasa-r mnõ pibumã mõ
 1-pai 3 RLS 3-POSP caçar-NML DISTR FIN ir
 ‘Meu pai foi caçar e matou onça’ (COTRIM, 2016, p. 221)

(185) wa nõrĩ wa t aikuwa kr wa nõm-r
 1 PL 1 RLS mato CONT 1 POSIC.horizontal
are mãrĩ wa t k-mẽ w(ĩ)-rĩ -kõ -di
CON algo 1 RLS 3-ASS matar-NML PRIV EST
 ‘nós estamos caçando e não matamos nada’ (COTRIM, 2016, p. 228)

Em (184), temos exemplo de coordenação que codifica eventos, com verbos intransitivos integrando cada uma das orações. Neste caso, o elemento de ligação não está presente e apenas o posicionamento paratático dá conta do sentido aditivo que é apresentado pela oração como um todo.

No exemplo (185), a coordenação também codifica evento e exhibe elemento gramatical de ligação entre as duas orações. A presença de verbo transitivo na segunda oração coloca em relevo a “independência” das duas orações, entre aspas, visto que, no âmbito da sentença, a elaboração do sentido se dá pela conjugação dos sentidos expressos nas duas orações.

Contudo, falamos de “independência” para referir à ausência da relação de subordinação no âmbito da sentença como um todo. Como ficou evidenciado no estudo das orações subordinadas, (6.1.2) e (6.1.3), a presença de oração transitiva em contexto subordinado é motivação para o desencadeamento de cisão na marcação de caso, mudando o sistema das subordinadas para ergativo-absolutivo. Não é o que se observa no exemplo (185), em que a natureza da relação “independente” e “não subordinada” existente entre as duas orações, se manifesta no alinhamento da marcação de caso no sistema nominativo-absolutivo.

Outrossim, o estudo das orações coordenadas interessa também para a observação de processos referenciais em contexto e outros mais relacionados às propriedades de comportamento e controle, por exemplo, o apagamento sob correferencialidade e os mecanismos de identificação da mudança de referência *switch reference*.

Ainda que este estudo não aprofunde essas questões, apresentamos a seguir algumas considerações.

6.2.1.1 Encadeamento oracional

A referência ao mesmo sujeito ou a sujeitos diferentes em orações coordenadas do Xerente se realiza com a seleção de nominais ou pronominais que também ocorreriam em contexto simples. Não existe, portanto, a identificação morfológica específica da mudança de sujeito ao longo de uma sequência de orações, como a seguinte, de (186) a (188).

Entretanto, notamos que a introdução de um novo participante, nesse caso, é feita em contexto condicional, marcado por elemento gramatical. Um estudo quantitativo desse tipo de sequenciamento poderia esclarecer se esse tipo de identificação é o recurso geral, se há outros tipos de marcadores gramaticais da estrutura, e outros aspectos.

Na sequência abaixo, destacamos em negrito o referente das orações e delimitamos com colchetes [] a estrutura em que ele ocorre.

- (186) [**nōkwa həze** wa] nhaite ø-te ø-knē-ø kō-di
 [alguém doença COND] DEM 3-ERG 3-comer-NMZ NEG-EST
 ‘Uma pessoa doente não (pode) comer’

amsi ø-te ø-knē-ø kō-di#
 abacaxi 3-ERG 3-comer-NMZ NEG-EST#
 ‘não come abacaxi’

tbe ĩ-hēi kō-nē hã ø-te ø-knē-ø kō-di#
 peixe 3-pele NEG-CONJ ENF 3-ERG 3-comer-NMZ NEG-EST#
 ‘também não come peixe de couro, nem semelhante’

kāto durε krawa=nĩ# kwəbə=nĩ# kuhə=nĩ#
 CONJ ADV paca=carne# porco=carne# porcão=carne#
 ‘e, também, carne de paca, carne de porco, carne de porcão’

- (187) [nhaite **nōkwa ø-krapre** wa]#
 [DEM alguém 3-parir COND]#
 durε ø-te ø-knē-ø kō-di#
 ADV 3-ERG 3-comer-NMZ NEG-EST#
 ‘A (mulher) que deu à luz também não (pode) comer (as comidas mencionadas)’

to tanē hã rō krawa nhaite ø-te ø-knē-ø kō-di#
 ENF ADV ENF coisa paca DEM 3-ERG 3-comer-NMZ NEG-EST#
 [**nōkwa ø-krapre** wa]#
 [alguém 3-parir COND]#
 ‘Assim, (a mulher) que pariu, não (pode) mesmo comer paca’

- (188) [**aikte=mã** **kāto ĩ-separkwa=mã**] kbazeĩprã=nĩ ø=za t-kunē#
 [criança=DAT CONJ 3-mãe=DAT] caça=carne 3=IRR 3-estragar#
 ‘Para a criança e para a mãe dela, carne de caça faz mal’

Outro aspecto interessante, observado na sequência acima, refere-se à manutenção da referência na sequência de orações subordinadas, que é feita por meio da marcação ergativa em um pronome anafórico.

Finalizando o trecho, temos uma oração básica, simples, declarativa e afirmativa, com marcação de caso identificada no sistema nominativo-absolutivo.

6.3 Principais aspectos das orações complexas em Xerente

Este estudo inicial das orações complexas em Xerente contribuiu com a identificação dos parâmetros e estratégias sintáticas que a língua Xerente utiliza para compor e operacionalizar as orações no discurso.

Nesse conjunto, duas estratégias se mostram mais recorrentes: as relacionadas à identificação dos participantes, por meio da marcação de caso e da concordância verbal; e as que fazem a distinção dos tipos oracionais, por meio de um sistema cindido de marcação de caso, com orações básicas marcadas segundo o sistema nominativo-absolutivo e as demais, não básicas, alinhadas no ergativo-absolutivo.

Comparando a configuração sintática de orações simples e principais, com a estrutura sintática das subordinadas, notamos, na oração simples/principal, a ocorrência de verbo finito, marca aspecto-modal, objeto pré-verbal e marcação de caso no sistema nominativo-absolutivo.

Já em ambiente subordinado, temos, o verbo na sua forma não finita, a ausência de marcas aspectuais e modais e a marcação de caso no sistema ergativo-absolutivo.

A cisão no alinhamento das relações gramaticais em contexto subordinado pode ser ilustrada como no quadro a seguir.

Quadro 16 – Cisão no alinhamento das relações gramaticais em Xerente

	Nominativo-Absolutivo	Ergativo-Absolutivo
- Tipo de Oração	Independente/Principal	Subordinada
- Sujeitos nominais e pronominais	S e A (nominativo)	A (ergativo)
- Concordância verbal	S e O (absolutivo) marcados no verbo	S e O (absolutivo) marcados no verbo

Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação às orações de complemento, tomando como referência o modelo de oração básica transitiva do Xerente, cujos elementos essenciais se organizam canonicamente na ordem [SN_{Sujeito} - TAM - SN_{objeto} - V], podemos esboçar esquemas de sua organização, contemplando o sistema cindido de marcação de caso, da seguinte forma:

Figura 7 – Esquema da oração complemento com VI na subordinada

SN/Pron-NOM TAM-NOM [SN/Pron ABS-VERBO-NMZ SUB] ABS-V

SN/Pron-NOM TAM-NOM ABS-V [SN/Pron ABS-V-NF SUB]

Figura 8 – Esquema da oração complemento com VT na subordinada

SN/Pro-NOM TAM-NOM [SN/Pron-ERG ABS-V-NF SUB] ABS-V

SN/Pron-NOM TAM-NOM ABS-V [SN/Pron-ERG ABS-V-NF SUB]

No caso das orações relativas, com base nos exemplos apresentados na seção 5.1.2, o mesmo esquema poderia ser ilustrado da seguinte forma:

Figura 9 – Esquema da oração relativa com VI na subordinada

SN/Pron-NOM [ABS-VERBO-NMZ] TAM-NOM ABS-V

SN/Pron-NOM TAM-NOM OBJETO [ABS-VERBO-NMZ] ABS-V

Figura 10 – Esquema da oração relativa com VT na subordinada

SN/Pro-NOM [SN/Pron-ERG ABS-V-NF SUB] TAM-NOM ABS-V

SN/Pro-NOM TAM-NOM OBJETO [SN/Pron-ERG ABS-V-NF SUB]ABS-V

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este trabalho com a retomada dos principais pontos analisados durante o seu desenvolvimento, os quais contribuíram para o alcance do escopo geral da pesquisa, que foi descrever aspectos gramaticais que orientam a organização e o funcionamento das orações complexas e a relação entre elas em contextos interdependentes e de subordinação.

No desenvolvimento da pesquisa foram revisitados diversos pontos da gramática da língua, cuja análise foi iniciada por outros autores e que entendemos necessário retomar, a fim de esclarecer suas análises ou simplesmente de posicioná-los como pano de fundo para o estudo das orações complexas da língua.

Assim, foram abordados o sistema pronominal da língua, a expressão de tempo, aspecto, modo e pessoa, os tipos de verbos da língua e questões relacionadas à configuração gramatical da oração básica em Xerente, inclusive o seu sistema de alinhamento das relações gramaticais.

A abordagem do objeto central da pesquisa, as orações complexas da língua, foi fundamentada teoricamente do ponto de vista tipológico-funcional e enfocou aspectos semânticos e sintáticos identificados no contexto de integração oracional. Tudo isso, orientado pela premissa teórica de que a percepção de integração semântico-cognitiva dos eventos pode se espelhar na integração gramatical desses mesmos eventos, em diferentes graus.

No âmbito gramatical das orações complexas em Xerente, optamos por observá-las sob a ótica de um contínuo de integração gramatical e, desse modo, buscar a identificação ou a confirmação dos tipos de complexidades oracionais que se realizam de forma mais ou menos integrada na língua.

Com essa perspectiva, analisamos orações com verbais seriais, relativas, de complemento, adverbiais e coordenadas. No bojo da análise, as propriedades relacionadas ao protótipo gramatical das orações colocaram em evidência peculiaridades da gramática do Xerente relacionadas à organização e à identificação dos tipos de orações na língua.

Em especial, ficou demonstrado no Capítulo 6, como a língua realiza a distinção entre a oração básica e as demais, notadamente, pelo uso de recursos de codificação gramatical explícita, por exemplo, a marcação de caso das relações gramaticais, cuja organização agrega subsídios para a identificação de um sistema cindido, motivado pelo tipo de oração, intransitiva ou transitiva, em contexto de subordinação.

Nossa proposta inicial de aprofundar a descrição das estruturas oracionais da língua Akwê-Xerente foi alcançada em relação ao objetivo principal desta pesquisa, porém, permanece uma tarefa a ser continuada oportunamente, principalmente, porque não se esgotou o estudo de diversos aspectos da gramática da língua na presente investigação.

Ademais, a cada novo trabalho sobre o Xerente, fica corroborada a riqueza linguística a ser explorada, o que comprova a relevância da língua como objeto de estudo científico e confirma aos seus falantes e à comunidade circundante a importância de sua preservação, utilização ampla e investigação.

REFERÊNCIAS

- AIKENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (Eds.). *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- AIKENVALD, Alexandra Y. Serial verb constructions in typological perspective. In: AIKENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (eds.). *Serial verb construction. A cross-linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1-68.
- BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira*, v. 1, n. 20, p. 139-172, 1997.
- _____. Um estudo tipológico-sociolinguístico dos Xerente Akwê: questões de vitalização. In: BERGEMANN DE AGUIAR, O. (Org.). *Região, Nação e Identidade*. Goiânia: Agepel, 2005, p. 165-183.
- _____. Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente-Akwê: uma visão comparativo histórica dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Signótica*. v. 17, n. 2. Goiânia: UFG, p. 251-273, 2005b.
- _____. Tipologias sociolinguísticas: as macrovariáveis e seu papel na desvitalização das línguas: a língua Xerente Akwén. In.: BRAGGIO, S. L. B.; SOUSA FILHO, S. M. (Orgs.). *Línguas e culturas Macro-Jê*. Goiânia: Vieira, 2009. s.l., s.n., p. 79-102.
- _____. As diferentes situações sociolinguísticas e os tipos de empréstimos na adição do português ao xerente-akwén: fatores positivos e negativos. *Liames*, v. 12, p. 157-177, 2012.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. *Manual de produção de textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Atlas, 2013.
- CASTRO ALVES, Flávia de. *O timbira falado pelos Canela Apãniekra: Uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. 177 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- _____. *O papel das nominalizações na evolução do alinhamento ergativo nas línguas Jê: Dimensões funcionais e estruturais*. Paper presented at Conference on Structures of Amazonian Languages, Manaus, 2008.
- _____. Evolution of Alignment in Timbira. *International Journal of American Linguistics*, Vol. 76, p. 439-475, 2010a.
- _____. Nominative-Absolute: Counter-Universal Split Ergativity in Jê and Cariban. In: Spike Gildea; Francesc Queixalós. (Org.). *Ergativity in Amazonia* (Typological Studies in Language 89). Amsterdam: John Benjamins, 2010b, p. 263-318.
- _____. Complement clauses in Canela. *Ameríndia* (Paris). v. 35, p. 135-154, 2012.

- COMRIE, Bernard. Ergativity. In: LEHMANN, Winfred P. (Ed.). *Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language*. Austin: University of Texas Press. 1978, 329-394.
- _____. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- _____. Alignment of Case Marking of Full Noun Phrases. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.
Disponível em <http://wals.info/chapter/98>. Acesso em 2020-03-07.
- CROFT, William. *Typology and universals*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- _____. Typology and Universals. In: ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (Eds.) *The Blackwell Handbook of Linguistics*. Second Edition. Oxford: Basil Blackwell. Draft, Aug 2008 (pdf).
- D'ANGELIS, Wilmar. Concordância verbal de número em Kaingang: algumas pistas. *Liames 4*, Campinas: Unicamp, p. 71-81, 2004.
- DE PAULA, Luís Roberto. *A dinâmica faccional Xerente: esfera local e processos sociopolíticos nacionais e internacionais*. 2000. 352 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- DIXON, R.M.W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Basic Linguistic Theory*. Volume 1 Methodology. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- _____. *Basic Linguistic Theory*. Volume 2 Grammatical Topics. Oxford: Oxford University Press. 2010.
- FARIAS, Agenor. *Fluxos Sociais Xerente: Organização Social e Dinâmica das Relações entre Aldeias*. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- FRAZÃO, Kêth Simas. *A sílaba no Akwê-Xerente (Jê)*. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- FRAZÃO, Kêth Simas; GRANNIER, Daniele Marcelle. A sílaba no Akwê-Xerente (Jê): uma análise paramétrica. In: BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. (Org.). *Estudos de Línguas e Educação Indígena*. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 139-164.
- GIRALDIN, Odair; SILVA, Cleube Alves da. Ligando mundos: relação entre Xerente e a sociedade circundante no século XX. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, série Ant 18(2), p. 1-16, 2002.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: An introduction*. Volumes I e II. Rev. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

- GRANNIER, Daniele Marcelle. Estrutura silábica e nasalização em Akwê-Xerente. *Signótica*, Goiânia: UFG, p. 245-260, 2009.
- KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, 8, p. 63-100, 1977.
- KRIEGER, Wanda Braidotti; KRIEGER, Guenther Carlos. *Dicionário Escolar: Xerente/Português; Português/Xerente*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.
- LOPES DA SILVA, Aracy; FARIAS, Agenor. Pintura corporal e sociedade, os partidos Xerente. In: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo Indígena*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1992, p. 89-116.
- MATTOS, Rinaldo de. *Fonêmica Xerente*. Brasília: SIL (Série Linguística 1), 1973.
- _____. *Língua e cultura Xerente: Coletânea de artigos e descrições sobre a língua e a cultura do povo Akwê Xerente do Tocantins*. Miracema do Tocantins: Não publicado, 2005.
- _____. *Língua Xerente - roteiro de aprendizado*. Aldeia Salto, Tocantins: Não publicado, 2008.
- MAYBURY-LEWIS, David. *O Selvagem e o Inocente*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- MESQUITA, Rodrigo. *Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwê*. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- _____. *Code-Switching em Akwê-Xerente/Português*. 2015. 245 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- _____. Sobre convergência e atrito: aspectos do contato linguístico do povo Akwê-Xerente (Jê). In: BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. (Org.). *Estudos de Línguas e Educação Indígena*. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 65-87.
- MORI, Angel Corbera. Línguas indígenas do Brasil: abordagem tipológico-funcional de alguns aspectos morfossintáticos. *Guavira Letras 12*, Três Lagoas: UFMS, p. 59-72, 2011.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *The Sherente*. Los Angeles: L.A. Press, 1942.
- NOLASCO, Genilson R. S. **Clãs Xerente**: nomes, narrativas e prerrogativas associadas. 2006. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2006.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description: complex constructions*. 2. ed. v. II. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 52-150.
- OLIVEIRA, Christiane Cunha de. Lexical categories and descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics*, Vol. 69, n. 3, p. 243-274, 2003.

- _____. *The Language of the Apinajé people of central Brazil*. 2005. 444f. PhD – University of Oregon, Oregon, 2005.
- _____. A codificação das relações gramaticais nos complementos oracionais do Apinaje Apinajé. *Signótica*, v. 26. Goiânia: UFG, p. 287-308, 2014.
- OLIVEIRA-REIS, Francisco Carlos. Os rituais de nomeação Xerente e o contexto de contato com a sociedade brasileira. In: PEIRANO, Mariza Gomes e Souza (Org.). *Análises de Rituais*, Série Antropologia, n. 283. Brasília: UnB, 2000, p. 64-81.
- PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. *Exploring Language Structure: A Student's Guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- REIS-SILVA, M. A. *Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokrê (Kayapó)*. 2001. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola. 1986.
- _____. A case of grammatical affinity among Tupí, Karíb and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, n. 1, jul/2009. Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas Indígenas, p. 137-162, 2009.
- SANTOS, Juliana Pereira dos. *Marcas pessoais, concordância de número e alinhamento em Xavánte*. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- SCHROEDER, Ivo. *Política e Parentesco nos Xerente*. 2006. 303 f. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- _____. *Os Xerente: estrutura, história e política*. São Paulo: Soc. e Cult., 2010.
- SILVA, Julia Izabelle da. *Entre conflitos e resistências: usos e atitudes linguísticas de jovens indígenas Akwê-Xerente*. 2014 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- _____. Atitudes linguísticas de jovens indígenas Akwen em relação à situação de contato linguístico Português-Xerente. In: BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. (Org.). *Estudos de Línguas e Educação Indígena*. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 89-111.
- SILVA, Léia; MATTOS, Ana. (Orgs.). *Alimentos dos Akwê-Xerente: a roça e as caças*. Goiânia: UFG, 2016.
- SILVA, Mariana Ferreira da; OLIVEIRA, Christiane Cunha de. *Aspectos morfológicos dos verbos em línguas da família jê*. Goiânia: Faculdade de Letras/UFG, 2011. Disponível em:

<<http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pivic/trabalhos/MARIANA%20FERREIRA%20DA%20SILVA.pdf>> Acesso em 12 jan. 2020.

- SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Nomes de partes em função classificadora: âmbito de análise do sistema de classificação nominal Akwê-Xerente. *Revista Eletrônica Via Litterae*, v.1, n. 1, Anápolis, p. 61-79, 2009.
- _____. O sistema de classificação nominal Akwê-Xerente (Jê): Âmbitos de análise. 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.
- SÓCRATES, E. A. Vocabulários indígenas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. Tomo. 55, parte 1, p. 87-96, 1892.
- SOUSA FILHO, Sinval Martins de. *Aquisição do Português oral pela criança*. 2000. Dissertação (mestrado em Linguística) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.
- _____. Nomes próprios e a referenciação Xerente. **Todas as Letras I**, São Paulo: Mackenzie, p. 118-125, 2006.
- _____. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê)*. 2007. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- _____. Reflexões sobre a aquisição de língua pela criança Xerente. In: BRAGGIO, Silvia L. B. e SOUSA FILHO, Sinval M. de. *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Goiânia: Ed. Vieira, 2009. p. 297-314.
- _____. Formas curtas e longas de verbos em Akwê-Xerente (Jê). In: Rosane de Sá Amado. (Org.). *Estudos em Línguas e Culturas Macro-Jê*. v. 1. 1 ed. São Paulo: Paulistana, 2010a, p. 181-188.
- _____. Padrões de alinhamento morfossintáticos em Akwê-Xerente (Jê). *Liames 11*, Campinas: Unicamp, p. 115-128, 2011.
- _____. Aspectos morfossintáticos da função sujeito em Akwén-Xerente (Jê). In: BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. (Org.). *Estudos de Línguas e Educação Indígena*. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 113-137.
- URBAN, G. Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê). *IJAL*. v. 51, n. 2. p. 164-187, 1985.
- VIANA, U. Akuen ou Xerente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro. Tomo 100, Vol. 154, p. 6-48, 1927.
- WĂKAINĚ, Vilmar. Akwê significa: gente. Direito à diferença. In: WEWERING, Silvia Thêkla (Org.). *Povo Akwê-Xerente: vida, cultura e identidade*. Belo Horizonte: Rona, 2012, p. 23-25.
- XERENTE, Antonio Samuru. *A educação tradicional dos Akwê-Xerente e a educação escolar indígena deste povo*. 2012. 44 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, 2012.

- _____. *As novas tecnologias na aldeia Nrôzawi povo Akwê*. 2016. 30 f. Monografia (Pós-Graduação Latu Sensu em Cultura e História dos Povos Indígenas) – Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, 2016.
- XERENTE, Aparecida Kuzadi. *Objetos usados nas ornamentações de pessoas e instrumentos usados nas festividades do povo Akwê*. 2014. 35 f. Monografia (Graduação em Educação Intercultural) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- XERENTE, Eneida Brupahi. *Aspectos morfológicos da língua Akwê*. 2018. 36 f. Monografia (Graduação em Educação Intercultural) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- XERENTE, Ercivaldo Damsôkêkwa Calixto. *Processos de educação Akwê e os direitos indígenas a uma educação diferenciada: Práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar*. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- XERENTE, Sinval Waïkazate de Brito. *Estudo de palavras e variações sonoras na língua Akwê-Xerente*. 2011. 41 f. Monografia (Graduação em Educação Intercultural) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- _____. *As aldeias da terra indígena Xerente e Funil*. Não publicado, 2017.
- XERENTE, Tpêkru Valteir. *Discurso dos velhos Akwê Xerente: Romkrêptkã*. Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011.

APÊNDICE 1 – Texto: Bru krãiwatbrøze - O surgimento da roça

Extraído do livro *Alimentos dos Akwẽ-Xerente: a roça e as caças*

Tradução livre: Kuzadi Xerente

- (1) smĩsi btə nã mã=t ku ambə t-kre sasar mnõ da
 um dia POSP 3PERF=RLS ALA homem 3-CONT caçar PART SUB
 aikuwa ø-kr=mõ
 mato 3-CONT=ir.SG
 ‘certo dia um homem saiu para caçar no mato’
- (2) tazi mã=t ku kritum wa aptẽ kõre da
 ADV 3PERF=RLS ALA casa.abandonada LOC de.repente SUB
 ‘de repente, ele chegou numa casa velha’
- (3) tazi nã=t ku tẽra krda nmĩkwar
 ADV 3PERF=RLS ALA machado usado estar.deitado
 are k-mẽ ø-kə
 CONJ 3-PART 3-pegar
 ‘ele encontrou machados usados espalhados e pegou (um)’
- (4) are sĩm akwẽ mã ø-wasku
 CONJ POSS índio DAT 3-contar
 ‘e contou para o seu povo’
- (5) are tazi nã=t ku ĩ-sĩm akwẽ kãñẽ t-mã t-mrmẽzus
 CONJ ADV 3PERF=RLS ALA 3-POSS índio ADV 3-DAT 3-falar.PL
 ‘e então ali o seu povo falou assim para ele’
- (6) to taha zo nẽ nã=t aimõ k-mẽ ø-kə
 ENF INT.F POSP CONJ 3PERF=RLS ADV 3-PART 3-pegar
 kwa tõ kõwamnẽ
 dente NEG COND
 ‘para quê que ele pegou, sendo que (o machado) estava cego?’

- (7) are tazi to ø-sipisdu k-mã t-simãzus
 CONJ ADV ENF 3-pensar.SG 3-DAT 3-pensar
 kakõiwde zawre ø-te k-mã rowrĩ nã
 pé.de.jatobá grande 3-ERG 3-DAT derrubar SUB
 ‘depois, pensou, pensou consigo mesmo, sobre derrubar o grande pé de jatobá’
- (8) are kakõiwde nnãkrta wa ø-kwakre
 CONJ jatobá.pé raiz LOC 3-cavar
 ‘e cavou na raiz (ao redor) do pé de jatobá’
- (9) are tazi
 CONJ ADV
 nã=t ku kunẽre sakrtẽ zawre sda ka=kburõ
 3PERF=RLS ALA araçá muito grande POSP PART=ajuntar
 ø-te nwa ø-sarõ-r pibumã
 3-ERG LOC 3-acender-NMZ SUB
 ‘e depois juntou muito araçá para acender’
- (10) are ku t-mã ø-sarõ
 CONJ ALA 3-DAT 3-acender
 ‘e acendeu’
- (11) are ø-te ø-sarõ-r pari
 CONJ 3-ERG 3-acender-NMZ SUB
 nã=t ku aipə kri t-mẽ ø-krẽwa
 3PERF=RLS ALA ADV casa 3-ALA 3-voltar
 ‘e depois de acender (o fogo) ele voltou para casa’
- (12) tazi nã=t ku awẽhə re
 ADV 3PERF=RLS ALA madrugada POSP
 akwẽ nõrĩ ø-wapa romkεkke zawre
 índio NSG 3-ouvir barulho grande
 ‘depois, de madrugada, o povo ouviu um barulho muito grande’

- (13) akwěsto nã=to ku kakõiwde t-simě wawě
 ADV 3PERF=RLS=ENF ALA pé.de.jatobá 3-cair INTENS
 ‘e de repente o pé de jatobá teve uma grande queda’
- (14) are to awězure nã=to ku akwě nōrĩ
 CONJ ENF alvorada 3PERF=RLS=ENF ALA gente NSG
 totammõ kōwamně ssakre k-mã ø-sōpre pibumã
 DIR correr.PL 3-DAT 3-ver SUB
 ‘e de manhãzinha, o povo correu para lá para ver (o que estava acontecendo)’
- (15) are tazi nã=to ku t-si-wasku
 CONJ ADV 3PERF=RLS=ENF ALA 3-REFL-contar
 totahã te k-mã ø-rowrĩ nã
 3.ENF ERG 3-DAT 3-derrubar SUB
 ‘e lá ele contou (para o povo) que foi ele mesmo quem causou a queda (do jatobá)’
- (16) are tokto nã=t ku akwě nōrĩ nmĩparkw
 CONJ ADV 3PERF=RLS ALA gente NSG esperar.PL
 kakõiwde kre pse pibumã
 pé.de.jatobá secar ADV PROP
 ‘e agora o povo aguardou que a madeira de jatobá secasse bem’
- (17) are kre pari
 CONJ secar ADV
 nã=t=to ku kbure ø-sipi nwa k-mã ø-kwamã
 3PERF=RLS ALA todo 3-trabalhar LOC 3-DAT 3-mexer
 ‘e depois que secou, todos trabalharam mexendo (na terra)’
- (18) are tapari amnõ ø-te nwa ø-kre
 CONJ ADV semente 3-ERG LOC 3-plantar
 ‘e depois eles plantaram as sementes lá’
- (19) twa təkāně snã nã=t ku bru ø-krāiwatōbro
 assim desse.jeito POSP 3PERF=RLS ALA roça 3-surgir
 ‘foi assim, desse jeito que surgiu a roça’

APÊNDICE 2 – Texto: Wake waskuze - A história do Wake

Extraído do livro *Coletânea de mitos Akwê-Xerente*

Tradução livre: Kuzadi Xerente

- (1) warã ku ø=za ã-ptokrta nõrĩ t-si=krêkõt
 pátio ALA 3=IRR 3-ancião NSG 3-REF=reunir
 are tazi ø=za si=mã t-mrmêzus
 CONJ ADV 3=IRR REC=DAT 3-conversar.PL
 ‘os mais velhos se reúnem no pátio e conversam entre eles’
- (2) are wake nã ã-sapka nẽ hã
 CONJ Wake POSP 3-querer ADV ENF
 ø=za ã-tdekwa k-mã ø-wa
 3=IRR 3-dono 3-DAT 3-pedir
 ‘e aqueles que querem colocar o nome Wake (no filho) pedem ao dono (do nome)’
- (3) wake to ku kbazi tdekwa i te
 Wake ENF ALA kbazi dono POSS
 ‘o nome Wake pertence ao clã kbazi’
- (4) tanênmẽ ø=za ã-ptõ nõrĩ pikõĩ nõrĩ ø-wdaku
 ADV 3=IRR 3-ancião NSG mulher NSG 3-mandar
 ake ø-te ø-kẽ mnõ da
 tiririca 3-ERG 3-colher PART SUB
 ‘por isso que os mais velhos mandam as mulheres tirar tiririca’
 are ø-te ø-sakẽ mnõ da
 CONJ 3-ERG 3-fazer PART SUB
 ‘para fazer (colar)’
- (5) are tokto ø=za dasĩpe k-mã ø-snãkrat
 CONJ ADV 3=IRR festa 3-DAT 3-começar
 ‘aí começa a festa’

- (6) to smĩsi wa nã ø=za t-sĩpes
ENF um mês POSP 3=IRR 3-espalhar
'(a festa) acontece durante um mês'
- (7) to romzakrãre pə ø=za nēs k-mã ø-pra kãto rowaə
ENF manhã todo 3=IRR ADV 3-DAT 3-dançar CONJ tarde
'toda manhã e toda tarde eles dançam'
- (8) to ø-te k-mã pse da si
ENF 3-ERG 3-DAT nomear SUB ADV

ø=za tokto btə wamhuire k-mã ø-pra
3=IRR ADV dia sempre 3-DAT 3-dançar
'só para encerrar que eles dançam o dia todo'
- (9) are nēs dure t-sihəzu
CONJ ADV ADV 3-brincar.PL
'e, também brincam outra vez'
- (10) wake nã sĩpse rə/ to btə bə ø=za nēs k-mã ø-pra
Wake POSP festa CONJ/ ENF dia PRON 3=IRR ADV 3-DAT 3-dançar
'enquanto estão colocando o nome Wake eles dançam todo dia'
- (11) ãktöre nē hã/ ambə kãto pikö
tora.de.buriti CONJ ENF/ homem CONJ mulher
'colocam a tora todo dia, homens e mulheres'
- (12) are tokto ø=za rə ø-prab/ da-t patte mnö snã
CONJ ADV 3=IRR POSP 3-dançar/ 3-ERG dar.mãos PART SUB
'agora eles vão dançar segurando nas mãos (de mãos dadas)'
- (13) to siwakru ø=za ti-söre
ENF ADV 3=IRR 3-enfileirar
'todos ficam na fila'
- (14) to ãsöhidba zda si ø=za t-si=wapto
ENF menina PROP ADV 3=IRR 3-REC=ajuntar
'e somente para a menina nomeada se juntam duas pessoas'

si=waikwa ø-te patte mnõ da
 REC=entre 3-ERG dar.mãos PART SUB

‘no meio (entre os que estão enfileirados) segurando nas mãos (dela)’

(15) to ãsistu skudabə ø=za t-si-měkwar
 ENF final ADV 3=IRR 3-REC=estar.em.pé

‘(os que estão na fila) ficam dos dois lados (da menina)’

(16) ã-sisi zda hã ø=za to k-mã t-si=waikwa pes
 3-nome PROP ENF 3=IRR ENF 3-DAT 3-REFL=entre ADV

‘a que vai receber o nome se coloca no meio’

(17) are ø-sökre k-mã ø-snãkrat
 CONJ 3-cantar 3-DAT 3-começar

‘aí começam a cantar’

(18) kãñẽ ã-sökre-zε
 ADV 3-cantar-NMZ

‘assim é o cântico.’

(Canto com 7 partes)

(19) are totahã sipse rε ø=za ambə nörĩ aikuwa wahud
 CONJ 3.ENF festa CONJ 3=IRR homem NSG mato partir.PL

kbazeĩprã t-kre ø-smrõi mnõ pibumã
 caça 3-CONT 3-matar.PL PART SUB

‘durante a festa, os homens vão caçar (vão para o mato matar caça)’

(20) aikuwa ø=za so ø-sakra/ wake sa
 mato 3=IRR procurar 3-amontoar.PL/ Wake comida

‘e deixam amontoadas (a caça) lá no mato, a comida do Wake’

(21) are ø-te sakrazem hawi ø=za danõhuĩkwa ø-spokrpuk
 CONJ 3-ERG depósito SUB 3=IRR mensageiro 3-avisar

‘e depois de deixarem, o mensageiro avisa’

kri hã pikõi nõrĩ so ø-ssakre mnõ pibumã
 casa ENF mulher NSG procurar 3-correr.PL PART SUB
 ‘as mulheres que estão em casa para buscar correndo (a caça lá no mato)’

(22) to nmãhã pikõ ã-wra tte
 ENF PRON mulher 3-correr.SG firmar

ø=za ãnĩ zaza kuintu nẽ hã daw du
 3=IRR carne moqueada AUM ADV ENF ? carregar.SG
 ‘a mulher que correr mais vai pegar a melhor (mais) carne’

(23) are so ø-ssakre mnõ pari ø=za tokto k-mã ø-pes
 CONJ procurar 3-correr PART ADV 3=IRR ADV 3-DAT 3-nomear
 ‘depois que (as mulheres) pegarem a carne (agora) vão batizar (a menina)’

(24) warã wa
 pátio LOC

ø=za wake sa ãsõkremzukwa kburõ/ ake zo
 3=IRR Wake comida tio ajuntar/ colar POSP
 ‘no pátio, o tio (do nomeado) vai juntar a comida do Wake para trocar pelos colares’

(25) sim nõkremzui mã ø-te ø-smẽ pibumã
 POSS sobrinho DAT 3-ERG 3-colocar SUB
 ‘para colocar no/a sobrinho/a dele’

(26) ake nã ø=za si=mã ø-sõ/ wake sa hã
 colar POSP 3=IRR REC=DAT 3-dar/ Wake comida ENF
 ‘eles trocam colares pela comida do Wake’

(27) are tahã ø=za t-si=kbukrã
 CONJ 3 3=IRR 3-REC=passar.carvão.no.rosto
 ‘ele (o tio) passa carvão no rosto (do/a sobrinho/a)’

are kumdẽm kwa ø=za dat t-mã ø-se
 CONJ capivara dente 3=IRR ? 3-DAT 3-colocar
 ‘e coloca (no/a sobrinho/a) o colar com dente de capivara.’

- (28) zə kraskwa to ĩsitu sikudabə ø=za t-si=mëkwar
 maracá tocador ENF ponta ADV 3=IRR 3-REFL=estar.em.pé
 ‘os que tocam o maracá ficam em pé nas duas pontas (da fileira de pessoas)’
- (29) tokto ø-te k-mã ø-pse wa/
 ADV 3-ERG 3-DAT 3-nomear ADV/
 ø=za simëkwrazε si=mã sō
 3=IRR lugar REC=DAT dar
 ‘agora, enquanto batiza, (os tocadores de maracá) trocam de lugar’
- (30) tahã zə kraskwai nōrĩ
 3 maracá tocador NSG
 to ĩ-wamtrë skudabə ø=za ø-kras
 ENF 3-chamar ADV 3=IRR 3-fazer.ruído
 ‘os tocadores de maracá são chamados dos dois lados (clãs)’
- (31) are tokto aimõre ø-prab
 CONJ ADV ADV 3-dançar
 ‘agora eles dançam (continuamente)’
- (32) are dure da-t patte mnõ snã ø-prab
 CONJ ADV 3-ERG dar.mãos PART SUB 3-dançar
 ‘e novamente seguram as mãos para dançar’
- (33) are to kbure ø-te k-mã ø-krānistu pari/ ĩstōm hã/
 CONJ ENF todos 3-ERG 3-DAT 3-completar SUB/ último ENF/
 ‘aí, pra encerrar a festa, por último’
 ø=za tokto ĩsitro btə kamõ nã si=mã ø-shə
 3=IRR ADV tora dia dar POSP REC=DAT 3-cortar
 ‘eles cortam a tora de buriti’
- (34) are nmãhã ø=za dakmārē
 CONJ PRON 3=IRR vencedor
 ‘e alguém vai ser o vencedor (da corrida)’

(35) are totahã btə nã ø=za ã-si=krěktõ nõrĩ ø-simpe/
 CONJ 3.ENF dia POSP 3=IRR 3-REC=reunir NSG 3-espalhar/

srõwa mba

lar POSP

‘aí, depois, cada um vai embora para casa (e, nesse dia, os que se reuniram vão para suas casas)’

APÊNDICE 3 – Texto: Mã - Ema

Extraído do livro *Alimentos dos Akwê-Xerente: a roça e as caças*

Tradução livre: Wakedi Xerente

- (1) mã to kbazeĩprã
ema ENF caça
'**ema é caça**'
- (2) aptte mba t-mã rɔ-wě-ki
beira.brejo LOC 3-DAT coisa-gostar-EST
'**ela gosta de viver no apdê**' (é gostoso para ela viver no apdê)
- (3) ambə nê hã ø=za nmãhã siwaprɔsi ø-kr=mõ
homem CONJ ENF 3=IRR algum sozinho 3-CONT=ir.SG
'**o macho pode andar sozinho**'
- (4) are ø=za to dure nmãzi kahã
CONJ 3=IRR ENF ADV onde aquele

zawre snã ø-kr=nõmrõ
AUM POSP 3-CONT=deitar.SG
'**também andam em par ou em bando**'
- (5) are ĩ-saze to krikpi nã
CONJ 3-comida ENF grilo POSP

kãto kwakrzuhə nã kãto romkrã nã
CONJ lagartixa POSP CONJ fruta POSP
'**a comida dela é grilo, lagartixa e fruta**'
- (6) are dure nõkwa rɔm-hi ø-te so ka-zakra wa
CONJ ADV alguém coisa-osso 3-ERG procurar PART-ajuntar SUB

ø=za to nêsi ø-kahu
3=IRR ENF ITER 3-comer
'**se alguém ajuntar ossos (de galinha) ela também come**'

- (7) tazi ø=za nõkwa so ø-sabu are nãsi awẽre
 ADV 3=IRR alguém procurar 3-observar CONJ ITER de.dia
 ‘então a pessoa observa (o local) durante o dia’
- (8) so t-simãsis ø-te k-mẽ ø-wrĩ pibumã
 procurar 3-chegar.DU 3-ERG 3-PART 3-matar SUB
 ‘quando ela(s) chega(m) para matá-la(s)’ (e, quando ela chega, mata)
- (9) totahã kbazeĩprã wa=norĩ akwẽ wa-m nnĩ ø-zeĩ-di
 3.ENF caça 1=PL índio 1-DAT carne 3-gostar-EST
 ‘a carne dessa caça para nós índios é gostosa’
- (10) sazai snã kãto hri snã
 moquear POSP CONJ cozinhar POSP
 kãto dure kre snã ø=za nõkwa k-mẽ=ø-si
 CONJ ADV secar POSP 3=IRR alguém 3-PART=3-comer
 ‘moqueada, cozida e, também, fritada/seca, a gente come’

APÊNDICE 4 – Texto: A alimentação dos Akwê

Relatos gravados em 2012
Tradução livre: Kuzadi Xerente

Alimentação dos ancestrais

- (1) ahəmã akwê kti-re warɛ-re-k
ADV akwê magro-DIM estreito-DIM-EST
‘antigamente, o akwê era magro, era fininho’
- dasa kãnê aikuwa wa hã ø=za t-kre ø-kahur
comida ADV mato POSP ENF 3=IRR 3-CONT 3-comer
‘pois comia só comida do mato’
- (2) kupa kãto kãnê ro k-mã ø-wazar kō
mandioca CONJ ADV coisa 3-DAT 3-misturar NEG
- nhaite nã ĩ-smĩ ø-hepto zawre nã
DEM POSP 3-DEM 3-engordar INTENS POSP
‘mandioca e coisas (comidas) não misturadas com aquelas que engordam muito’
- (3) tokto təkãinĩ wa-nōrĩ akwê wa-hepto zawre mnō
ADV ADV 1NSG-PL akwê 1NSG-engordar INTENS PART
‘agora, hoje em dia, nós akwê engordamos muito’
- (4) to ktəwankō sa-zɛ aimō wa=t kr=kahur
ENF não.índio comer-NMZ ADV 1NSG=RLS CONT=comer
‘por causa da comida dos brancos que comemos continuamente’
- tahã mã=t wa-hepto wawẽ
3 3=RLS 1NSG-engordar INTENS
‘estamos muito gordos’

Refeições ao longo do dia

- (1) tahã to dasa tahaĩ wa to kupazu ĩnĩ nã
 3 ENF comida 3 POSP ENF farinha.de.mandioca carne POSP
 ø=za nõkwa kměsi romakrãre
 3=IRR alguém comer manhã
 ‘essa é a comida que comemos de manhã, farinha de mandioca com carne’
- (2) am zumre karo wamzumzə ĩnĩ
 meio.dia arroz feijão carne
 ‘ao meio dia, arroz, feijão e carne’
- (3) are rowahə to dure dasa karo ĩnĩ kupazu
 CONJ tarde ENF ADV comida arroz carne farinha
 akwě t-mã ø-seĩ ktab-di to wa-nõrĩ
 índio 3-DAT 3-gostar verdadeiro-EST ENF 1-NSG
 ‘e à tarde tem mais comida: arroz, carne, farinha, que para nós akwě é muito gostoso’
- (4) taněnmě wa-sa-ze totahã nhaite kuprakro kuparpě romakrãre
 ADV 1NSG-comer-NMZ 3.ENF DEM grolado beiju manhã
 ‘então, nossa comida de manhã é essa, grolado e beiju’
- (5) wdepro wa=za to dure ø-kahur wa=nõrĩ kuparpě nã
 café 1=IRR ENF ADV 3-comer 1=NSG beiju POSP
 ‘café, nós tomamos com beiju’

Alimentação de bebê

(1) aikte surure-re dahəi si ø=za ø-wapsõ
criança pequeno-DIM peito ADV 3=IRR 3-mamar
'O bebê só mama'

(2) tahawi to ø=za nõkwa t-mã ø-ka-i-re
ADV ENF 3=IRR alguém 3-DAT 3-comer-VL-DIM
'depois disso, se dá comerzinho (ao bebê)'

dasa-ĩ-re kuzapõ kwanrẽ kumdi kwanrẽ
comida-VL-DIM abóbora moqueada batata moqueada

ø=za nõkwa t-mã ø-ka
3=IRR alguém 3-DAT 3-comer

'comidinha, abóbora moqueada, batata moqueada se dá para ele comer'.

(3) are kãnẽ nhaite dasa ĩ-wapure nẽ hã
CONJ ADV DEM comida 3-leve ADV ENF
'e... assim, essa comida leve, desse jeito mesmo'

(4) taparim si tokto sim=akse-re parim si kr=mõr
ADV ADV ADV REFL=crescer-DIM ADV ADV CONT=andar.SG
'depois, só quando estiver grandinho, quando começar a andar'

pari tokto dasa ĩ-pre-re
ADV ADV comida 3-pesado-DIM

'depois, agora, se dá comida mais fortinha'

kə wakro-re nã t-kre t-mã ø-ka
água quente-DIM POSP 3-CONT 3-DAT 3-comer

'com caldinho, para ele comer'.

Alimentação de doentes

- (1) nōkwa həzɛ wa nhaite ø-te ø-knē kō-di
 alguém doença POSP DEM 3-ERG 3-engolir NEG-EST
 ‘uma pessoa doente não pode comer isso’
- (2) amsi ø-te ø-knē kō-di
 abacaxi 3-ERG 3-engolir NEG-EST
- tbe ĩ-həi kō-nē hã ø-te ø-knē kō-di
 peixe 3-pele NEG-CONJ ENF 3-ERG 3-engolir NEG-EST
 ‘não pode comer abacaxi, não pode comer peixe de couro, nem semelhante’
- kāto durɛ krawa-nĩ kwəbə-nĩ kuhə-nĩ
 CONJ ADV paca-carne porco-carne porcão-carne
 ‘e, também carne de paca, carne de porco, carne de porcão’
- (3) nhaite nōkwa ø-kraprɛ wa durɛ ø-te ø-kne kō-di
 DEM alguém parir POSP ADV 3-ERG ø-engolir NEG-EST
 ‘a mulher que deu à luz também não pode comer (as comidas mencionadas)’
- (4) to tanē hã rɔ
 ENF ADV ENF coisa
- nhaite krawa ø-te ø-knē kō-di nōkwa ø-kraprɛ wa
 DEM paca 3-ERG 3-engolir NEG-EST alguém 3-parir POSP
 ‘assim, a (mulher) que deu à luz não pode mesmo comer paca’
- (5) aikte mã ĩ-sɛparkwai mã ø=za t-kunē
 criança DAT 3-mãe DAT 3=IRR 3-estragar
 ‘para a criança e para a mãe faz mal’
- are aikte mã i-kunē to kbazeĩprã i-wa-di
 CONJ criança DAT 3-estragar ENF caça 3-ruim-EST
 ‘e para a criança faz mal, tem caça que é ruim’

- (6) nhaite kkɔra kbazeĩprã pipa nẽ hã aikte t-mã t-kunẽ
DEM macaco caça temer CONJ ENF criança 3-DAT 3-estragar
'assim, a caça de macaco faz muito mal para criança'

APÊNDICE 5 – Texto: O trabalho dos Akwê

Relatos gravados em 2012
Tradução livre: Kuzadi Xerente

A divisão do trabalho

- (1) pikõ i-n-ipi wa=za wasku nhaite kri wam hã
mulher 3-R-trabalho 1=IRR contar DEM casa LOC ENF
‘vou contar (sobre) o trabalho das mulheres em casa’
- (2) pikõ ø=za kri wam hã da-sa-ze k-mã=ø-kwamã
mulher 3=IRR casa POSP ENF PIH-comer-NMZ 3-DAT=3-fazer
‘a mulher que faz a comida, na casa’
- (3) akwê sa kahur-ze to nhaite
akwê comer comer-NMZ ENF DEM

kuparpê kupazu kupakro pikõ ø=za ø-kahi
beiju farinha grolado mulher 3=IRR 3-cozinhar
‘essa é a comida do povo Akwê, que a mulher cozinha: beiju, farinha, grolado’
- (4) are ambə nōrĩ to brum wa ø=za ø-s-ipi
CONJ homem PL ENF roça LOC 3=IRR 3-R-trabalhar

kmãkwamã nhaite ø-te ro t-kre mnõ pibumã
fazer DEM 3-ERG coisa 3-CONT PART SUB
‘os homens trabalham na roça para plantar essas coisas’

amõ kri ku pikõ i-mã ro ø-te sakra pibumã
ADV casa ALA mulher 3-DAT coisa 3-ERG amontoar SUB
‘para levar para a casa as coisas para as mulheres’
- (5) are tapari ø=za pikõĩ nōrĩ ø=za aimõ kri wa
CONJ ADV 3=IRR mulher PL 3=IRR ADV casa LOC

ro kmãkwamã da-sa-ze
coisa fazer PIH-comer-NMZ
‘E, depois, em casa, as mulheres fazem as coisas de comer, a comida’

(6) akwě sa-zε kahə-di kumdi kuzapo wazumzə
 akwě comer-NMZ muito-EST batata abóbora feijão
 ‘As comidas do povo Akwě são muitas: batata, abóbora, feijão’

(7) tanã t-aimõ akwě sa t-kre kahur
 PRON 3-ADV akwě comer 3-CONT comer
 ‘Com isso aí que o povo akwě se alimenta sempre’

kupakro kuparpě kãto kupakbu dure akwě nõrĩ t-mã sēĩ-di
 grolado beiju CONJ beirubu ADV akwě PL 3-DAT gostoso-
 EST

‘grolado, beiju e beirubu²⁶, que os akwě também gostam muito’

(8) taně nmě wa=t təkãhã ø-wasku
 CONJ---- 1=RLS DEM 3-contar
 ‘Por isso que eu contei’

pikõ ø=za kri wa s-ipi t-kre kmãkwamã
 mulher 3=IRR casa LOC R-trabalho 3-CONT fazer
 ‘que as mulheres trabalham em casa’

²⁶ Beirubu: bolo de mandioca com carne.

O trabalho da mulher e o uso da água

- (1) ahəmã to kə mba ø=za nōkwa
 ADV ENF rio LOC 3=IRR alguém
 kbazeĩprã ø-te k-mě ø-wrĩ wa
 caça 3-ERG 3-PART 3-matar SUB
 ‘Antigamente, levávamos a caça para tratar no rio’
- (2) taně kōwa tbe ø=za nōkwa kə mba ø-du
 ADV----- peixe 3=IRR alguém rio LOC 3-carregar
 ‘também carregávamos a pesca para o rio’
- (3) are kə mba snã ø-wazer taha zəhuri
 CONJ água LOC intestino 3-tirar.SG algo cotia
 ø-te k-mě ø-wrĩ wa
 3-ERG 3-PART 3-matar SUB
 ‘E no rio tratávamos cotia, quando matávamos’
- (4) tokto təkāinĩ to nhaite ktəwanō ø-te k-mã tohnera
 ADV ADV ENF DEM não.índio 3-ERG 3-DAT tornera
 ‘Agora, hoje em dia, é isso que os não índios chamam de torneira’
- (5) tohnera krēwairbe mnō pari tokto nōkwa kə mba ø-mōr kō-di
 tornera surgir.PL PART ADV ADV alguém rio LOC 3-ir NEG-EST
 ‘Depois que surgiram as torneiras, agora ninguém vai mais para o rio’
- (6) to kri ø=za ø-mō tbenōkwa he kukri rɔ snã ø-wazere
 ENF casa 3=IRR 3-ir pescador pele raspar coisa intestino tirar
 ‘Agora em casa que os pescadores vão tratar (raspar a pele, limpar os intestinos) os peixes’
- (7) kri wa ø=za kbure rɔ k-mã= ø-kwamã
 casa LOC 3=IRR ADV coisa 3-DAT=3-fazer
 ‘em casa que fazemos todas as coisas’

(8) sikuza kupsõ kahi tokto kə mba nõkwa ø-mõr kõ-di
 roupa lavar cozinhar ADV rio LOC alguém 3-ir NEG-EST
 ‘Lavar roupa, cozinhar, agora, ninguém vai mais pro rio’

(9) ø=za to ø-mõ nmãzi kri wamsi ø=za aimõ ro kmãkwamã
 3=IRR ENF 3-ir PRON casa POSP 3=IRR ADV coisa fazer
 ‘Algum dia (a pessoa) vai (para o rio), (no geral) faz as coisas (sempre) em casa’

O trabalho da mulher e o uso do fogo

- (1) kupazu to ambə norĩ ø=za t-si ø-waihək pikō mẽ
 farinha ENF homem PL 3=IRR 3-REFL 3-ajudar mulher COM
 ‘Quando fazem farinha de mandioca os homens e as mulheres se ajudam’
- (2) tanörĩ ø=za kazat
 3.PL 3=IRR torrar
 ‘Eles fazem juntos’
- (3) are dasa to pikō ø=za ø-kahi
 CONJ comida ENF mulher 3=IRR 3-cozinhar
 ‘A comida a mulher que faz’
- (4) are ahəmã to kunmã wamsi wa-m kahri-ze
 CONJ ADV ENF fogo ADV 1-DAT cozinhar-NMZ
 ‘Mais antigamente (eu) cozinhava só na lenha (no fogão a lenha)’
- (5) tokto təkāinĩ
 ADV ADV
 to ktəwanō ø-te k-mã fugãw ø=za nōkwa ø-kahi
 ENF não.índio 3-ERG 3-DAT fogão 3=IRR alguém 3-cozinhar
 ‘Agora, hoje em dia, cozinhamos no fogão do branco’
- (6) are tane nmě mã=to ro təkāinĩ sistu-re
 CONJ ADV----- 3=RLS=ENF coisa ADV acabar-DIM
 ‘Por isso hoje já estão acabando (essas coisas/esse costume)’
- (7) are nōkwa=m nōrĩ ø=za to adu kahri-re kunmã wã
 CONJ alguém=DAT PL 3=IRR ENF ADV cozinhar-DIM fogo POSP
 ‘só algumas pessoas ainda cozinham na lenha’
- (8) taně nmě wa=t ø-wasku
 ADV----- 3=RLS 3-contar
 ‘Por isso, eu contei’

APÊNDICE 6 – Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Orações complexas em Akwẽ-Xerente”, de responsabilidade de Kêt Simas Frazão, aluna de doutorado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é descrever e analisar as orações da língua Akwẽ-Xerente. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, gravações em áudio ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de encontros com o pesquisador, nos quais o participante poderá ser solicitado a, utilizando a língua Xerente, descrever oralmente imagens digitais ou impressas, descrever oralmente eventos cotidianos ou narrar histórias tradicionais ou mitos da cultura Xerente. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa contribuir para o avanço da descrição gramatical da língua Xerente e para o fortalecimento como língua materna importante no contexto cultural e social em que é falada.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 98401-5667 ou pelo e-mail ketsimas@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de disponibilização de cópias das análises publicadas na forma de artigos e tese de doutorado, os quais poderão ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos pelo e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

_____, ____ de _____ de _____

APÊNDICE 7 – Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado **Orações complexas em Akwẽ-Xerente**, sob responsabilidade de Kêt Simas Frazão, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para *análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas ou atividades educacionais*.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitados acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Desse modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

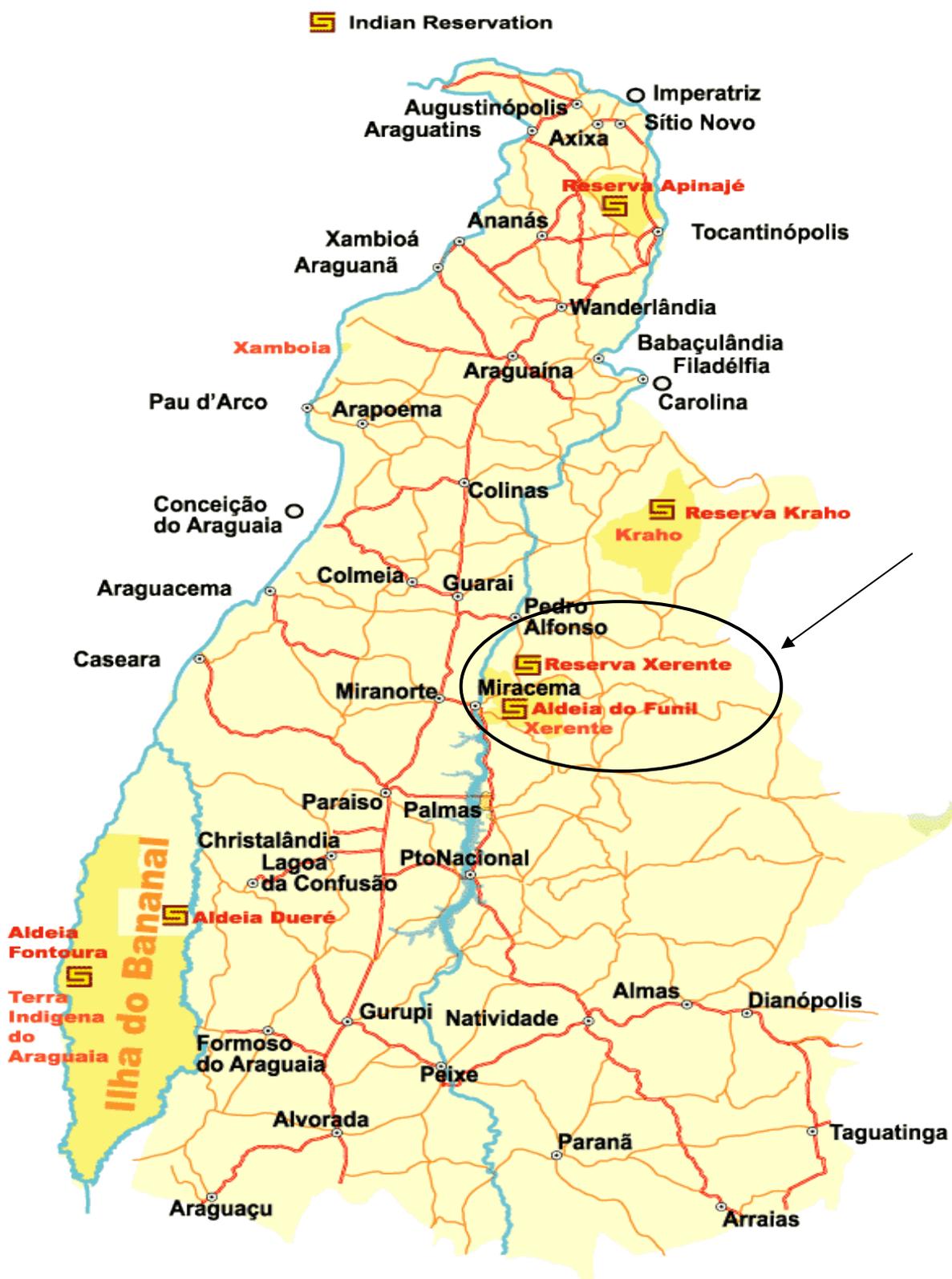
Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO 1 – Mapa do Tocantis – Localização Terras Indígenas Xerente



ANEXO 2 – Comunicação de aprovação de projeto de pesquisa

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Estrutura das orações em Akwé-Xerente (Jê)

Pesquisador: KET SIMAS FRAZAO

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 1

CAAE: 64581316.0.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.934.811

Apresentação do Projeto:

Neste Projeto de pesquisa de Doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), o pesquisador pretende dar continuidade aos estudos da língua Akwé-Xerente, iniciado no projeto de mestrado e contribuir com o aprofundamento da descrição de suas particularidades, especialmente na área da morfossintaxe.

Espera-se que o resultado do estudo aqui proposto será útil à teoria linguística em geral, de duas formas: de um lado, por oferecer a verificação, em uma língua específica, de processos linguísticos identificados nas línguas em geral; por outro lado, por colocar em evidência peculiaridades linguísticas que caracterizam a língua em questão.

Espera-se também que a pesquisa proposta venha a somar com as ações que objetivam o reconhecimento e a preservação do Akwé-Xerente como língua materna importante no contexto cultural e social do povo Akwé e como objeto de estudo científico, "comunicando aos seus falantes e à comunidade circundante que a língua é viável e digna de respeito".

Atualmente, o povo Akwé-Xerente está estabelecido no estado do Tocantins, no município de Tocantínia, em uma região localizada a aproximadamente setenta quilômetros ao norte da capital, Palmas.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVOS

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61) 3307-2760 E-mail: ihd@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 1.604.811

Analisar e descrever as estruturas oracionais da língua Akwe-Xerente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Analisar e descrever os afixos pessoais;
2. Analisar descrever a estrutura da oração independente ou principal;
3. Analisar descrever a estrutura da oração dependente ou subordinada;
4. Identificar a função dos marcadores de tempo, aspecto, modo e pessoa (TAMP) na delimitação da oração principal;
5. Identificar o papel dos prefixos relacionais dentro das estruturas nominais e verbais.
6. Verificar o que determina a ocorrência dos casos ergativo e absoluto;
7. Analisar os usos da flexão ergativa e absoluta e verificar sua relação com a transitividade cindida ou com o sujeito fluido;
8. Verificar a existência de processos que alteram valências verbais ou nominais;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

Não há riscos previstos, uma vez que os falantes da língua que aceitarem colaborar com a pesquisa não serão expostos a nenhum tipo de situação conflituosa ou constrangedora. Os dados linguísticos utilizados no estudo serão coletados em circunstâncias naturais, em locais de conhecimento dos falantes da língua, na sua própria comunidade. Ainda assim, o documento Carta de Revisão Ética contém uma reflexão mais detalhada sobre possíveis riscos a que os participantes da pesquisa estariam sujeitos e ações planejadas para mitigá-los.

BENEFÍCIOS:

Entre os benefícios do estudo estão previstos: um aporte à descrição de aspectos gramaticais do Xerente, do ponto de vista sincrônico; a colaboração com a preservação da língua Xerente e seu reconhecimento como língua materna importante no contexto cultural e social do povo Akwe; o reconhecimento da língua como objeto de estudo científico relevante para a Linguística.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

METODOLOGIA PROPOSTA:

A metodologia proposta pelo pesquisador contempla a revisão teórica de trabalhos de abordagem linguística tipológico-funcional; a revisão de estudos existentes para a língua Xerente, especialmente na área da morfossintaxe; pesquisa de campo para a realização de coleta de dados linguísticos primários.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 606 (MINHOCÃO)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61) 3307-2760 E-mail: ihd@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 1.934.811

Serão entrevistados 10 indígenas com idade entre 20 e 49 anos, que já participaram anteriormente da pesquisa de mestrado, falantes da língua Xerente e Português.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados estão adequados

- TCLE;
- Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz (as entrevistas serão gravadas);
- Justificativa para não apresentação do aceite Institucional;
- Roteiro de entrevista

Recomendações:

Trocar no TCLE o CEP/IIH pelo CEP/CHS

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma pendência ou inadequação;

Trocar no TCLE o CEP/IIH pelo CEP/CHS

Considerações Finais a critério do CEP:

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PI_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_810056.pdf	06/01/2017 18:45:34		Aceito
Orçamento	Orçamento_Frazae.pdf	06/01/2017 18:44:30	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Outros	Carta_encaminhamento_Frazae.pdf	06/01/2017 18:43:13	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Outros	Carta_revisao_etica_Frazae.pdf	06/01/2017 18:42:53	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Frazae.pdf	06/01/2017 18:42:24	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Cronograma	Cronograma_Frazae.pdf	06/01/2017 18:39:14	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Outros	Instrumento_coleta_dados_Frazae.pdf	06/01/2017 18:38:50	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Outros	Aceite_institucional_justificativa_Frazae. pdf	06/01/2017 18:37:49	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_autorizacao_para_utilizacao_de_Imagem_e_som_de_voz_Frazae.pdf	06/01/2017 18:33:55	KET SIMAS FRAZAO	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 808 (MINHOÇÃO)
 Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ind@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.804.011

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Frazae.pdf	06/01/2017 18:33:29	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisa_Frazae.pdf	06/01/2017 18:32:34	KET SIMAS FRAZAO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_frazae.pdf	22/11/2016 18:17:39	KET SIMAS FRAZAO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

BRASÍLIA, 20 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
Érica Guinagila Silva
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA 51 - 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA E-mail: ind@unb.br
Telefone: (61)3307-2760